

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

*Pensamento e Ação no Magistério*



**Convite à leitura de**

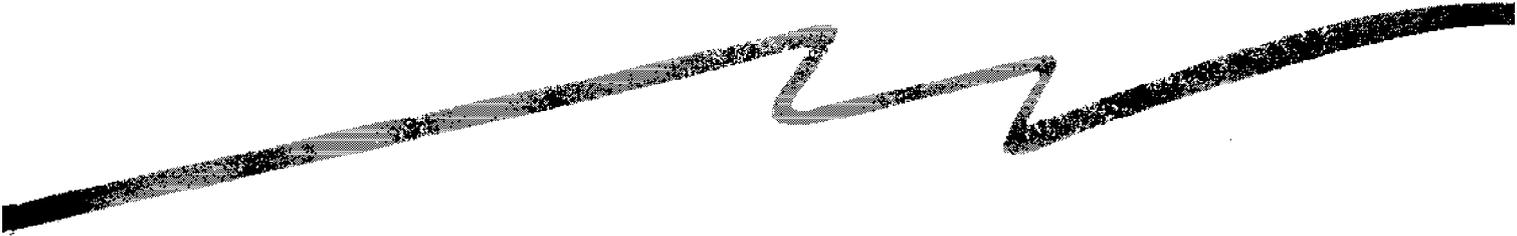
**PAULO FREIRE**

**Moacir Gadotti**

**editora scipione**

*Pensamento e Ação no Magistério*

**Convite à leitura de**  
**PAULO FREIRE**



**Moacir Gadotti**

- *Professor titular da Universidade de São Paulo*
- *Diretor do Instituto Paulo Freire*



**editora scipione**

*Edição*

Valdemar Vello

*Assistência editorial*

Lidia Maria Melo Chaib

*Preparação*

Ângela Dias

*Revisão*

Aníbal Mari e

Jonas Pereira dos Santos

*Coordenação de arte*

Alice Reiko Haga

*Assistência de arte*

Maria Yoshie Furusho

*Programação visual de capa*

Luiz Trigo e Tah kim Chiang

*Programação visual de miolo*

Luiz Trigo

*Ilustração de capa*

Rogério Nunes Borges

*Fotos*

Laurení Fochetto, Arquivo de Paulo Freire,

Arquivo do autor



**editora scipione**

**MATRIZ**

Praça Carlos Gomes, 46  
01501-040 São Paulo SP  
[www.scipione.com.br](http://www.scipione.com.br)

**DIVULGAÇÃO**

Rua Fagundes, 121  
01508-030 São Paulo SP  
Tel. (0XX11) 3272 8411  
Caixa Postal 65131

**VENDAS**

Tel. (0XX11) 3277 1788

**Expediente**

*Direção*

Luiz Esteves Sallum

*Gerência editorial*

Aurelio Gonçalves Filho

*Chefia de revisão*

Miriam de Carvalho Abões

*Coordenação geral de arte*

Sérgio Yutaka Suwaki

*Edição de arte*

Didier D. C. Dias de Moraes

*Coordenação de produção*

José Antonio Ferraz

*Gerência de marketing*

Maria José Rosolino

*Gerência comercial*

Dorival Polimeno Sobrinho

2004

ISBN 85-262-1476-4

**2ª EDIÇÃO**

**(4ª impressão)**

*Composição e arte-final*

Diarte Editora e Comercial de Livros

*Impressão e acabamento*

Gráfica VIDA & CONSCIÊNCIA

*Em memória da profes-  
sora primária ELZA MAIA  
COSTA DE OLIVEIRA,  
que iniciou Paulo Freire no  
método de alfabetização.*

*A Lidia e Estela, agradeço o envolvimento e as sugestões, que tanto enriqueceram este trabalho.*

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	7
INTRODUÇÃO .....	11
• <i>Por que um livro sobre Paulo Freire?</i> .....	12
1. À SOMBRA DAS MANGUEIRAS TAMBÉM SE APRENDE .....	19
• <i>Um adolescente que se considerava feio</i> .....	21
• <i>O ensino como paixão</i> .....	23
2. O MÉTODO QUE LEVOU PAULO FREIRE AO EXÍLIO .....	31
• <i>Alfabetização e conscientização</i> .....	35
• <i>As etapas do método</i> .....	39
• <i>Alfabetização de crianças</i> .....	40
• <i>As cartilhas e os Cadernos de Cultura</i> .....	41
• <i>Atualidade do método e sua reinvenção</i> .....	45
3. APRENDENDO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA .....	49
• <i>Antecedentes históricos do pensamento de Paulo Freire</i> .....	50
• <i>O golpe militar</i> .....	52
• <i>Exilado no Chile</i> .....	54
• <i>Principais obras da primeira fase do exílio</i> .....	57
• <i>A experiência africana</i> .....	60
4. UMA PEDAGOGIA PARA A LIBERTAÇÃO ...	65
• <i>Pedagogia dialógica</i> .....	66
• <i>Educação bancária e educação problematizadora</i> .....	68
• <i>Teoria dialógica e teoria antidialógica</i> .....	70
• <i>O papel diretivo do educador</i> .....	72
• <i>O intelectual e as massas populares</i> .....	75
• <i>Ação cultural para a liberdade</i> .....	76
• <i>Socialismo cristão e utopia</i> .....	78
5. REAPRENDENDO O BRASIL .....	81
• <i>Novo contexto, novas idéias</i> .....	84
• <i>Obras sobre Paulo Freire</i> .....	85
• <i>Paulo Freire hoje</i> .....	87

6. UM EDUCADOR REVOLUCIONÁRIO .....	93
• <i>Coerência: teoria e prática</i> .....	94
• <i>Nenhuma resposta é definitiva</i> .....	96
• <i>O educador revolucionário: pacientemente     impaciente</i> .....	99
• <i>Pedagogia da indignação</i> .....	100
• <i>O "último" Paulo Freire</i> .....	102
7. PAULO FREIRE NO CONTEXTO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO CONTEMPORÂNEO	105
• <i>Carl Rogers e a psicologia centrada no aluno</i> ..	107
• <i>Confronto com Ivan Illich</i> .....	108
• <i>John Dewey e a Escola Nova</i> .....	112
• <i>Vygotsky e os educadores revolucionários so-     viéticos</i> .....	113
• <i>A complexidade e a dimensão universal da     obra de Paulo Freire</i> .....	115
• <i>Uma homenagem original</i> .....	118
• <i>Crítica, autocrítica e concepção dialética</i> .....	119
CONCLUSÃO .....	127
• <i>Um novo amor</i> .....	132
ENTREVISTA COM PAULO FREIRE .....	135
• <i>A educação neste fim de século</i> .....	136
GLOSSÁRIO .....	146
ONDE ENCONTRAR MATERIAL SOBRE PAULO FREIRE .....	160
BIBLIOGRAFIA .....	167
• <i>Principais obras de Paulo Freire</i> .....	167
• <i>Principais obras sobre Paulo Freire</i> .....	169

## PREFÁCIO

*Os últimos 30 anos da história da educação brasileira foram caracterizados por importantes marcos no campo da educação popular e da educação de adultos. Paulo Freire é um desses marcos, talvez o mais significativo.*

*Até a década de 50, praticamente inexistia uma forma própria de pensar a questão escolar dos adultos oriundos das camadas populares, cujo ensino era, quase sempre, referenciado pela reposição dos conteúdos escolares do ensino de crianças; a partir daí, as coisas começaram a mudar. Tais mudanças brotaram numa época fértil, de intensa mobilização política, em que os educadores — ao reconhecer que o trabalho escolar não tinha como propiciar uma mudança efetiva nas condições de vida dos trabalhadores que buscavam os bancos escolares — procuraram unir o pedagógico ao político. O pensamento de Paulo Freire estava aí presente, não só na crítica ao sistema educacional que concorria para a manutenção da sociedade opressiva, como também na formulação de uma pedagogia que contribuísse para a transformação social.*

*Ao seu lado, inúmeros educadores saíram à luta, reinventando práticas político-pedagógicas orientadas para um objetivo maior: aprimorar a ação política do educador que se dispunha a construir uma sociedade mais justa. Viram, todos eles, suas intenções serem abortadas pelas forças conservadoras que assumiram o poder em 1964.*

*Mas a semente já estava plantada. Enquanto o trabalho de Paulo Freire ultrapassava nossas fronteiras e alcançava reconhecimento no Chile, na África libertada e em inúmeros outros países abertos a uma luta por novos caminhos, por aqui desenvolvíamos formas de resistência à opressão.*

*Na ausência de Paulo Freire, suas idéias serviram de alimento para os educadores populares que buscavam — não apenas nos espaços escolares ou nos círculos de cultura, mas em todo o espaço social do bairro, da comunidade e do trabalho — formas de dizer não às injustiças do seu tempo e de buscar saídas onde parecia não haver portas. Assim, os educadores de adultos aproximaram-se mais e mais do cotidiano dos grupos populares, tornando-se cada vez mais comprometidos com a prática de tais grupos, na medida em que se propunham a não desvin-*

*cular a ação educativa da vida dos educandos e, a partir dela, refletir sobre seu mundo em busca de maior consciência dos problemas e de saídas para eles.*

*Aos poucos, os movimentos populares ganharam força e começaram a pressionar o autoritário Estado brasileiro a conceder-lhes maior participação e a respeitar os direitos sociais. A luta pelo direito a uma escola pública de qualidade uniu os interesses populares aos educadores engajados na melhoria das condições de vida da população.*

*Os tempos eram outros. Já não se aceitava mais a escola libertadora da década de 60, aquela que imaginava ingenuamente poder converter as pessoas em cidadãos conscientes e empenhados na luta por uma transformação social, e não reconhecia as limitações do trabalho escolar para o alcance de tal objetivo. Tampouco se podia considerar a escola capitalista apenas como aquela voltada para a reprodução das relações de classe. O momento apontava para a escola capitalista como ela é, com todas as contradições da sociedade que a produz. É nesse sentido que o papel do educador se reafirma, não só na necessidade de uma formação profissional consistente, mas também de uma formação política que possa fazer da prática pedagógica uma ação empenhada na superação das contradições que envolvem a escola, seus métodos e conteúdos, e também o educador e o educando.*

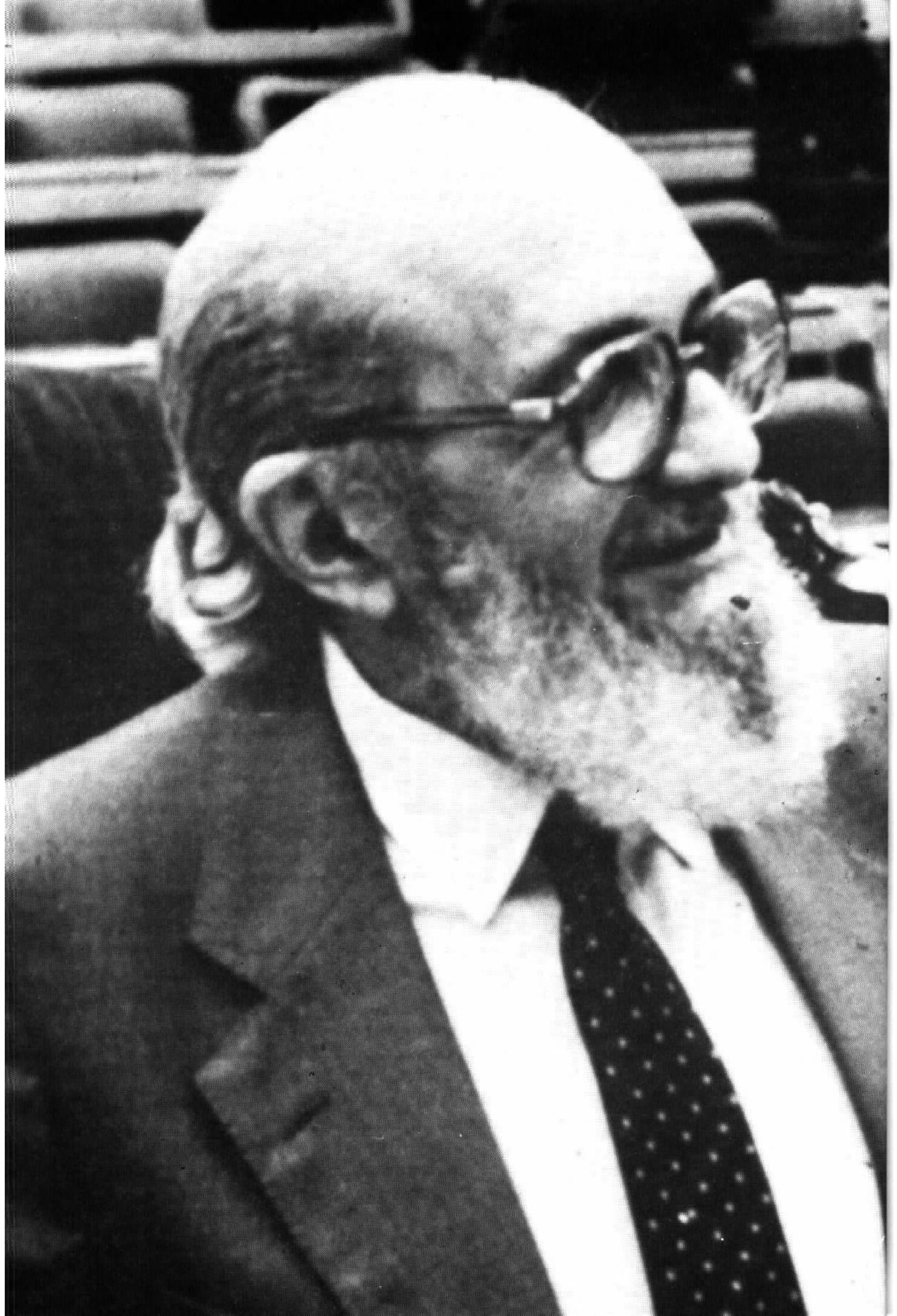
*E aí, mais uma vez, Paulo Freire se faz presente, discutindo o papel do educador, seu compromisso com o educando, a forma como a educação se realiza, a questão do conhecimento, sua produção e transmissão, tendo sempre as camadas populares como interlocutoras privilegiadas. Sua luta por uma escola popular de qualidade não se dá com a negação das experiências educativas que vinham ocorrendo no âmbito dos movimentos sociais. Pelo contrário, Paulo Freire voltou ao Brasil querendo reaprendê-lo como um todo, querendo reencontrar o cotidiano que lhe fora negado, mas que não negou suas idéias e sua prática.*

*Este livro de Moacir Gadotti constitui uma iniciação à vida e à obra de Paulo Freire, aborda sua prática e suas idéias, sua história e seu cotidiano. Gadotti, como eu e inúmeros outros educadores, vivemos estes 30 anos de Paulo Freire bebendo de suas idéias e procurando confrontá-las com nossa prática. É impossível não identificá-las com aquilo que pensamos nós e a maioria dos educadores que procuram estar comprometidos com as clas-*

*ses populares. Isso vale tanto para o Brasil como praticamente para o resto do mundo, onde Paulo Freire é reconhecido, respeitado e querido. Conhecer sua obra é, portanto, um dever imperativo para quem é educador ou se prepara para vir a sê-lo.*

SÉRGIO HADDAD

*Sérgio Haddad é coordenador do Programa de Educação Popular do CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação —, e diretor dos cursos noturnos do Colégio Santa Cruz, em São Paulo.*



# **Introdução**

## POR QUE UM LIVRO SOBRE PAULO FREIRE?

Este livro é um convite à leitura de Paulo Freire, dirigido principalmente aos iniciantes em sua obra e às pessoas que se dedicam à educação ou se interessam por ela. É com essa intenção que procurei desenvolver seu pensamento pedagógico, relacionando-o com o contexto histórico e a vida do autor.

Escrever um livro com essas características é um grande desafio. Em primeiro lugar, há o desafio da **enormidade do pensamento de Paulo Freire**, um pensamento historicamente situado, formado de centenas de pronunciamentos, comunicações, conversas, entrevistas etc. Para se ter uma idéia, o educador norte-americano Donaldo Macedo levantou, em 1987, aproximadamente seis mil títulos, entre livros e artigos, sobre Paulo Freire, somente em língua inglesa. Recuperar tudo o que ele tem falado, escrito, gravado, seria totalmente impossível. Pode-se apenas ressaltar sua postura e a **filosofia da educação** que permeia sua luta e sua **herança histórico-cultural**.

Tentei escrever um livro sobre educação como o próprio Paulo Freire o faria, utilizando um método, partindo de uma prática de vitórias e derrotas em que se aprende com a própria vida. Procurei seguir uma linha cronológica, em que vida e obra se encadeassem naturalmente. O apoio em textos do autor visa deixar falar Paulo Freire.

Para fazer este trabalho, além de estudar sua obra, investiguei numerosas cartas que se encontram no Centro de Estudos em Educação Popular Vereda. São documentos muito interessantes, que podem caracterizar a **personalidade** de Paulo, escritos por pessoas que com ele convivem ou conviveram, aprendendo pelo **testemunho** do educador, por sua atenção e pela seriedade que ele dispensa a cada manifestação do crítico. Vejamos dois exemplos.

No dia 19 de setembro de 1983, data de seu aniversário, Paulo recebeu uma carta de 24 crianças de uma escola pública de São Pedro, no estado de São Paulo.

Dão Pedro, 19 de setembro de 1983

Querido Professor Paulo Freire

Estudamos na 1ª série C do  
E.E.P.G. Gustavo Teixeira. Dia  
22 de setembro vamos comemorar  
o aniversário de nosso patrono.

Gustavo Teixeira foi um poeta  
que muito amou as crianças e a  
natureza

Estamos escrevendo-lhe para  
pedir-lhe que continue sempre  
amando as crianças

Carinhosamente

Andrea	mônica
Caroline	Anderson
Dalila	Adriano
Alexandre	Adair
Alexandre	Edison
Eder Marcos	Edenilson
Labiano	Alro
Elaine Cristina	Tabio
Claudia	Labiana
Beatriz Aparecida	Waldir
Eder	Anassir
Roberto	Egisleine

Eis a resposta de Paulo Freire:

São Paulo  
Setembro, 28  
1983

Queridas amigas e  
queridos amigos da  
Primeira Série A da  
Escola Gustavo Teixeira,

Recebi, hoje, na Universidade  
de Campinas, a cartinha de  
vós. Fiquei muito contente com  
a prova de confiança que vós  
me deram ao me pedirem  
que eu continue amando as  
crianças. E fiquei contente tam-  
bém com a coincidência de vo-  
ces me terem escrito no dia  
de meu aniversário. No mes-  
mo dia em que meus sete ne-  
tos fantaram comigo, me  
deram presentinhos que eles  
mesmos escolheram e kri-  
caram comigo.

Prometo que nunca vou dei-  
xar de querer bem aos meninos  
e às meninas. Su amo muito  
a vida.

com o carinho de

Paulo Freire

Encontrei também esta foto, que um de seus leitores — um educador que aplica suas idéias em tribos nômade-s do deserto do Quênia — lhe enviou, em 1986.



*Uma das aproximadamente 80 classes de povos nômades do deserto do Quênia que seguem o método de Paulo Freire.*

Exemplos como esses, de manifestação de carinho, de reconhecimento de seu trabalho, fotos de colaboradores, são inúmeros. Examiná-los foi uma experiência muito rica e gratificante, que me fez escrever este livro com muita paixão. Ele foi saindo num contínuo, uma coisa puxando outra, com a ajuda de minha secretária Mirian Zucarello, a quem muito agradeço.

Ao estruturar a obra<sup>1</sup>, também tive em mente que ela seria lida por alunos de magistério, futuros professores, que, inicialmente cheios de amor e cheios de esperança na profissão escolhida — lidar com crianças —, depois de alguns anos de exercício profissional muitas vezes desanimam diante dos baixos salários e das más condições de trabalho. Espero que ela lhes sirva como testemunho de uma vida dedicada à educação também em situações

adversas, mas tirando proveito dessas adversidades, desses limites, e aprendendo com eles e apesar deles.

A leitora ou o leitor não deve procurar aqui receitas mágicas para, a partir delas, extrair mecanicamente melhores resultados em sua prática pedagógica. Não nos descuidamos, todavia, da análise das propostas concretas de atuação que constituem parte integrante da filosofia educacional de Paulo Freire. A rica experiência e a análise teórica desse educador, moldadas em diversas partes do mundo, certamente nos ajudarão a compreender os contextos, necessariamente distintos, em que atuamos, tornando nossa intervenção mais eficaz e objetiva.

A atualidade desse pensamento decorre não apenas de sua validade universal, mas do fato de que o contexto histórico de hoje não é radicalmente diferente daquele no qual Paulo Freire desenvolveu suas idéias.

Resgatar o sentido e a importância do ensino no processo civilizatório brasileiro é certamente um dos grandes desafios que os jovens educadores de hoje irão enfrentar, dado o descaso a que foi submetida a educação durante o regime autoritário.

A vida e a obra de um educador otimista e crítico como Paulo Freire deverá servir de estímulo para que prosigamos nesta tarefa necessariamente coletiva de construção e reconstrução social, na qual o educador tem um peso e, a longo prazo, um papel decisivos.

Vejamos agora alguns comentários sobre Paulo Freire e sua obra.

Referindo-se à impossibilidade de classificar o educador dentro de alguma corrente do pensamento pedagógico contemporâneo, diz Linda Bimbi: "A inclassificabilidade deriva da absoluta incompatibilidade com esquemas, que é a expressão visceral de sua ligação com a terra e com o homem. Nesse sentido, ele pode muito bem representar o intelectual autêntico do nosso mundo, dos povos que emergem hoje para a História". Trata-se da emergência de um novo tipo de intelectual, "orgânico", na expressão de Gramsci.

O conhecido filósofo e escritor Roger Garaudy cita a obra de Paulo Freire como exemplo de luta na construção de uma sociedade socialista com "face humana", e como testemunho da importância dos países do Terceiro

◁ *Linda BIMBI, prefácio à edição italiana do Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire.*

Mundo na questão social e educacional. Ele acha significativo que seja um brasileiro, Paulo Freire, “o maior pedagogo de nosso tempo”, tendo dado à alfabetização e ao ensino em geral a missão de despertar nas massas uma consciência crítica e militante, de fazer dela uma “pedagogia do oprimido” e uma “prática da liberdade”.



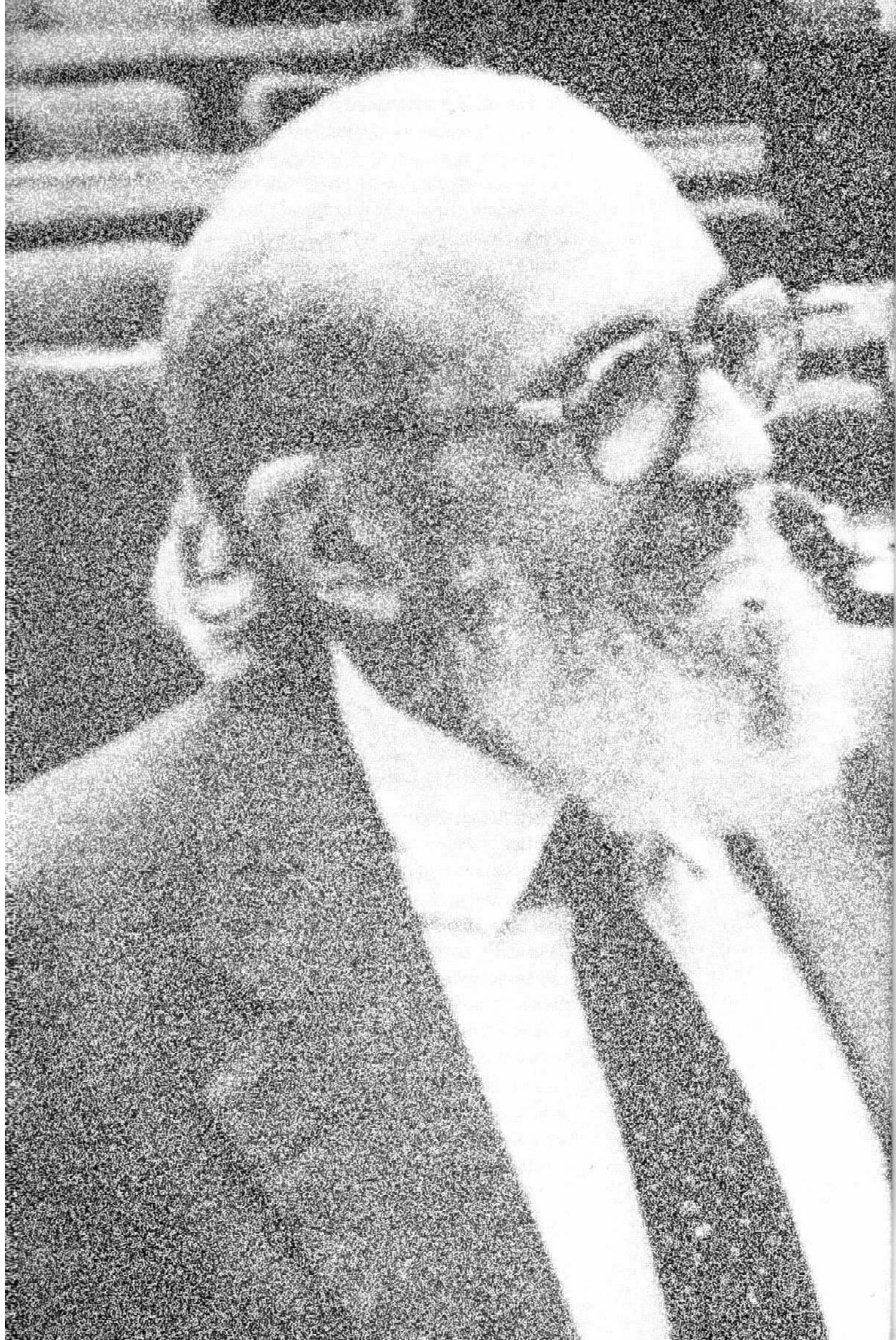
*Cartaz encontrado num bar, em Massachusetts, em que se lê: O papel fundamental das pessoas comprometidas com a ação cultural que visa à conscientização não é falar corretamente, para fabricar a idéia libertadora, mas convidar as pessoas a se apoderarem, com suas próprias mentes, da verdade de sua realidade.*

Em 1986, o jornal americano *The New York Times* publica matéria ressaltando a importância do educador brasileiro na organização de vários sistemas educacionais.

O jornal o chama de “o maior especialista em alfabetização e educador radical do mundo”, entendendo-se “radical” como de esquerda. Nos Estados Unidos, as idéias de Paulo Freire foram adotadas por grupos feministas, hispânicos, negros, em programas de formação de professores e em outros campos, como o da saúde, da economia e da sociologia.

Sua filosofia educacional, no entanto, encontrou resistência junto às classes dominantes de seu país, embora se tenha difundido em toda a América Latina, na África e também em nações altamente desenvolvidas.

Mas, afinal, quem é esse educador chamado Paulo Freire?



**À sombra das  
mangueiras também  
se aprende**

**1**

**F**ilho de Joaquim Temístocles Freire, rio-grandense-do-norte e sargento do exército, e de Edeltrudes Neves Freire, dona de casa, bordadeira e pernambucana, Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, no bairro Casa Amarela, no nº 724 da estrada do Encanamento.

Seu nome foi invenção do pai. Deveria ser Regulus, mas houve erro no cartório. Já na adolescência, começou a ser conhecido como Paulo Freire.

Sua mãe era 10 anos mais jovem que seu pai. Este era espírita, completara o ginásio e falava muito bem o francês. Ambos, marcados pela cultura patriarcal e machista do Nordeste do início do século. Paulo foi o caçula de quatro irmãos, dois dos quais morreram sem que ele os tivesse conhecido.

Sua educação inicial deu-se num clima de certa disciplina: "Meu pai", diria ele mais tarde, "viveu sempre a harmonia entre os pólos contraditórios da liberdade e da autoridade. Era um militar, mas não um autoritário. Isso batia muito com a forma de ser de minha mãe, que era, inclusive, muito meiga e muito mansa, nesse sentido, mais do que ele. Ele era também muito afetivo, extrovertido na sua afetividade, mas era menos meigo do que a velha".

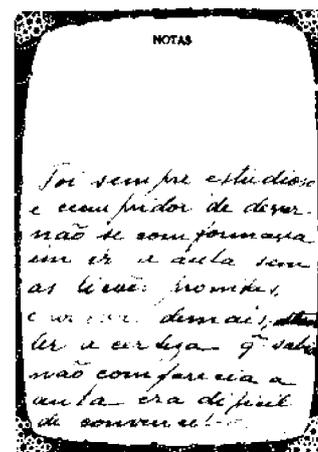
Paulo Freire aprendeu a ler com os pais, à sombra das árvores do quintal da casa em que nasceu. Sua alfabetização partiu de suas próprias palavras, palavras de sua infância, palavras de sua prática como criança, de sua experiência, e não da experiência dos pais, fato que influenciaria seu trabalho, anos depois. Seu giz, nessa época, eram os gravetos da mangueira em cuja sombra aprendia a ler, e seu quadro-negro era o chão. A informação e a formação se davam num espaço informal, antecedendo e preparando-o para o período escolar. Era o pré-escolar vivido, livre, despretenhoso.

Sua primeira escola não era pública, era uma escolinha particular, de uma professora que morreria em 1978. Ela o apanhou alfabetizado, escrevendo direitinho, fazendo cópias. Paulo estudou com ela um ano, um ano e pouco, mas jamais se esqueceu de uma coisa que eles costumavam chamar de "formar sentenças". Era um exercício que o agradava muito: ela lhe pedia que escrevesse duas ou três palavras, propondo, então,



Foto de Paulo Freire retirada de seu Livro do Bebê.

◀ Paulo FREIRE, p. 19, (24).



NOTAS  
Quando o pai insistia com ele para escrever, só respondia apenas: "Não sei falar."  
É agora que se fala quando souber escrever.



Trechos extraídos do Livro do Bebê de Paulo Freire.

que ele dissesse algumas coisas com aquelas palavras. Ela tinha a intuição da oralidade, da necessidade de exercitar a expressividade da criança. Ao escrever uma palavra, se ele cometesse erros, estes seriam corrigidos sobre a prática e na prática. Não eram abstrações.

Com ela, ele teve uma introdução aos verbos. Mas, em lugar de decorar o tempo presente do modo indicativo do verbo *ter*, vivia o verbo *ter* no presente do indicativo, como o vivia no pretérito perfeito. Afinal de contas, verbo se aprende assim, e não como muita gente ensina, através de uma recitação mecanicamente memorizada. O “eu sou”, em si, na pura recitação do tempo verbal, não é coisa nenhuma.

## UM ADOLESCENTE QUE SE CONSIDERAVA FEIO

Pode-se dizer que Paulo Freire viveu uma infância feliz. Mas conheceu muito cedo, como a quase totalidade dos nordestinos brasileiros, o significado da fome e da miséria. Tinha 8 anos quando se fizeram sentir, também no Nordeste, os reflexos da crise econômica de 29. A crise obrigaria a família Freire a mudar-se, dois anos depois, para Jaboatão, a 18 km do Recife, onde parecia ser menos difícil sobreviver. Paulo tinha 13 anos quando perdeu o pai. Com todos esses problemas, seus estudos primários foram adiados. Só entraria no ginásio, atualmente 5ª série do 1º grau, com 16 anos, quando seus colegas tinham 11 ou 12.

*Paulo FREIRE, p. 92, (24).* ▷

Conta Paulo Freire que seus colegas de ginásio eram, quase todos, bem vestidos, bem alimentados e tinham um bom ambiente cultural em casa. “Eu era ‘compri-dão’, altão, de calças curtas, e correndo já o risco do ridículo do tamanho das calças. As calças eram menores do que o comprimento das pernas.” Confessa que tinha a sensação de ser um adolescente feio. Rejeitava o próprio corpo, sua forma demasiado angulosa. Tinha medo de fazer perguntas em sala de aula, porque, sendo mais velho que os colegas, sentia-se na obrigação de formular questões inteligentes e mais rigorosas que os demais.

Mas vivendo em Jaboatão, jogando peladas nos campos de futebol, também se encontrava com meninos e adolescentes camponeses e com filhos de operários que moravam em morros e córregos. “A experiência com eles”, afirmaria Paulo Freire, “foi me fazendo habituar com uma forma diferente de pensar e de me expressar, que era exatamente a sintaxe popular, a linguagem popular, a cuja compreensão mais rigorosa me dedico hoje como educador popular”.

Paulo Freire teve sempre grande dificuldade para assimilar qualquer tipo de educação formal. Mas começou a dar aulas cedo, na época em que ainda fazia os estudos secundários. Lembra-se de ter escrito, três anos antes, numa carta a sua mãe, a palavra *rato* com dois erres.

Sua mãe formou-o na religião católica, influência que marcaria tanto sua prática — foi militante no movimento de Ação Católica — quanto suas idéias pedagógicas. Freire jamais negou sua formação cristã, atribuindo ao cristianismo um valor progressista. Mas criticaria a chamada Igreja dos opressores, opondo-a à Igreja profética, a Igreja dos oprimidos: “A Igreja profética é a Igreja da esperança, esperança que só existe no futuro, futuro que só as classes oprimidas têm, pois que o futuro das classes dominantes é a pura repetição de seu presente de opressores”.

Escrevia constantemente à sua mãe, que morreria em 1978, quando ele ainda se encontrava no exílio.

Tinha mais de 20 anos quando conseguiu uma vaga na Faculdade de Direito do Recife. Nessa época, conheceu Elza Maia Costa de Oliveira, professora primária, alfabetizadora, cinco anos mais velha do que ele, com quem se casou em 1944. Freire tinha, então, 23 anos e já trabalhava como professor secundário. Foi Elza quem o estimulou a se dedicar aos estudos, de forma sistemática, chegando até mesmo a colaborar no método que o tornou conhecido.

Paulo Freire se refere a Elza sempre com muito carinho: “Meu encontro com ela”, declarou certa vez, “foi um dos encontros mais criadores da minha vida”. Com ela teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. As três mulheres seguiram os passos dos pais, tornando-se educadoras.

◁ Paulo FREIRE, p. 7, (30).

*Ação Católica: organização criada pela Igreja Católica, na década de 20, para divulgar o catolicismo, formada de equipes de base, federações diocesanas, regionais e nacionais e conselhos nacionais. Nos anos 50, essa entidade teve papel de destaque na formação e organização política e na luta pelas reformas de base.*

◁ Paulo FREIRE em prefácio ao livro *A Igreja dos oprimidos*, coordenado por Helena Salem.



*Elza Maia Costa de Oliveira (1916-1986).*



*Em pé, à direita, Paulo Freire e sua esposa Elza (1957). No alto, da direita para a esquerda, as filhas: Madalena (2.ª), Fátima (4.ª) e Cristina (6.ª). Joaquim está no colo olhando para a mãe, Lut só nasceria no ano seguinte...*

*Paulo FREIRE em entrevista ao Pasquim, em 1978.*

- ▷ Paulo Freire prossegue: “A Elza era fabulosa, e continua. É uma presença permanente na minha vida, de estímulo. Por exemplo, quando eu estava preso no Brasil, depois de 64, Elza me visitava levando às vezes panelas de comida para todos os companheiros de cela. Ela jamais disse para mim: ‘Puxa, se tu tivesse meditado um pouco... se tu tivesse evitado certas coisas, não estarias aqui’. Jamais. A sua solidariedade comigo foi total e continua a ser”.

Paulo perderia Elza no dia 24 de outubro de 1986, depois de 40 anos de “namoro”.

## O ENSINO COMO PAIXÃO

*Paulo FREIRE, p. 40, (36).*

- ▷ “Queria muito estudar, mas não podia porque nossa condição econômica não o permitia. Tentava ler ou prestar atenção na sala de aula, mas não entendia nada, porque a fome era grande. Não é que eu fosse burro. Não

era falta de interesse. Minha condição social não permitia que eu tivesse uma educação. A experiência me ensinou, mais uma vez, a relação entre classe social e conhecimento. Então, devido aos meus problemas, meu irmão mais velho começou a trabalhar e nos ajudar, e eu comecei a comer mais. Naquela época, estudava no segundo ou terceiro ano do colegial, sempre com dificuldades. À medida que comia melhor, comecei a compreender melhor o que lia. Foi aí, precisamente, que comecei a estudar gramática, porque adorava os problemas da linguagem. Eu estudava filosofia da linguagem por conta própria, preparando-me, aos 18 ou 19 anos, para entender o estruturalismo e a linguagem. Comecei, então, a ensinar gramática portuguesa, com amor pela linguagem e pela filosofia, e com a intuição de que deveria compreender as expectativas dos estudantes e fazê-los participar do diálogo. Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão.”

Em 1946, morando novamente em Recife, Paulo Freire começou a trabalhar no SESI — Serviço Social da Indústria, onde permaneceu durante oito anos.

O SESI é uma instituição patronal com objetivos assistenciais. Foi criado, segundo Paulo Freire, “não para criticizar a consciência operária, mas para opacizar a realidade e obstaculizar, assim, a assunção da classe trabalhadora por si mesma”. Mas foi aí, exatamente aí, que a realidade se lhe revelou. Foi aí que Paulo aprendeu a dialogar com a classe trabalhadora, a compreender sua forma de apreender o mundo, através de sua linguagem. Foi aí, aprendendo na prática, que se tornou um educador. E foi praticando que ele aprendeu algo de que nunca mais se afastaria: a pensar sempre na prática.

Foi diretor do Setor de Educação do SESI e coordenou os trabalhos dos professores com as crianças, além de trabalhar com as famílias delas. Nesses círculos, no exercício das relações entre a escola e as famílias, foi aprendendo que não era com um discurso abstrato sobre, por exemplo, o código ético da criança em Piaget, isto é, discutindo conceitos abstratos, que ele iria sensibilizar um pai concreto, que bate num filho real, numa situação concreta. Mas, sim, discutindo a situação do sujeito que não ganha o suficiente para sobreviver.

◁ Paulo FREIRE, p. 8, (30).

*Jean PIAGET (1896-1980): psicólogo suíço que se destacou por suas pesquisas sobre o desenvolvimento da inteligência na criança.*



*Paulo Freire em Recife, no início dos anos 50, como diretor do Setor de Educação do SESI.*

*MCP: o Movimento de Cultura Popular surgiu de uma idéia de Miguel Arraes, eleito prefeito do Recife, em 1958. Consistia na criação de escolas para o povo, aproveitando salas de associações de bairros, entidades esportivas e templos religiosos. Em 1960, funcionava apenas a alfabetização de adultos. No ano seguinte, a Igreja criaria, nos mesmos moldes, o MEB — Movimento de Educação de Base, que envolvia não apenas a alfabetização, mas também a conscientização e a elevação cultural das massas, resgatando a ligação essencial entre educação e cultura. Desde a sua fundação, o MCP contou com a participação de Paulo Freire, que elaborou aí seu método de alfabetização.*

No SESI, Paulo Freire ficou encarregado de estudar as relações entre alunos, mestres e pais de alunos. É aí que se encontram as raízes de sua atitude pedagógica antielitista e antiidealista. Ele percebeu suas intenções “idealistas” na orientação às famílias operárias, e os equívocos dessa prática conduziram-no a novas direções. Paulo Freire atribuía seus problemas à diferença entre sua linguagem culta e a linguagem popular dos trabalhadores. O estudo da linguagem do povo foi, então, o ponto de partida para o aperfeiçoamento de seus trabalhos em **educação popular** e para a evolução de sua pedagogia.

Entre as experiências desse período que marcaram sua vida encontram-se o MCP — Movimento de Cultura Popular do Recife e os estudos sobre linguagem popular e erudita que fez enquanto professor de língua portuguesa. Nessa época, leu alguns autores brasileiros importantes, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Gylberto Freire: “Eu os li muito. E dessa forma eles também me recriaram, como jovem professor de

gramática, devido à criatividade estética de sua linguagem. Eu me lembro hoje, sem dúvida, como mudei o ensino da sintaxe, quando tinha mais ou menos 20 anos. A questão, naquela época, não era só negar as regras. Quando jovem, aprendi que a beleza e a criatividade não podiam viver escravas da devoção à correção gramatical. Essa compreensão me ensinou que a criatividade precisava de liberdade. Então, mudei minha pedagogia, como jovem professor, no sentido da educação criativa. Isto foi um fundamento, também, para que eu soubesse, depois, como a criatividade na pedagogia está relacionada com a criatividade política. Uma pedagogia autoritária, ou um regime político autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender”.

Incentivado por Elza, dedicou-se inteiramente ao trabalho educativo, abandonando a advocacia logo após sua primeira causa. É o próprio Paulo Freire quem conta essa história: “Tratava-se de cobrar uma dívida. Depois de conversar com o devedor, um jovem dentista tímido e amedrontado, deixei-o ir em paz. Ele ficou feliz por eu ser advogado, e eu fiquei feliz por deixar de sê-lo”.

Paulo Freire foi um dos fundadores do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e seu primeiro diretor. A partir dessa experiência, elaborou os primeiros estudos de um novo método de alfabetização de adultos, que expôs em 1958, no Seminário Regional Preparatório, realizado em Pernambuco, com o título “A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos”.

Em 1959, Paulo Freire escreve “Educação e atualidade brasileira”, tese com a qual concorreu à cadeira de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas-Artes do Recife, obtendo grau equivalente ao de doutor.

Nessa tese já se encontra, em germe, sua teoria e prática educacionais: “Paulo Freire criticava a educação escolar brasileira e propunha sua revisão radical a partir do estudo das atribuições do processo educativo no âmbito de uma realidade histórica particular. [...] A redação, embora ainda vacilante, já não escondia o compromisso com um ponto de vista decisivo: sob essa perspectiva, as reflexões sobre a educação escolar brasileira não poderiam desenvolver-se no vazio das proposições abstratas”.

◁ Paulo FREIRE, p. 31, (36).

◁ Márcio Moreira ALVES, *O Cristo do povo, Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.*

◁ *Primeiro artigo de Paulo Freire, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, em 1958.*

◁ Celso de Rui BEISIEGEL, p. 24, (47).

ISEB: ver glossário.

Nessa época, o trabalho de Paulo Freire se mostra fortemente marcado pelo nacionalismo e pelo desenvolvimento, influência de autores ligados ao ISEB — Instituto Superior de Estudos Brasileiros, dentre os quais podemos citar: Roland Corbisier, Álvaro Vieira Pinto e Alberto Guerreiro Ramos.

Paulo FREIRE, p. 32, (34). ▷

*Socialdemocracia: doutrina política dos movimentos socialistas que aceitam as instituições liberal-democráticas, a economia de mercado e a propriedade privada como capazes de proporcionar uma socialização gradativa dos bens e conseguir uma relativa igualdade entre as pessoas. Os socialdemocratas renunciam ao projeto de construção de uma sociedade socialista igualitária, bem como ao caminho da revolução para o socialismo.*

Paulo FREIRE, em texto publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, em 1961. ▷

Embora Paulo Freire reconheça ter cometido algumas ingenuidades nessa tese, ele estava no caminho certo. Como diria mais tarde, ele defendia “o exercício da democracia e já então falava da importância de grupos populares discutirem a sua própria rua, o seu sindicato, a escola dos seus filhos, a urbanização do seu bairro, e chegar inclusive a discutir a própria produção. Não me arrependo de ter dito isso em 59 e continuo dizendo hoje, até com muito mais convicção: é preciso que se viva nesse país a substantividade da democracia, sem nenhum medo. É preciso que, numa posição de esquerda, se acabe com essa mania de que falar em democracia é ser socialdemocrata”.

No ano seguinte, ao proferir a conferência intitulada “Escola primária para o Brasil”, defende a tese de que o problema da escola primária não é apenas seu número inferior à demanda social, mas igualmente a falta de “inserção” no contexto. Sem essa inserção, ela será uma escola que não infunde esperança, sendo “inadequada em relação ao surto de democratização, intimamente ligado ao do desenvolvimento, em que está inserido o país”. E acrescenta numa nota: “Não compreendemos mesmo como até hoje ainda não se tenha pensado — que saibamos, pelo menos — em oferecer a alunos do Nordeste brasileiro, nos seus livros de leitura, seleção do ‘romanceiro popular’, de valor não só estético, mas culturalógico”.

Além da inadequação da escola primária, Paulo Freire chama a atenção para sua inorganicidade no cumprimento de suas funções específicas: “Vale dizer que a escola de que precisamos urgentemente é uma escola em que realmente se estude e se trabalhe. Quando criticamos, ao lado de outros educadores, o intelectualismo de nossa escola, não pretendemos defender posição para a escola em que se diluíssem disciplinas de estudo e uma disciplina de estudar. Talvez nunca tenhamos tido em nossa história necessidade tão grande de ensinar, de es-

tudar, de aprender, quanto hoje. De aprender a ler, a escrever, a contar. De estudar história, geografia. De compreender a situação ou as situações do país. O intelectualismo combatido é precisamente esse palavreado vazio, sonoro, sem relação com a realidade circundante, em que nascemos, crescemos, e de que ainda hoje, em grande parte, nos nutrimos'.

Nesta época, Paulo Freire já fazia uma proposta que só recentemente está começando a se realizar: a criação de associações de pais, de alunos, conselhos escolares etc., com finalidades educativas, associando a formação da consciência crítica à organização popular.

## O ato de estudar

“Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando.

Isto é, precisamente, o que a ‘educação bancária’ não estimula. Pelo contrário, sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua ‘disciplina’ é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade.

Este procedimento ingênuo ao qual o educando é submetido, ao lado de outros fatores, pode explicar as fugas ao texto, que fazem os estudantes, cuja leitura se torna puramente mecânica, enquanto, pela imaginação, se deslocam para outras situações. O que se lhes pede, afinal, não é a compreensão do conteúdo, mas sua memorização. Em lugar de ser o texto e sua compreensão, o desafio passa a ser a memorização do mesmo. Se o estudante consegue fazê-lo, terá respondido ao desafio.

Numa visão crítica, as coisas se passam diferentemente. O que estuda se sente desafiado pelo texto em sua totalidade, e seu objetivo é apropriar-se de sua significação profunda.

◁ *Extraído de um texto escrito por Paulo FREIRE, em 1968, no Chile, para um seminário sobre educação e reforma agrária.*

*Educação bancária é a educação que concebe os alunos como recipientes vazios, em que o professor vai “depositar” conhecimentos.*

Esta postura crítica, fundamental, indispensável ao ato de estudar, requer, de quem a ele se dedica, que assuma o papel de sujeito desse ato.

Isto significa que é impossível um estudo sério se o que estuda se põe em face do texto como se estivesse magnetizado pela palavra do autor, à qual emprestasse uma força mágica. Se se comporta passivamente, 'domesticadamente', procurando apenas memorizar as afirmações do autor. Se se deixa 'invadir' pelo que afirma o autor. Se se transforma numa 'vasilha' que deve ser encheda pelos conteúdos que ele retira do texto para pôr dentro de si mesmo.

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o **condicionamento histórico-sociológico do conhecimento**. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reivindicar, de recriar, de reescrever — tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se do texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele. [...]

Não adianta passar a página de um livro se sua compreensão não foi alcançada. Impõe-se, pelo contrário, a insistência na busca de seu desvelamento. A compreensão de um texto não é algo que se recebe de presente. Exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado.

Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos num semestre.

Estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las.”

## O ato de conhecer

*Paulo FREIRE, p. 18-9, (36).* ▶ “Se observarmos o ciclo do conhecimento, podemos perceber dois momentos, e não mais do que dois, dois momentos que se relacionam dialeticamente. O primeiro momento do ciclo, ou um dos momentos do ciclo, é o momento da produção, da produção de um conheci-

mento novo, de algo novo. O outro momento é aquele em que o conhecimento produzido é conhecido ou percebido. Um momento é a produção de um conhecimento novo e o segundo é aquele em que você conhece o conhecimento existente. O que acontece, geralmente, é que dicotomizamos esses dois momentos, isolamos um do outro. Conseqüentemente, reduzimos o ato de **conhecer** o conhecimento existente a uma mera **transferência** do conhecimento existente. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir o conhecimento. Então, ele perde algumas das qualidades necessárias, indispensáveis, requeridas na produção do conhecimento, assim como no conhecer o conhecimento existente. Algumas dessas qualidades são, por exemplo, a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza — todas estas virtudes são indispensáveis ao sujeito cognoscente! [...]

E outra questão é que, quando separamos o **produzir** conhecimento do **conhecer** o conhecimento existente, as escolas se transformam facilmente em espaços para a venda de conhecimento, o que corresponde à ideologia capitalista.”

# **O método que levou Paulo Freire ao exílio** **2**

**A**s idéias — a teoria do conhecimento — de Paulo Freire sobre alfabetização devem ser entendidas no contexto em que surgiram — o Nordeste brasileiro —, onde, no início da década de 1960, metade de seus 30 milhões de habitantes vivia na **cultura do silêncio**, isto é, eram analfabetos. Era preciso “dar-lhes a palavra” para que “transitassem” para a participação na construção de um Brasil, dono de seu próprio destino, que superasse o colonialismo.

As primeiras experiências do método começaram na cidade de Angicos (RN), em 1962, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias. No ano seguinte, Paulo Freire foi convidado pelo presidente João Goulart e pelo ministro da Educação, Paulo de Tarso C. Santos, para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional, assim como Darcy Ribeiro havia sido convidado para a reforma universitária e Lauro de Oliveira Lima para a reforma do ensino secundário. Em 1964, estava prevista a instalação de 20 mil **círculos de cultura** para 2 milhões de analfabetos. O golpe militar, no entanto, interrompeu os trabalhos bem no início e reprimiu toda a mobilização já conquistada.

Paulo Freire apresentou seu método de alfabetização de forma mais detalhada em 1967 no livro *Educação como prática de liberdade*. Esse trabalho — fruto de uma experiência coletiva de mais de 15 anos, no campo da educação de adultos, em áreas proletárias e subproletárias, urbanas e rurais — contou muito com a experiência de sua namorada, esposa e companheira, Elza.

A rigor não se poderia falar em “método” Paulo Freire pois se trata muito mais de uma **teoria do conhecimento** e de uma **filosofia da educação** do que de um método de ensino. Apesar de tudo, Paulo Freire acabou sendo conhecido pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, chame-se a esse método sistema, filosofia ou teoria do conhecimento.

Como diz Linda Bimbi: “A originalidade do método Paulo Freire não reside apenas na eficácia dos métodos de alfabetização, mas, sobretudo, na novidade de seus conteúdos para ‘conscientizar’ [...] A conscientização nasce em um determinado contexto pedagógico e apresenta características originais: 1. com as novas técnicas, aprende-se uma nova visão do mundo, a qual comporta

*Para a exposição que se segue, baseamo-nos sobretudo em duas obras: Tecnologia, educação e democracia, de Lauro de Oliveira Lima, e O que é método Paulo Freire, de Carlos Rodrigues Brandão. Queremos esclarecer que o desenvolvimento do método apresentado é apenas um roteiro possível, inexistindo, na proposta de Freire, por tratar-se de um método dialético, uma seqüência rígida e inflexível ou leis metodológicas absolutas.*

*Sobre as fases de elaboração e aplicação do método, veja-se também o livro de Paulo Freire, Conscientização, p. 42-56, (10).*

◁ *Linda BIMBI, prefácio à edição italiana do Pedagogia do oprimido.*

*A humanização é o caminho pelo qual homens e mulheres podem chegar a tornar-se conscientes de si próprios, de sua forma de atuar e de pensar, quando desenvolvem todas as suas capacidades, considerando não apenas eles mesmos, mas também as necessidades dos demais.*

Comentário de Paulo FREIRE, ▶ num diálogo com Frei Betto, no livro *Essa escola chamada vida*, p. 14-5, (30).

uma crítica da situação presente e a relativa busca de superação, cujos caminhos não são impostos, são deixados à capacidade criadora da consciência 'livre'; 2. não se conscientiza um indivíduo isolado, mas sim, uma comunidade, quando ela é totalmente solidária a respeito de uma situação-limite comum. Portanto, a matriz do método, que é a educação concebida como um momento do processo global de transformação revolucionária da sociedade, é um desafio a toda situação pré-revolucionária, e sugere a criação de atos pedagógicos **humanizantes** (e não humanísticos), que se incorporam numa pedagogia da revolução''.

Com isso, Linda Bimbi procura mostrar a estreita ligação existente entre o método de Paulo Freire e o momento de transformação social. O que equivale a dizer que o método de Paulo Freire é comprometido com uma mudança total da sociedade.

O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu no interior do MCP — Movimento de Cultura Popular do Recife que, no final da década de 50, criara os chamados **círculos de cultura**. Segundo o próprio Paulo Freire, os círculos de cultura "não tinham uma programação feita *a priori*. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos círculos de cultura, era o grupo que estabelecia. Cabia a nós, como educadores, com o grupo, tratar a temática que o grupo propunha. Mas podíamos acrescentar à temática proposta este ou aquele outro tema que, na *Pedagogia do oprimido*, chamei de 'temas de dobradiça' — assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular. Porque acontece o seguinte: é que, indiscutivelmente, há uma sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social de que o povo participa, mas, às vezes, o que está faltando é uma compreensão mais solidária dos temas que compõem o conjunto desse saber. [...]

Os resultados positivos que eu obtinha nesse trabalho eram tais, enquanto desejo de aprofundamento por parte dos grupos populares, enquanto engajamento, enquanto compreensão, enquanto leitura crítica, que me perguntei: 'Se é possível fazer isso, alcançar esse nível de discussão com grupos populares, independentemente

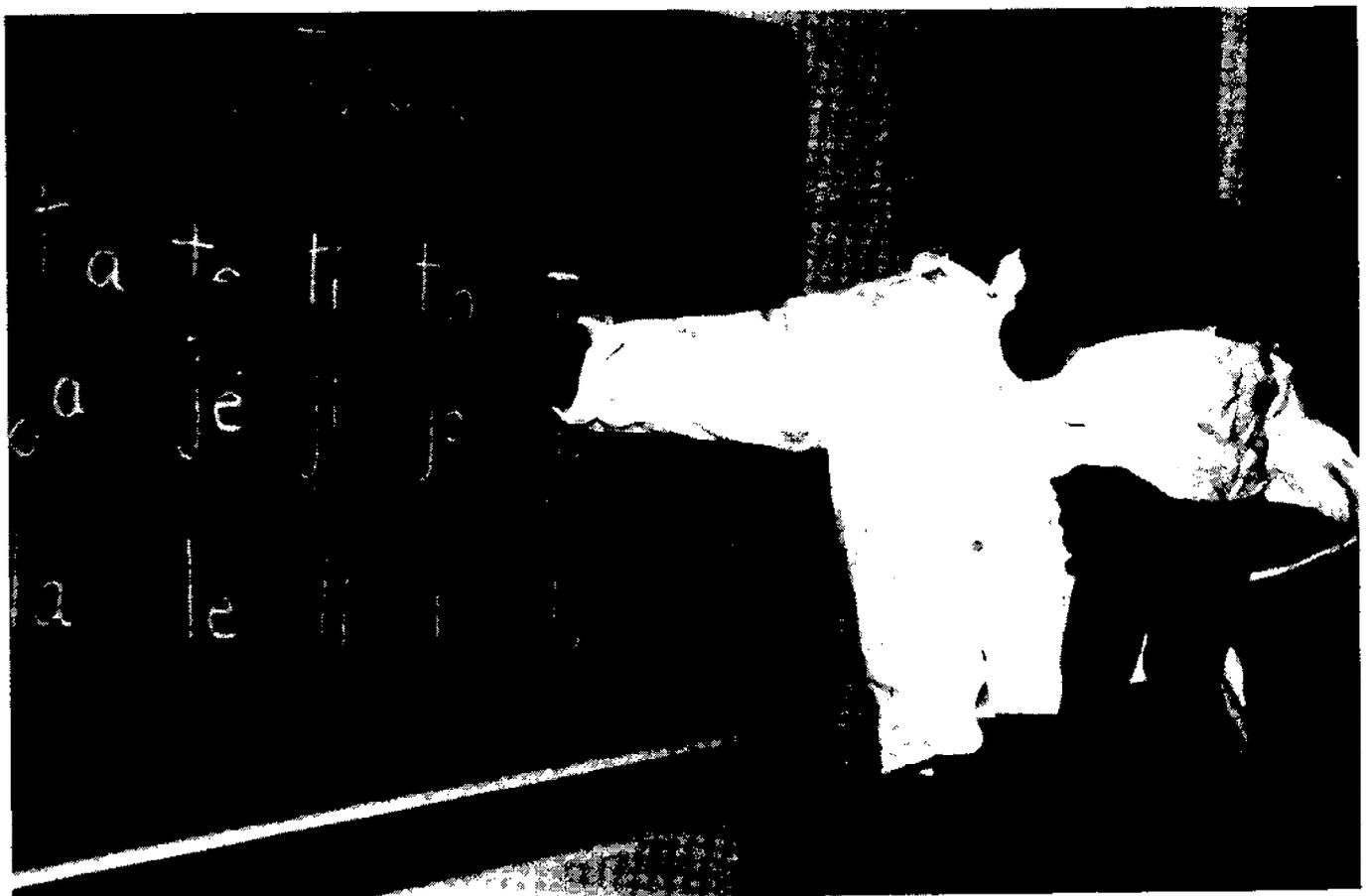
de eles serem ou não alfabetizados, por que não fazer o mesmo numa experiência de alfabetização? Por que não engajar criticamente os alfabetizandos na montagem de seu sistema de sinais gráficos enquanto sujeitos dessa montagem e não enquanto objetos dela?''

Essa intuição foi muito importante no desenvolvimento posterior da obra de Paulo Freire. Ele descobriu que a forma de trabalhar, o processo do ato de aprender era determinante em relação ao próprio conteúdo da aprendizagem. Não era possível, por exemplo, aprender a ser democrata com métodos autoritários.

A participação do sujeito da aprendizagem no processo de construção do conhecimento não é apenas algo mais democrático, mas demonstrou ser também mais eficaz. Ao contrário da concepção tradicional da escola, que se apóia em métodos centrados na autoridade do professor, Paulo Freire comprovou que os métodos novos, em que alunos e professores aprendem juntos, são mais eficientes.

Vejamos como ele trabalhava nos círculos de cultura.

*Círculo de cultura do Gama (DF), em setembro de 1963.*



## ALFABETIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Nos diversos programas de alfabetização dirigidos por Paulo Freire, o alfabetizador começava o seu trabalho saindo a campo com um caderno ou, se possível, com um gravador, atento a tudo o que via e ouvia. Misturava-se às pessoas da comunidade local da forma mais íntima possível. Não havia questionários nem roteiros a seguir: fazia perguntas sobre a vida das pessoas e seu modo de perceber o mundo. O objetivo era listar as palavras mais usadas pelos indivíduos que iam ser alfabetizados.

Tudo devia ser explorado: palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de falar, de compor versos, de contar o mundo.

Esse trabalho preliminar do alfabetizador visava revelar o mundo vivido pelos analfabetos, ou seja, como se apresentava o pensamento e a realidade social do grupo com o qual se ia trabalhar. Enfim, a técnica de alfabetização proposta por Paulo Freire surgia como uma consequência natural da tomada de consciência dos problemas vividos pelo grupo.

Dessa pesquisa, nasciam as palavras e os temas geradores, isto é, o miolo do método.

As palavras geradoras deviam ser escolhidas considerando-se não apenas seu significado e relevância social para o grupo do círculo de cultura, mas precisavam, também, apresentar todos os fonemas da língua portuguesa.

Essas palavras deviam codificar (representar) o modo de vida das pessoas do lugar. Mais tarde, elas seriam decodificadas, e a cada palavra seria associado um núcleo de questões ao mesmo tempo existencial (questões ligadas à vida) e político (questões ligadas aos determinantes sociais das condições de vida). Assim, por exemplo, para a palavra geradora *governo*, podiam ser discutidos os seguintes temas geradores: plano político, poder político, o papel do povo na organização social, participação popular.

Esse contexto figurativo dava sustentação psicológica à palavra na mente do analfabeto. A palavra geradora



*Círculo de cultura em Sobradinho (DF), em 1963.*



*Deserto do Saara. Aqui também se aprende a decodificar o mundo.*

funciona como **chave**. Ela era apresentada no contexto concreto, como no clássico exemplo da figura ao lado, em que a palavra *tijolo* aparece escrita sobre o tijolo de uma parede.

Eis um exemplo de como pode ser trabalhada uma palavra geradora.

“Palavra geradora”: *salário*.

### Idéias para discussão:

- a valorização do trabalho e a recompensa.
- finalidade do salário: manutenção do trabalhador e de sua família.
- o horário de trabalho, segundo a lei.
- o salário mínimo e o salário justo.
- repouso semanal, férias, décimo terceiro mês.

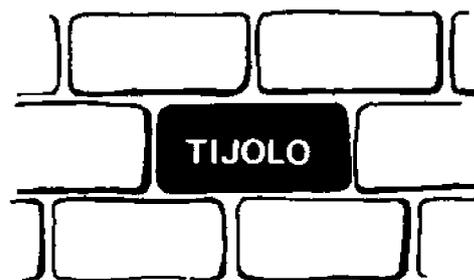
### Finalidade da conversa:

- levar o grupo a discutir sobre a situação do salário dos camponeses.
- discutir o porquê dessa situação.
- discutir com o pessoal sobre o valor e a recompensa do trabalho.
- levar o grupo a descobrir o dever que cada um tem de exigir o salário justo.

### Encaminhamento da conversa:

- o que é que vocês estão vendo neste quadro?
- como é que está a situação do salário dos camponeses? por quê?
- o que é o salário?
- como deve ser o salário? por quê?
- o que é que a gente sabe das leis sobre o salário?
- o que podemos fazer para conseguir um salário justo?

Palavra Geradora



*Exemplo extraído de um documento mimeografado para os círculos de cultura de Mossoró e Angicos (1961-62) e citado por Carlos Rodrigues Brandão em O que é método Paulo Freire, p. 53-4, (50).*

Paulo Freire tem insistido no fato de que não inventou método de alfabetização algum.

Aprender é um processo inerente ao homem, que tem necessidade de aprender, da mesma maneira que tem necessidade de se alimentar. Nesse processo em que o homem apreende a si mesmo e aos outros, existe a mediação do mundo. Esse é um processo natural, que alguns, como o educador francês Decroly, chamaram de "processo global". A experiência de Paulo Freire demonstrou que, na língua portuguesa, não são necessárias mais do que duas dezenas de palavras geradoras para se completar a alfabetização inicial.



*Pequena comunidade pesqueira, na República Democrática de São Tomé e Príncipe, que escolheu como tema gerador o termo bonito, nome de um peixe. Como codificação, eles fizeram um expressivo desenho da aldeia, com vegetação, casas típicas, barcos pesqueiros e um pescador segurando um bonito. Os alunos estavam olhando essa codificação em silêncio, quando, de repente, quatro deles se levantaram, como se tivessem combinado de antemão, e atravessaram a sala até a parede em que se encontrava pendurada a codificação. Eles a observaram bem de perto. Então, foram até a janela e olharam. Entreolharam-se surpresos e, olhando novamente para a codificação, disseram: "Isto é Monte Mário. Monte Mário é desse jeito e a gente não sabia isso". (Relatado por Donalddo Macedo, em Literacy: reading the word & the world.)*

O que é original em Paulo Freire é a ótica pela qual ele enxerga esse processo, que é uma ótica libertadora. Aprender faz parte do ato de se libertar, de se humanizar.

Trabalhe ou não com a alfabetização propriamente dita, o coordenador do círculo de cultura deve ser um agente promotor de discussão e um observador atento às dificuldades de expressão do grupo. Deve-se procurar fazer com que todos participem, estimulando-os com perguntas e tentando prolongar o debate em torno da palavra geradora, que deverá estar escrita de modo destacado e ser visível para todos os alfabetizandos. Com essa finalidade, serão utilizados vários recursos didáticos, desde o quadro-negro até projetores de eslaides e videocassetes.

Assim, como afirma Celso de Rui Beisiegel “sob estímulo, orientação e controle de um ‘coordenador’, o adulto se educava mediante a discussão de suas experiências de vida com outros indivíduos que participavam

*Tribo nômade do deserto do Saara ao término de uma reunião num círculo de cultura, em 1987.*



Celso de Rui BEISIEGEL, "Cultura do povo e educação popular", in: Edênio Valle & José J. Queiroz (orgs.), A cultura do povo, 3. ed., São Paulo, Cortez, 1985, p. 53-4.

das mesmas experiências. Apesar do cuidado com que se procurava cercar a transmissão das técnicas de leitura e escrita, mediante o uso de recursos audiovisuais e pormenorizada programação das atividades, os aspectos realmente inovadores do método apareciam: 1) no relacionamento entre a transmissão do instrumental e a ação educativa possível durante o processo; e 2) no relacionamento entre o conteúdo cultural do processo e as condições sociais, políticas e econômicas de vida do analfabeto".

## AS ETAPAS DO MÉTODO

O método de formação da consciência crítica passa por três etapas distintas, que podem ser esquematicamente assim descritas:

### Etapa de investigação

Esta é a etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas **palavras** e **temas geradores** relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizados e do grupo social a que eles pertencem. Essas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo vocabular pode ser efetuada através de encontros informais com os moradores do lugar em que se vai trabalhar, convivendo com eles, sentindo suas preocupações e captando elementos de sua cultura.

### Etapa de tematização

Nesta segunda etapa, são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma visão crítica e social. Descobrem-se assim novos temas geradores, relacionados com os que foram

inicialmente levantados. É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita.

## Etapa de problematização

Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizado. Descobrem-se os limites e as possibilidades das situações existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-limites, isto é, de obstáculos à hominização. Saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política. O objetivo final do método é a conscientização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. A educação para a libertação deve desembocar na **práxis transformadora**, ato do educando, como sujeito, organizado coletivamente.

*Hominização: etapa de evolução do mundo em que surgem o homem e a mulher, ou seja, em que surge a capacidade de refletir e de atuar sobre a realidade para transformá-la.*

## A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Na alfabetização de crianças, a teoria é a mesma, variando muito o processo, na medida em que é preciso levar em conta o maior domínio da palavra no adulto e o forte impulso lúdico das crianças. Indagando sobre a aplicabilidade de seu método a crianças, assim respondeu Paulo Freire:

“Trata-se basicamente de uma visão diferente da prática educativa. Na educação das crianças, o importante não é abrir a cabeça delas para lhes dar nomes de ilhas e vultos, mas possibilitar que as crianças criem conhecendo e conheçam criando [...], expressando-se e expressando a realidade, numa compreensão crescentemente lúcida de sua realidade. Isso é difícil porque os pais, ideologizados pela consumação, exigem que, nas escolas, seus filhos consumam conhecimentos. As universidades, mais tarde, transformam-se em armazéns de conheci-

◁ Paulo FREIRE, revista Vozes, 79, jan./fev. de 1981.

O livro *A paixão de conhecer o mundo*, de *Madalena Freire*, contém a experiência desenvolvida na *Escola Criarte e na Escola da Vila* (São Paulo), entre 1978 e 1981, e baseia-se na concepção de que a criança é sujeito do processo educativo, não havendo dicotomia entre o aspecto cognitivo e o afetivo, mas uma relação dinâmica, prazerosa, dirigida para o ato de conhecer o mundo. Em entrevistas concedidas à educadora *Fanny Abramovich*, *Madalena* confessa ter aprendido com o pai a importância de associar o fazer ao saber...

mentos. Os pais exigem que as escolas sejam pequenos pegue-pagues para seus filhos. Mas hoje também há espaços para que mudemos essa prática.”

A alfabetização de crianças, no entanto, não foi desenvolvida por Paulo Freire, mas por sua filha, *Madalena*. Esse trabalho, além de inspirar-se em Paulo Freire, baseou-se nas pesquisas de *Emilia Ferreiro*.

## AS CARTILHAS E OS CADERNOS DE CULTURA

Na segunda metade da década de 50, Paulo Freire estudou minuciosamente um grande número de cartilhas, algumas delas estrangeiras.

Sua crítica a essas cartilhas diz respeito a dois aspectos fundamentais. O primeiro é que nelas a escolha das palavras, a decomposição das palavras em sílabas e a combinação fonética são feitas pelo professor (educador), de modo que, ao educando, só resta memorizar o exercício realizado para ele pelo educador. O segundo é que as palavras e os sons que vão sendo introduzidos não remetem a criança a lugar nenhum, pois as cartilhas não têm nada a ver com a vida dessas crianças, a região em que moram, a classe social a que pertencem.

Paulo Freire partiu do fato de que o processo de alfabetização é um ato de criação, de conhecimento com. O que o educador deve fazer ao ensinar o menino é transformar o ato unilateral de ensinar alguma coisa a alguém num ato de conhecimento de alguma coisa “por alguém com alguém”. É mister que o educando assuma a posição de quem está apreendendo concretamente o objeto para poder aprender o objeto. Não haverá aprendizagem significativa se o educando não estabelecer uma relação com o objeto, não agir sobre ele.

Por ser contrário à concepção do ato de conhecer assumido pelas cartilhas — o conhecimento vindo de fora e sendo despejado no aluno —, Paulo Freire fugiu delas, no final da década de 50, e começou as experiências dos anos 60 sem cartilhas. Com o tempo, porém, ele desco-

briu que o alfabetizando precisava de um material de reforço que se adequasse a sua filosofia de trabalho. Contudo, a organização de um material de reforço que auxiliasse o educando no processo de aprendizagem não chegou a ser feita no Brasil, por causa do golpe militar. Só no Chile esse material começaria a ser organizado, sendo enriquecido posteriormente pela experiência na África, onde surgiram os **Cadernos de Cultura**.

A cartilha tradicional, na medida em que apresenta um conteúdo pronto para ser transferido para o aluno, despreza o papel formativo e criativo que o professor pode assumir. Na concepção de Paulo Freire, o papel do coordenador ou do professor é muito mais dinâmico.

A prática ensinou a Paulo Freire que seria totalmente inconseqüente levar ao operário, depois de um cansativo dia de trabalho, uma cartilha que o obrigasse a ficar repetindo, por exemplo: "Eva viu a uva. A ave é do Ivo. A uva é do Ivo". O que teria isso a ver com sua realidade?

Esse **princípio da realidade** vale tanto para a aprendizagem do adulto quanto da criança. Uma das primeiras leis da aprendizagem é o **interesse**. Como a escola tradicional apresenta conteúdos sem interesse para os alunos — crianças, jovens e adultos —, ela precisa usar métodos autoritários para ensinar.

Nos **Cadernos de Cultura** que Paulo Freire criou, não há pura transferência de conteúdos ao aluno, embora haja conteúdos. O fato de se rejeitar a pura transferência de conteúdos não significa que os **Cadernos de Cultura** abram mão deles. Pelo contrário, os conteúdos desses cadernos foram **exaustivamente** estudados e propostos, objetivando a construção de uma sociedade revolucionária.

Nos anos 50, Paulo Freire tratou enormemente da questão dos **conteúdos programáticos**. Tal questão é política, e não apenas pedagógica. As massas populares, os educadores e os educandos têm de participar da discussão sobre o que é Educação para eles e como ela deve ser feita, e isso tem a ver com a organização dos conteúdos.

Por exemplo, Paulo Freire mostrou, em um desses **Cadernos de Cultura**, que o povo sabe fazer contas porque se utiliza concretamente da matemática em sua vida de trabalho, e que contar tem a ver com política. Nesses cadernos de pós-alfabetização, Paulo Freire mostra a di-

ferença de significado das operações matemáticas em dois momentos da história de São Tomé e Príncipe: na época colonial e depois da libertação. Uma coisa é a soma do ponto de vista do capitalista, e outra é o significado da soma para o trabalhador. O capitalista, na sua soma, inclui uma parte do trabalho do assalariado. Na soma do assalariado, esse só pode contar consigo mesmo e com seus companheiros de trabalho. Até a matemática, que parece tão neutra, pode ser contextualizada.

Num outro Caderno, a respeito de Saúde, onde são estudadas as quatro ou cinco doenças mais graves no país, a saúde não é apresentada de forma abstrata. A preocupação básica de Paulo Freire com relação ao conteúdo dos Cadernos é que eles se reportem à realidade concreta, a ser transformada.

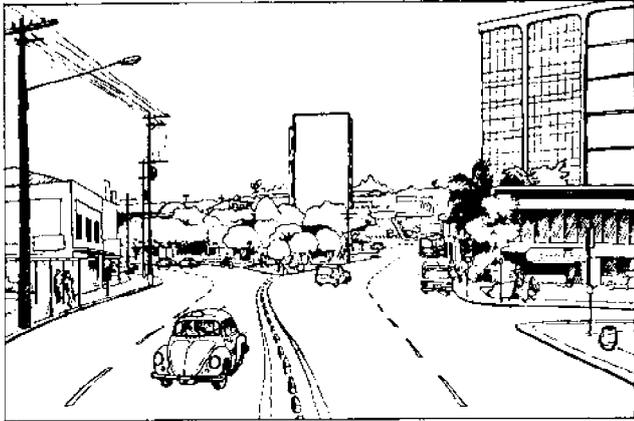
Nos Cadernos de Cultura, os conteúdos programáticos estão colocados de tal maneira que os educandos vão se apoderando deles, em lugar de apenas recebê-los.

Paulo Freire acha um absurdo, do ponto de vista científico, e um ato autoritário, do ponto de vista político, a universalização de materiais didáticos para alfabetização. No Brasil, são os educadores do sul que escolhem conteúdos para todo o país. A cartilha ignora a existência de realidades diversas e não abrange as diferenças regionais e culturais do país. Também não teria sentido reunir educadores de todos os estados para elaborar um só texto para o país inteiro. Da mesma forma, seria inviável deslocar o centro de poder, de repente, para o Nordeste, e o Nordeste passar a impor ao sul suas palavras geradoras, seus temas geradores etc. Na verdade, o material didático deveria ser elaborado regional ou até localmente, como no exemplo a seguir.

Sob a supervisão do próprio Paulo Freire e do autor deste livro, foi iniciada, em 1984, uma experiência de alfabetização de adultos em Diadema, município do estado de São Paulo.

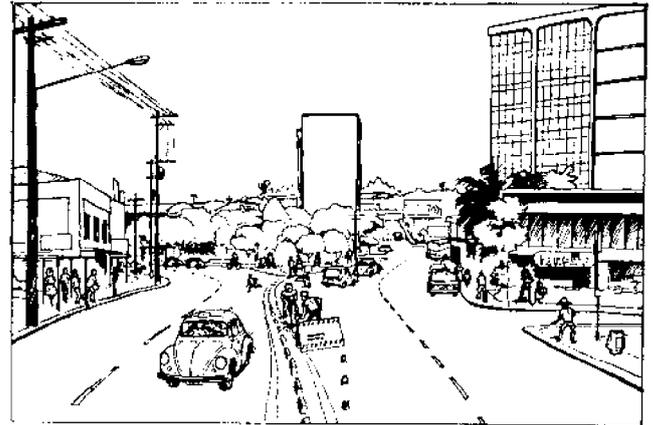
A equipe coordenadora elaborou a seguinte seqüência, que consta do primeiro Caderno de Cultura, especialmente preparada para esse trabalho:

*Projeto da Fundação Wilson Pinheiro, contando, entre outros membros da equipe coordenadora do Centro de Educação Popular Vereda, de São Paulo, com Vera Barreto, que já havia trabalhado com Paulo Freire em 1963, e com Mara Tosin.*



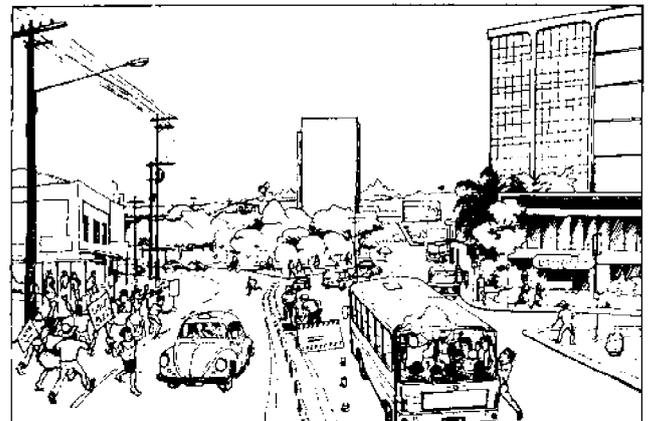
**Diadema**

da de di do du	da de di do du
a e i o u	a e i o u
ma me mi mo mu	ma me mi mo mu



**o povo de Diadema**

pa pe pi po pu	pa pe pi po pu
va ve vi vo vu	va ve vi vo vu



**a luta do povo de Diadema**

la le li lo lu	la le li lo lu
ta te ti to tu	ta te ti to tu

*Esses exemplos mostram características do método: passagem do concreto para o abstrato, do simples para o complexo, além de captar o elemento fundamental, que é o conhecimento prévio da realidade: todos os alfabetizados conheciam o local representado graficamente ("o concreto vivido"), que era a rua por onde eles passavam diariamente para ir para o trabalho.*

## ATUALIDADE DO MÉTODO E SUA REINVENÇÃO

Em 1987, o método Paulo Freire foi aplicado com muito êxito nas séries iniciais de escolas municipais de Cabo, Olinda, Paulista, Igarassu e Moreno (PE), num projeto denominado Escola Nova. Pode-se dizer que, aí, o método foi reinventado, pois a ele foram associadas as teorias da pesquisadora Emilia Ferreiro sobre aprendizagem da leitura e da escrita. Nessas aulas, a ênfase recaiu sobre o espírito crítico e a criatividade do aluno, sendo abolidas as cartilhas tradicionais e desestimulada a habitual passividade do aluno. Em vez de se reforçar na criança a habilidade de preencher quadrinhos e bolinhas num material previamente preparado, ela é estimulada a dar vazão a sua inventividade, utilizando diversos materiais.

No processo de alfabetização, as palavras geradoras são escolhidas a partir do universo vocabular cotidiano dos alunos, que são incentivados a expressar-se verbalmente. O resultado são crianças desinibidas, participantes, que gostam muito da escola.

O projeto Escola da Vida, desenvolvido na cidade do Cabo, realizou-se em moldes semelhantes. Era uma proposta que visava à erradicação do analfabetismo em adulto. O projeto foi implantado pelo próprio Paulo Freire, que adaptou seu método à realidade econômico-social dos alfabetizandos.

A título de ilustração, reproduzimos aqui dois textos produzidos por alunos de pós-alfabetização e utilizados, posteriormente, num Caderno de Cultura, para discussão de conteúdo e exercícios de linguagem.

### O desafio dos garís

Achei muito difícil aprender a ler e a escrever. Mas agora sei fazer meu nome e outras coisas.

Eu sou garí, estudante e trabalhador. Venho estudar com maior prazer. Estou aprendendo e vou continuar a aprender. Tenho que lutar para aprender, venho com o maior prazer.

*zendo e Aprendendo*



Secretaria de Educação  
Prefeitura Municipal do Cabo-PE  
Apoio Fundação Educar  
1986

*Capa do Caderno de Cultura  
utilizado na cidade de Cabo.*

Para nós foi uma grande coisa que o prefeito fez. É ter botado uma professora que tem paciência com a gente. Achei importante o desafio da visita da supervisora.

(texto coletivo do núcleo de garis)

Tereza

Eu sou aluna também desta turma. Meu nome é Tereza. Ontem recebi a visita do meu sogro que há três anos não via.

Quando ele viu eu dar café a todos e me aprontar para vir para a escola, me perguntou: Pra onde a senhora vai, comadre? Eu disse: para a escola. José sabe disso ou a senhora vai escondida? Nada disso, ele sabe e deixou. Já vi que José perdeu o juízo, onde já se viu mulher velha, depois de parideira, inventar de estudar!

Eu disse: seu Antônio os tempos mudaram. Hoje em dia as mulheres já têm seus direitos, acabou o tempo de só se viver no fogão. Tá bem, vá pra tal da escola, mas venha logo. Vou mesmo, nove horas eu chego.

O sogro disse: aproveito proque eu vou falar com José sobre essa tal escola, e só quero ver o que ele tem pra me dizer. Ele sabe como eu sou e também vê como é que sua mãe não vai nem na feira pra não aprênder certas coisas que tem nas cabeças de certas mulheres. E hoje em dia as mulheres estão ficando muito afoitas.

(núcleo de mulheres da Charneca)

Finalizando este capítulo, é preciso lembrar uma das categorias centrais da obra de Paulo Freire: o diálogo.

O diálogo não é apenas uma técnica para conseguir melhores resultados, não é uma tática para fazer amigos ou conquistar os alunos. Isso não seria diálogo e sim manipulação. Para Paulo Freire, o diálogo faz parte da própria natureza humana. Os seres humanos se constroem em diálogo, pois são essencialmente comunicativos. Não há progresso humano sem diálogo. Para ele, o momento do diálogo é o momento em que os homens se encontram para transformar a realidade e progredir.

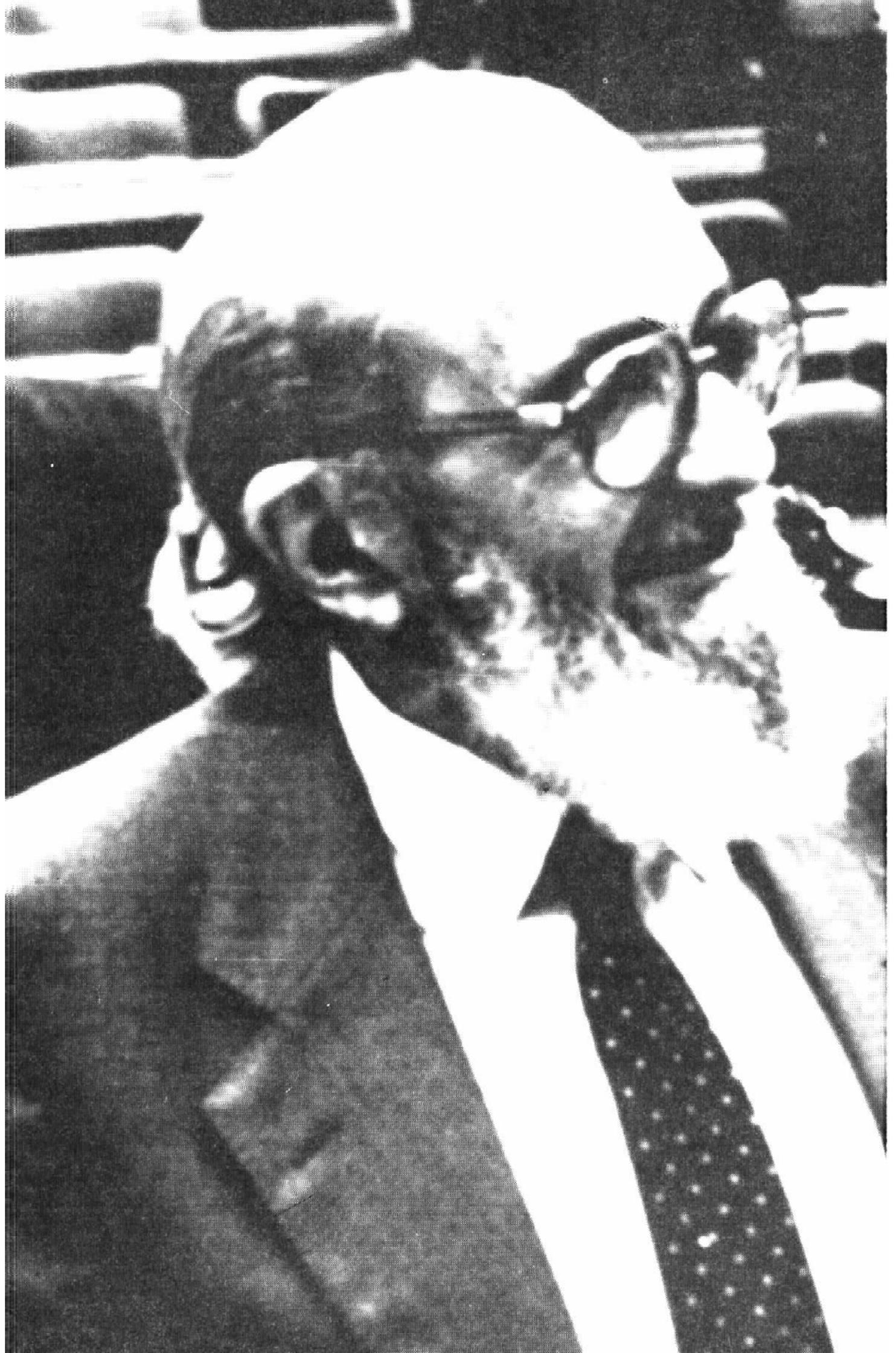
Embora no processo de conhecimento haja uma dimensão individual, essa dimensão não é suficiente para explicar todo o processo de conhecimento. Precisamos do outro para conhecer. Conhecer é um processo social, e o diálogo é justamente o cimento desse processo.

Paulo Freire insiste muito na necessidade do diálogo como estratégia de ensino. As escolas deveriam ouvir sempre seus alunos a respeito do que lhes é ensinado e fazer avaliações permanentes. O que acontece é o con-

*Categorias: os conceitos mais importantes em uma ciência.*

trário; em geral, nunca se pergunta a eles o que querem aprender.

O diálogo faz parte dessa nossa pedagogia dialógico-dialética, que hoje começa a desabrochar na educação em todo o mundo, renovando a prática pedagógica e dando-lhe um sentido moderno e progressista.



**Aprendendo com a  
própria história 3**

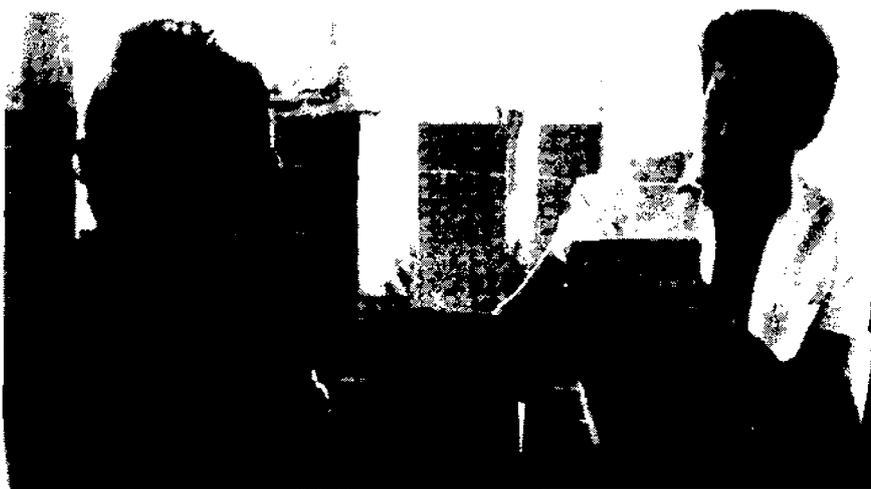
## ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Em 1963, Darcy Ribeiro, que era ministro da Educação no governo Goulart, pediu a Paulo que assumisse a representação daquele ministério junto à SUDENE — Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, que era chefiada por Celso Furtado. Era um cargo não-remunerado, mas importante do ponto de vista político. Sua função seria discutir, com técnicos da SUDENE e com técnicos americanos da USAID, a aprovação de projetos de educação para o Nordeste.

*USAID = Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (ver glossário).*

Na época, a Aliança para o Progresso fazia convênios na área educacional com o governo Aluísio Alves, do Rio Grande do Norte. Paulo Freire foi procurado pelo secretário de Educação para saber das possibilidades de implantação de seu método naquele estado. Uma das exigências feitas por Paulo Freire foi que a cidade escolhida para a primeira experiência não fosse visitada pelo governador durante o curso, para evitar fins eleitoreiros, exigência que não foi inteiramente respeitada.

Em 1963, a equipe — coordenada pelo estudante de Direito Marcos Guerra — foi para Natal (RN), capacitar (formar) a equipe de lá. Em seguida, a equipe de Marcos Guerra foi para Angicos, pesquisar o universo vocabular da região, dando início ao trabalho de alfabetização. Depois de feita essa seleção, a equipe foi morar lá. Um mês depois, 300 alfabetizandos estavam lendo e escrevendo.



*Paulo Freire e Marcos Guerra em Angicos, 1963.*

A experiência de Angicos, na qual Paulo Freire aperfeiçoou seu método, ganha divulgação nacional quando o presidente João Goulart para lá se desloca com todo o seu ministério, para o término da experiência. Em consequência, Paulo Freire foi convidado para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização. Tal plano consistia em criar, na capital de cada estado, equipes centrais que multiplicariam os quadros e, em seguida, poriam o método em prática. O golpe militar, no entanto, interrompeu bruscamente todo esse esforço de superação do analfabetismo no Brasil.



*Paulo Freire com o ministro de Educação, Paulo de Tarso Santos, visitando o Círculo de Cultura do Gama (DF), em setembro de 1963.*

A experiência de Angicos havia sido financiada pela Aliança para o Progresso, mas, em vista do conteúdo político progressista do trabalho de Paulo Freire, em confronto com as intenções colonialistas e imperialistas da Aliança para o Progresso, esta retirou seu apoio financeiro.

O Nordeste brasileiro da década de 50 e início da década de 60 foi o ambiente histórico-político no qual as idéias de Paulo Freire se formaram e desenvolveram: o período de crise política iniciado com a Revolução de 30 e encerrado com o golpe militar de 64.

É nesse período que as classes populares entram no cenário político: são grupos militantes de diferentes

orientações, entre eles os **católicos radicais**, que empreendem uma mobilização popular, conseqüência do populismo e do nacionalismo da época.

Uma série de fatos importantes estava em andamento. A campanha de alfabetização se inseria num contexto social em que tinham lugar as Reformas de Base e cresciam as Ligas Camponesas.

As Reformas de Base constituíam-se em reivindicações populares relacionadas com transformações estruturais principalmente de natureza econômica. Dentre elas destacava-se a reforma agrária, bandeira de luta dos movimentos sociais populares e sindicais, que deveria colocar em questão principalmente o latifúndio improdutivo. Contra a existência de terras improdutivas insurgiam-se principalmente os trabalhadores rurais, organizados nas famosas Ligas Camponesas, que eram associações sindicais muito ativas no interior do Nordeste, antes de 1964, quando foram desmanteladas por suas atividades políticas em favor dos trabalhadores rurais sem terra.

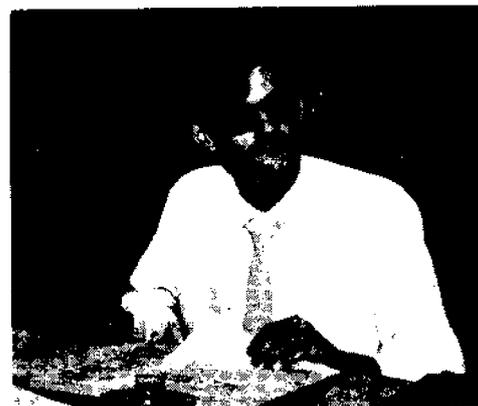
Com a tentativa de romper o controle e a manipulação dos líderes populistas, abre-se a possibilidade de as classes populares se tornarem conscientes de sua posição social e se organizarem, a fim de melhorar sua dramática situação de miséria.

Durante toda a década de 50 e início da década de 60, os líderes populistas começaram a perder o controle ou a capacidade de manipulação das reivindicações das massas, cuja mobilização transpõe os limites urbanos e alcança as áreas rurais, até então marginalizadas.

A resposta dos grandes senhores de terras, que, pela primeira vez desde o descobrimento do Brasil, vêem seu poder ser questionado, veio esmagadora, com suporte de aliados estrangeiros, sob a forma do **Golpe Militar de 64**.

## O GOLPE MILITAR

No início da década de 60, Paulo Freire já pressentia, como a maioria dos intelectuais, a possibilidade de um golpe de Estado, lendo-o na realidade brasileira, em to-



*Pierre Furter, educador suíço que veio ao Brasil em 1964 estudar o método de Paulo Freire e acompanhar o desenvolvimento da Campanha Nacional de Alfabetização.*

UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

### *Desinformado*

*Após o Movimento de 64, o educador Paulo Freire estava preso no 14.º Regimento de Infantaria, em Recife. Motivo da prisão: o método de alfabetização de adultos criado por Paulo Freire, considerado subversivo pelos militares. Um dia, Paulo Freire conversava com um capitão do presídio, que lhe fez um pedido:*

*— Professor, o senhor não quer aplicar seu método para nossos recrutas? Há muitos analfabetos entre eles e é um serviço que o senhor prestava ao país enquanto estiver aqui.*

*— Mas, capitão, é exatamente por causa do método que eu estou aqui — respondeu o educador.*

Folha de S. Paulo, 25-9-87.

*Depoimento dado por Paulo Freire ao Instituto Ecumênico do Serviço de Desenvolvimento dos Povos, sediado em Paris.*

das as tendências da esquerda, que “vivia como uma espécie de idílio antecipado com o corpo da noiva, que era a revolução”. Havia muito idealismo no ar e alguns acreditavam na irreversibilidade do processo.

Devido às suas primeiras experiências de aperfeiçoamento do método, realizadas no MCP, Paulo Freire certa feita segredou a Elza que, se continuasse com o trabalho que vinha desenvolvendo, em um ou dois anos poderia ou ser preso ou então atrair o interesse da UNESCO por suas pesquisas. A prisão veio em junho de 64.

Dia 30 de março de 64, Paulo Freire participava de um curso em Goiânia quando recebeu um telefonema de sua assistente avisando-o que as notícias que corriam na capital federal sobre a situação política do país não eram boas e aconselhando-o a voltar no mesmo dia. No dia seguinte, 31 de março, veio a notícia de que Miguel Arraes estava preso, juntamente com o prefeito do Recife.

Imediatamente depois do golpe, Paulo Freire ficou em Brasília na casa de um grande amigo, Luiz Bronzeado, deputado pela UDN, evitando ser preso. Não circulava, só esperava passar o tempo para que a poeira assentasse um pouco. Cogitou a possibilidade de se exilar numa embaixada, mas preferiu ficar no Brasil, mesmo tendo a certeza, no íntimo, de que iria ser preso, o que realmente aconteceu, quando ele e sua família voltaram ao Recife.

“Muito bem, o senhor depois pode ser chamado para fazer um depoimento”, disse-lhe o secretário de segurança, quando Paulo Freire se apresentou voluntariamente. E foi. Dia 16 de junho de 64, cedinho, dois policiais se identificaram à sua porta e pediram-lhe que os acompanhasse.

Conforme ele afirmou num depoimento posterior, na maior parte dos interrogatórios a que foi submetido, o que se queria provar, além de sua “ignorância absoluta (como se houvesse uma ignorância ou sabedoria absolutas; esta não existe senão em Deus)”, era o perigo que ele representava. Foi considerado um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro”. “Nega o senhor” — perguntou-lhe um dos juízes — “que seu método é semelhante ao de Stálin, Hitler, Perón e Mussolini? Nega o senhor que, com seu pretendi-

do método, o que quer é tornar bolchevique o país?...” Mais tarde, o inquérito instaurado contra ele foi arquivado por “inépcia da denúncia”.

Foi uma experiência que durou 70 dias, traumática o suficiente para ensinar-lhe algumas coisas. Na cadeia, ele teve ainda maior clareza a respeito da relação entre educação e política, confirmando sua tese de que a mudança social teria de partir das massas e não de indivíduos isolados. Sobre a prisão, afirmou ser possível aprender e educar nas condições mais diversas: se sua prática era de preso, ele tinha o que aprender com ela, ainda que não a apreciasse.

Depois dessa experiência na cadeia, Paulo Freire observou que, em tal clima de exacerbação e irracionalidade, seria muito, muito arriscado permanecer no país. Diz ele: “Não tenho nenhuma vocação para herói. Acho que as revoluções, inclusive, fazem-se com gente viva e com um ou outro cara que morreu, mas não porque quis”.

◁ Paulo FREIRE, p. 41, (34).

Cansado de ficar sob vigilância rigorosa, cansado de ser chamado para responder perguntas, vendo que não podia fazer a única coisa que sabia fazer, e preferindo continuar vivo em lugar de se entregar a uma morte lenta, optou pelo exílio.

## EXILADO NO CHILE

A embaixada da Bolívia foi a única que, naquele momento, o acolheu. Posteriormente foi contratado pelo ministério da Educação da Bolívia, que desejava sua assessoria tanto na educação de adultos como na de crianças. Paulo Freire, no entanto, teve dificuldades com a altitude de La Paz (4 mil metros), a ponto de desmaiar na chegada. Além disso, vinte dias depois de sua ida à cidade, um golpe de Estado derrubou o governo de Paz Estensoro. Nem ele, nem outros brasileiros foram molestados, mas sua permanência ali tornou-se inviável.

Na época em que Eduardo Frei tomava posse, Freire foi para o Chile, trabalhar com Jacques Chonchol, o grande cabeça da reforma agrária e posterior ministro da

Agricultura de Allende. Lá permaneceu por quatro anos e meio, dando seguimento — junto ao serviço de extensão cultural do governo chileno, o ICIRA (Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária) — ao mesmo tipo de atividade e pesquisa educacional que desenvolvia no Brasil. Trabalhou na formulação do Plano de Educação em Massa e também como professor da Universidade Católica de Santiago, além de ser consultor especial da UNESCO.

Nesse país, Paulo Freire dedicou-se principalmente ao trabalho de formação de adultos camponeses. Verificou que, com a modernização capitalista do trabalho no campo, apesar de adquirirem mais conhecimentos, os camponeses continuavam a ser explorados. Propôs então uma forma educativa que objetivava a transformação das relações de trabalho, através da tomada de consciência, pelas populações rurais, da exploração de seu trabalho.

No exílio, aos poucos Paulo Freire foi entendendo o significado do golpe militar de 1964. Para ele, havia sido inaugurada na América Latina uma nova linha de intervenção imperialista. Não era mais aquela dominação exercida através de um coronel testa-de-ferro, nada sutil, para baixar os preços dos produtos exportados e arrochar os trabalhadores. Havia um projeto articulado dentro de uma nova estratégia político-econômica que visava modernizar a estrutura econômica do Brasil e da América Latina, tornando-a mais apropriada aos interesses capitalistas e ao exercício de uma dominação mais sutil, moderna, técnica e científica. A própria tecnologia exportada para o Brasil sob a forma de “assistência técnica” era e continua a ser uma forma de sustentar essa dominação. Isso explica a importância que Paulo Freire deu, na obra imediatamente posterior à sua saída do Brasil, ao conceito de “invasão cultural”.

Se, no início do exílio, tinha alguma ilusão de que poderia voltar em breve — muitos insistiam que se tratava apenas de uma quartelada, de um movimento que logo acabaria —, feita essa análise, Paulo chegou à conclusão de que o limite de duração do golpe excederia seu próprio tempo de vida. Preparou-se então para viver muito tempo fora do Brasil.

O exílio foi profundamente pedagógico para Paulo Freire: ele começou a questionar o Brasil, a compreendê-lo melhor, a compreender melhor o que havia feito e a melhor se preparar para fazer algo fora de seu país de origem, oferecendo sua contribuição a outro povo. Aprendeu, com as diferenças culturais, a virtude política essencial que falta ao Brasil: a tolerância, principalmente com relação a outras culturas; afinal, não se pode tachar uma cultura de pior que outra.

Elza, de fato, nunca foi exilada. Assumiu, porém, o exílio de tal modo que recusou algumas vezes a oferta do irmão de financiar-lhe uma visita a Recife, alegando não poder pôr os pés no aeroporto que era vedado ao marido. Não era uma posição existencial, mas política.

Depois de um longo período no Chile, Paulo Freire, numa conversa com a esposa, ponderou que, apesar de ser feliz no que fazia, melhor seria ir-se, pois sua equipe chilena havia assumido os trabalhos. Isso coincidiu com a não-renovação de seu contrato com a UNESCO e com o recebimento de uma série de convites de universidades européias e americanas.

Em 1967 esteve pela primeira vez nos Estados Unidos, coordenando seminários em universidades de vários estados. Nesse país comentava-se muito seu primeiro e, até então, único livro *Educação como prática da liberdade*.

Em 1969, recebeu carta da Universidade de Harvard, em Massachusetts, propondo-lhe dois anos de trabalho. Oito dias depois, chegava da Suíça, carta do Conselho Mundial das Igrejas, de Genebra, organização que desempenhou um papel muito importante no momento em que a África começou a se rebelar, levantando-se contra a hegemonia dos países colonizadores. Ela se engajou em processos de libertação em todo o continente, apoiando movimentos como o PAIGC, de Amílcar Cabral; o MPLA, de Angola; e a FRELIMO, de Moçambique. Paulo Freire, que via essa instituição de um ponto de vista histórico, percebeu a possibilidade de desenvolver um trabalho junto a ela e dele se ocupou por dez anos.

Paulo Freire desejava muito viver a experiência nos Estados Unidos, porém, temia perder contato com o concreto, deixar a América Latina e só operar com livros,

*PAIGC — Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde*

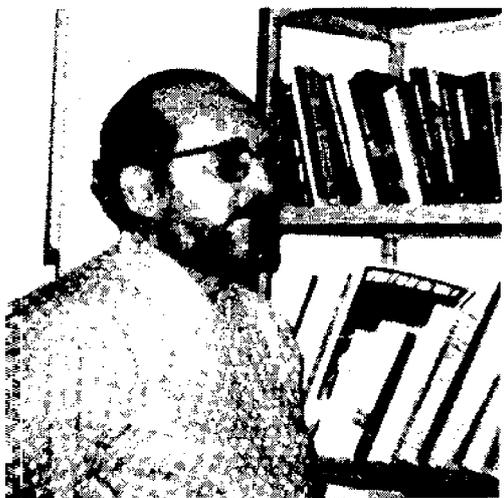
*MPLA — Movimento Popular de Libertação de Angola*

*FRELIMO — Frente de Libertação de Moçambique*

Paulo FREIRE, p. 20-1, (31). ▷



Paulo Freire na Universidade de Connecticut, onde escreveu *Ação cultural para a liberdade*.



Curioso! Em Harvard, Paulo Freire deixa crescer a barba, o que muda muito seu rosto. Motivo: o frio. Nenhuma razão político-ideológica.

dentro de uma biblioteca. Isso não o satisfaria; seria uma espécie de alienação. Sugeriu ficar em Harvard por seis meses e ir para Genebra depois disso, proposta que foi aceita. “Estava, já na época, absolutamente convencido de quão útil e fundamental seria para mim correr mundo, expor-me a contextos diversos, aprender das experiências de outros, rever-me nas diferenças culturais. E isto o Conselho me oferecia indiscutivelmente mais que qualquer universidade.”

Em Harvard trabalhou como professor convidado do Centro de Estudos em Educação e Desenvolvimento e como associado ao Center for Studies in Development and Social Change (Centro de Estudos de Desenvolvimento e Mudança Social), onde deu forma definitiva ao livro *Ação cultural para a liberdade*, contrapondo ação cultural à invasão cultural imperialista.

Em Genebra, foi consultor do Conselho Mundial das Igrejas, servindo como conselheiro educacional de governos do Terceiro Mundo.

A partir de 1970, numa segunda fase do exílio — europeia e africana —, a teoria e a prática pedagógica de Paulo Freire ganhariam dimensão mundial.

## PRINCIPAIS OBRAS DA PRIMEIRA FASE DO EXÍLIO

Foi na primeira fase do exílio que Paulo Freire preparou seus livros mais conhecidos: *Educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do oprimido*.

O primeiro deles reúne idéias divulgadas em vários artigos, conferências, seminários, dentro do contexto do processo de desenvolvimento econômico e do movimento de superação da cultura colonial. Nessa “sociedade em trânsito”, o autor procura mostrar o papel que a Educação pode desempenhar na construção de uma nova sociedade, a “sociedade aberta”.

O esforço educativo que Paulo Freire desenvolve e expõe nesse ensaio — embora seja válido para outras sociedades, em outros momentos — é marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira, uma sociedade in-

tensamente cambiante e contraditória, comandada por uma elite alienada, em que o homem simples é coisificado e não tem consciência dessa condição. A **categoria-chave** nesse livro é a “conscientização”, que constitui um processo de libertação, pela consciência dominada, da influência exercida pela consciência do dominador. A consciência dominada hospeda dentro dela o dominador, e o processo de conscientização é um processo de libertação desse hóspede.

Nessa época, trabalhando no ICIRA, no Chile, Paulo analisa a questão da “extensão rural” e sua relação com as pesquisas anteriores. O resultado foi o livro *¿Extensión o Comunicación?* Nele, Paulo Freire analisa a comunicação entre o técnico e o camponês, no desenvolvimento da sociedade agrária que se está criando. Discute a reforma agrária e a mudança, opondo os conceitos **extensão cultural** e **comunicação cultural**, e mostrando que a primeira proposta é invasora enquanto a segunda é conscientizadora. Assinala que a ação educadora do agrônomo, como a do professor, deve ser a da comunicação, se ele pretende atingir o homem. Paulo Freire nos diz que não aprende aquele que é “preenchido” por outros com conteúdos que contradizem sua própria forma de estar no mundo. Que o agrônomo-educador que não conhece a visão de mundo do camponês não pode mudar-lhe a atitude. Aqui, a preocupação é acentuar os princípios e a fundamentação de uma educação como prática da liberdade que não se reduz à mera capacitação técnica, mas inclui o esforço do homem em se decifrar.

No outro livro elaborado no Chile, *Pedagogia do oprimido*, Freire evidencia os mecanismos opressivos da educação capitalista. Inicia pela discussão da constituição histórica da consciência dominada e sua relação dialética com a consciência dominadora. É a obra teórica mais importante de Freire, pois cobre tudo o que ele dissera, até então, a respeito de educação, além de ser a mais extensa.

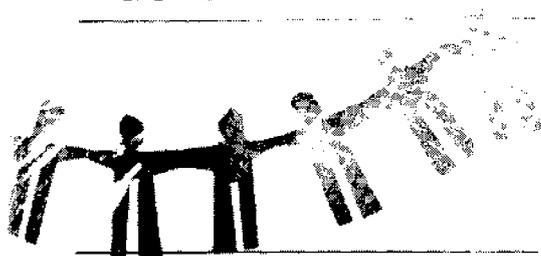
Ela é resultado de seus cinco primeiros anos de exílio, fruto de um trabalho educativo exercido em situações concretas, e não de devaneios intelectuais ou simplesmente da leitura de livros, como Paulo Freire confessa nas primeiras linhas desse trabalho, que ele dirige aos homens “radicais”, não-sectários.

*Obra publicada em castelhano, pelo ICIRA, em 1969, traduzida para o português por Rosiska Darcy de Oliveira, e publicada em 1971.*

*Essa obra foi editada primeiro em inglês e espanhol, em 1970, só aparecendo no Brasil quatro anos depois, embora o manuscrito fosse de 1968.*

Apóia-se essa análise no pensamento dialético, na unidade entre a subjetividade e a objetividade, entre o passado e o futuro, entre o conhecimento anterior e o conhecimento novo. Para ele, a sectarização é própria dos reacionários, enquanto a radicalização é própria do revolucionário.

## PEDAGOGIA do OPRIMIDO



PAULO FREIRE



JORGE CLAUDIO NOEL RIBEIRO JR.

## Paulo Freire LA PEDAGOGIA DEGLI OPPRESSI

Dal Terzo Mondo  
il libro più importante  
dopo  
**I DANNATI  
DELLA TERRA**

IDOC  
Documentinuovi

Arnoldo Mondadori Editore

JORGE CLAUDIO NOEL RIBEIRO JR.

17.ª edição do Pedagogia do oprimido, livro traduzido em 17 idiomas e prefaciado por Ernani Maria Fiori. Os livros de Freire têm sido publicados em diversas línguas e influenciado toda uma geração de educadores e militantes políticos.

Capa da primeira edição italiana de Pedagogia do oprimido, que é o livro mais importante depois de Os condenados da terra, de Franz Fanon, como se lê na tarja.

Obra publicada em 1970 pela Harvard Education Review, como monografia, e em 1972, pela Penguin, na Inglaterra, com prefácio de João da Veiga Coutinho. A versão em português só apareceu em 1976, reunida a outros ensaios.

► Ação cultural para a liberdade é posterior ao exílio no Chile. Nele, Paulo Freire mostra a impossibilidade de diálogo entre antagonistas — já que o diálogo supõe **igualdade de condições e reciprocidade** —, referindo-se sobretudo às relações neocolonizadoras existentes entre os “países-mães” do Primeiro Mundo e os países do chamado Terceiro Mundo.

## A EXPERIÊNCIA AFRICANA

A segunda fase do exílio começa com a transferência de Paulo Freire para Genebra, em 1970.

No ano seguinte, um grupo de exilados brasileiros fundaria ali o IDAC — Instituto de Ação Cultural, um centro de pesquisa e intervenção pedagógica, com interesses voltados para uma reflexão sobre o real e o concreto, que se fundamenta na **conscientização** como fator revolucionário da educação e da sociedade.



*Paulo Freire ao lado de Ivan Illich, em Genebra (1971).*

Sua ação político-pedagógica é a tentativa de viver e construir, em cada situação concreta, uma pedagogia do oprimido, isto é, experimentar uma prática educativa em que, a partir da realidade e dos interesses daqueles com quem se trabalha, se busca um processo de conhecimento e instrumentação que aumente seu poder de intervir na realidade.

Como presidente do comitê executivo do IDAC, Paulo Freire expôs seu desejo de ter uma participação limitada, para que o grupo crescesse sem depender dele.

*Paulo Freire ao lado de Miguel Darcy de Oliveira, do IDAC, e de Mário Cabral, ministro da Educação, na Guiné-Bissau, em 1978. Com eles Freire manteve assídua correspondência, reunida, em grande parte, no livro Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo, de 1977.*



Num certo momento, as solicitações eram tantas que o IDAC correu o risco de se transformar num instituto de seminários. Em 75, no entanto, surge a grande oportunidade de a instituição se encontrar consigo mesma: Mário Cabral, ministro da Educação da República da Guiné-Bissau, convida Paulo Freire e sua equipe do IDAC a irem a seu país para contribuir no desenvolvimento de seu programa nacional de alfabetização.

Pequeno território povoado por camponeses, na época com 800 mil habitantes, a Guiné-Bissau, antiga colônia portuguesa da África Ocidental, viveu durante 15 anos uma exemplar guerra de libertação nacional.

Aí começa a primeira aprendizagem de Paulo na África. O tempo africano é outro. As cartas que o IDAC enviava a Amílcar Cabral demoravam muito para serem respondidas, em vista do processo de luta em que se encontrava o governo. Nesse meio tempo, entre uma carta e outra, o pessoal do IDAC aproveitava para ler os textos de Amílcar Cabral e conversar com todo mundo que chegava lá.

*Amílcar Cabral, líder do PAIGC, um "educador-educando de seu povo" — como afirma Paulo Freire na dedicatória de seu livro Cartas à Guiné-Bissau —, herói do povo, amigo de todos, foi assassinado em 1973, sete meses antes da proclamação da independência da Guiné-Bissau.*

Discutiam a necessidade de que sua experiência não interferisse na condução do processo revolucionário da Guiné. Era preciso, de certa forma, esquecer o que fora feito antes, para não dar a trabalhos anteriores uma validade universal que pudesse ser transferida para a Guiné.

Coerentemente com sua proposta, o IDAC não foi à Guiné-Bissau na qualidade de perito internacional em



educação popular, mas sim para prestar colaboração em termos de militância. Seus membros não levavam na bagagem projetos acabados para prescrevê-los ao governo que os convidava. Se assim fosse, estariam adotando uma postura neocolonialista, que o IDAC rejeitava totalmente, seguindo a linha de que experiências não se transplantam, vivem-se.

Da assessoria prestada, resultou um aprendizado enorme, tanto por parte de quem estava ensinando como dos que estavam aprendendo. O drama da falta de recursos materiais, a pouca eficiência de certos animadores (alfabetizadores) a demandar um permanente aper-

*Paulo Freire trabalhando com o coordenador de alfabetização do ministério da Educação da Guiné-Bissau (1976).*

*Sobre Amílcar CABRAL, ver os itens 52 e 53 da bibliografia.*

feiçãoamento, os vestígios da velha ideologia interferindo no processo de desenvolvimento do país, tudo ia sendo anotado, estudado, refletido.

Nos textos de Amílcar Cabral e na experiência do exílio, Paulo Freire vivenciou a dialética entre a paciência e a impaciência. É preciso ser paciente, impacientemente. E é preciso ser impaciente, pacientemente. Está perdido o exilado que não aprende essa lição, dizia ele; se se rompe essa relação, se se tende mais à paciência, essa característica se transforma num anestésico que leva a sonhos irrealizáveis. Se se tende mais à impaciência, cai-se num ativismo, num voluntarismo, no desastre. O único caminho é a **harmonia contraditória**.

Em setembro de 1975, Paulo Freire participou, no Irã, de um simpósio internacional de alfabetização que teve na época enorme repercussão. No texto final que se seguiu aos debates, chamado Declaração de Persépolis, ficou bem definida a relação entre o sucesso das campanhas de alfabetização e o envolvimento do povo nas transformações político-sociais.

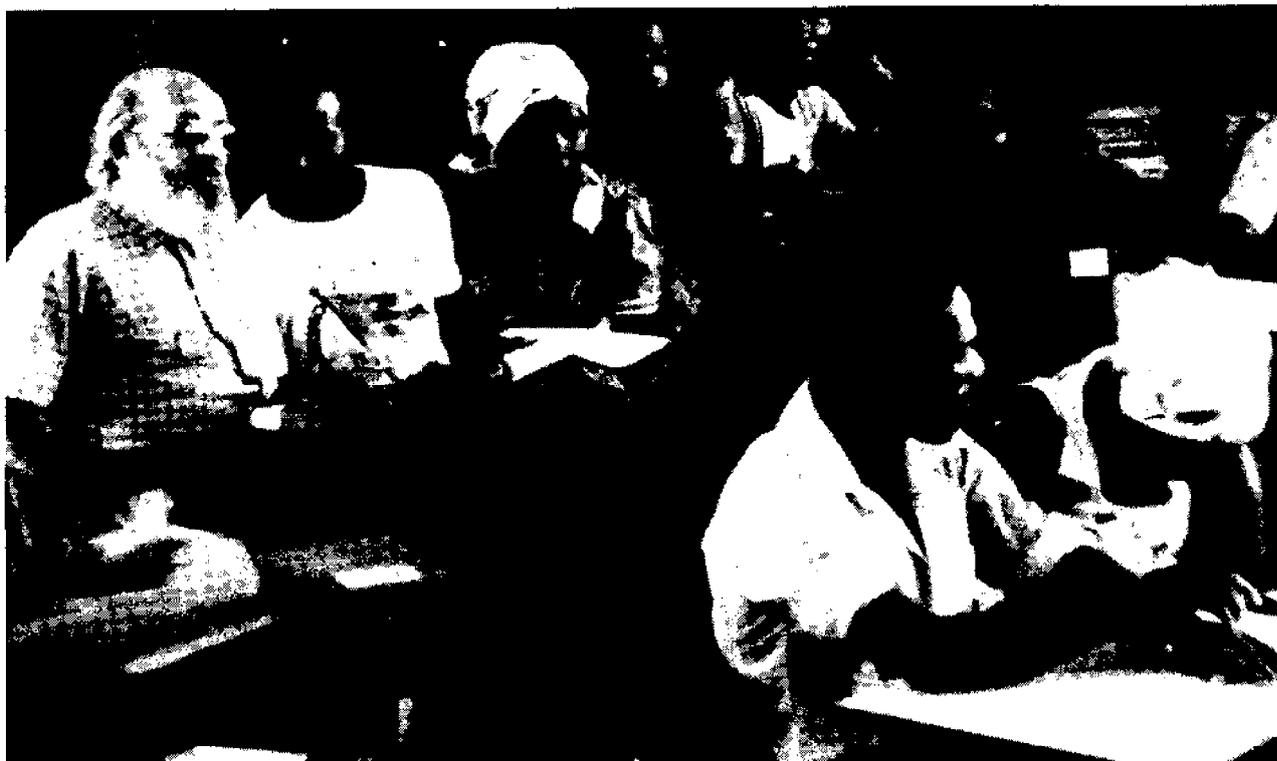
Entre 1975 e 1978, Paulo Freire trabalhou em São Tomé e Príncipe, não na qualidade de técnico, mas como educador militante que procura não dicotomizar seu compromisso com a causa da libertação dos oprimidos. Esse Estado africano recém-libertado do jugo colonial português depositou nele a confiança de sua liderança revolucionária, propondo-lhe que desenvolvesse um programa de alfabetização. Os resultados superaram em muito as expectativas. Quatro anos depois, Paulo Freire recebia uma carta do ministro da Educação, relatando que estavam alfabetizados 55 por cento dos matricula-

*Chegada de Paulo Freire a São Tomé (1976).*



dos e 72 por cento dos que haviam terminado o curso. Na cerimônia de comemoração que se seguiu, um alfabetizando chegou mesmo a dirigir, à assembléia, uma mensagem de próprio punho.

*1.º Seminário Nacional de Alfabetização, Monte Mário, República Democrática de São Tomé e Príncipe, 1976.*



Ainda na década de 70, reconhecendo o valor do seu trabalho, algumas das mais prestigiadas universidades do mundo conferiram-lhe o título de doutor *honoris causa*: a Open University de Londres, a Universidade de Louvain (Bélgica), a Universidade de Michigan (Estados Unidos), a Universidade de Genebra (Suíça). Além disso, atendendo a convites, Paulo Freire trabalhou na Austrália, na Itália, em Angola, na Nicarágua, nas Ilhas Fiji, na Índia, na Tanzânia e em inúmeros outros países.

A homenagem da Universidade de Genebra, onde mantinha um seminário sobre educação popular, foi um dos últimos atos de que participou antes de ser beneficiado pela anistia e retornar ao Brasil, depois de 15 anos de exílio. Apesar dos muitos convites que lhe eram feitos, Paulo Freire não podia entrar no país, pois as autoridades brasileiras negavam-lhe visto de entrada.

No dia 8 de agosto de 1979, vem ao Brasil para uma visita de um mês. Em seguida, volta a Genebra para discutir com a família, com o IDAC e o Conselho Mundial de Igrejas seu retorno definitivo ao Brasil, que aconteceria em março de 1980.

**Uma pedagogia  
para a libertação**

**4**

## PEDAGOGIA DIALÓGICA

Paulo Freire é, sem dúvida alguma, um educador humanista e militante. Sua concepção de educação parte sempre de um contexto concreto para responder a esse contexto. Em *Educação como prática da liberdade*, esse contexto é o processo de desenvolvimento econômico e o movimento de superação da cultura colonial nas “sociedades em trânsito”. O autor procura mostrar, nessas sociedades, qual é o papel da educação, do ponto de vista do oprimido, na construção de uma sociedade democrática ou “sociedade aberta”. Para ele, essa sociedade não pode ser construída pelas elites porque elas são incapazes de oferecer as bases de uma política de reformas. Essa nova sociedade só poderá ser resultado da luta das massas populares, as únicas capazes de operar tal mudança.

Paulo Freire entende que é possível engajar a educação nesse processo de conscientização e de movimento de massas. No livro que acabamos de citar, ele desenvolve o conceito de **consciência transitiva crítica**, entendendo-a como a consciência articulada com a práxis. Segundo ele, para se chegar a essa consciência, que é ao mesmo tempo desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência.

O diálogo proposto pelas elites é vertical, forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. Nesse suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua à consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, hospedagem essa que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto indivíduo.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Ele retoma essas características do diálogo com novas formulações ao longo de muitos trabalhos, contextualizando-as. Assim, por exemplo, ele se refere à experiência do diálogo, ao insistir na prática democrática na escola pública: “É preciso ter a coragem de nos experimentarmos democraticamente”. Lembra ain-

*Humanismo: doutrina filosófica que tem no homem o valor supremo, definindo-se a partir dessa perspectiva as exigências psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionam a vida humana.*

*Práxis: união entre reflexão e ação.*

Paulo FREIRE, em palestra realizada na abertura da primeira sessão pública do Fórum de Educação do Estado de São Paulo, em agosto de 1983.

da que “as virtudes não vêm do céu... nem... se transmitem intelectualmente, porque as virtudes são encarnadas na práxis ou não”.

Essa primeira virtude do diálogo consiste no respeito aos educandos, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social. Não se trata do espontaneísmo, que deixa os estudantes entregues a si próprios. O espontaneísmo, afirmou ele nessa ocasião, só ajudou até hoje à direita. A presença do educador não é apenas uma sombra da presença dos educandos, pois não se trata de negar a autoridade que o educador tem e representa.

As diferenças entre o educador e o educando se dão “numa relação em que a liberdade do educando não é proibida de exercer-se”, pois essa opção não é, na verdade, pedagógica mas política, o que faz do educador um político e um artista, e não uma pessoa neutra.

Outra virtude fundamental, lembrou ele na ocasião, é **escutar as urgências** e opções do educando. Ao concluir, lembrou ainda outra virtude: a **tolerância**, que é a “virtude de conviver com o diferente para poder brigar com o antagônico”.

Como se vê, para ele a educação é um momento do processo de humanização. Essa tese já aparecera em seus primeiros escritos, como o artigo “Papel da educação na humanização”, publicado, em 1969, na revista *Paz e terra*, nº 9.

Por outro lado, Paulo Freire, como vimos em seu método histórico, tem um modo dialético de pensar, não separando teoria e prática, como fazem os positivistas. Em sua obra, teoria, método e prática formam um todo, guiado pelo princípio da relação entre o conhecimento e o conhecedor, constituindo portanto uma teoria do conhecimento e uma antropologia nas quais o saber tem um papel emancipador.

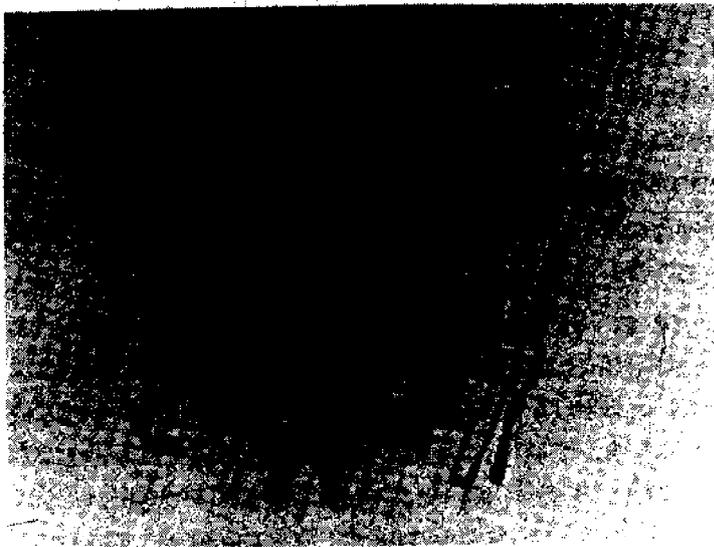
Sua obra *Pedagogia do oprimido* completaria suas concepções pedagógicas acerca das diferenças entre a pedagogia do colonizador e a pedagogia do oprimido. Nela, sua ótica de classe aparece mais nitidamente: a pedagogia burguesa do colonizador seria a pedagogia “bancária”. A consciência do oprimido, diz ele, encontra-se “imersa” no mundo preparado pelo opressor; daí existir uma **dualidade** que envolve a consciência do oprimido:

de um lado, essa aderência ao opressor, essa “hospedagem” da consciência do dominador (seus valores, sua ideologia, seus interesses), e o medo de ser livre e, de outro, o desejo e a necessidade de libertar-se. Trava-se, assim, no oprimido, uma luta interna que precisa deixar de ser individual para se transformar em luta coletiva: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

# 民衆教育論

## 제3세계의 視角

파울로 프레이리/이반 일리치/에브리트 라이머/브라안 위벤 著/김재상 외 번역



한 김 사

JORGE CLÁUDIO NOEL RIBEIRO JR.

*Edição japonesa, com subtítulos em coreano, de Ensaios sobre educação popular.*

## EDUCAÇÃO BANCÁRIA E EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

A partir da tese sobre a relação entre a educação e o processo de humanização, Paulo Freire caracteriza duas concepções opostas de educação: a concepção “bancária” e a concepção “problematizadora”.

*Para compreender o pensamento pedagógico de Paulo Freire na evolução das teorias da educação brasileira, remetemos o leitor à nossa obra Pensamento pedagógico brasileiro (77). Aqui, retomamos e ampliamos a análise de algumas das teses ali esboçadas.*

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos, os que seguem a prescrição; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar às determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos.

Na concepção bancária, predominam relações narradoras, dissertadoras. A educação torna-se um ato de depositar (como nos bancos); o "saber" é uma doação, dos que se julgam sábios, aos que nada sabem.

A educação bancária tem por finalidade manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores. Ela nega a dialogicidade, ao passo que a educação problematizadora (método da problematização) funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos.

O diálogo é, portanto, uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas "situações-limites", o educador-educando chega a uma visão totalizante do contexto. Isso deve ocorrer desde a elaboração do programa, dos temas geradores, da apreensão das contradições até a última etapa do desenvolvimento de cada estudo.

Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem "perdido", fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber.

Paulo FREIRE, p. 77-8, (27). ▶

Num diálogo com Sérgio Guimarães, Paulo Freire refere-se à categoria diálogo não apenas como método, mas como estratégia para respeitar o saber do aluno que

chega à escola, lembrando um fato que ocorreu com ele na periferia de Belo Horizonte, numa comunidade eclesial de base, quando a Secretaria de Educação do estado ali realizava uma ampla consulta chamada Congresso Mineiro de Educação. “Nunca nos perguntam sobre o que queremos aprender. Pelo contrário, sempre dizem o que a gente deve estudar”, afirmou um dos presentes. E Paulo retrucou: “O que é estudar?” O adolescente que havia falado respondeu: “Em primeiro lugar, não se estuda só na escola, mas no dia-a-dia da gente. Dois homens”, continuou, “iam numa camioneta carregando frutas. De repente se defrontaram com um atoleiro. O que dirigia parou a camioneta. Desceram os dois. Tentaram conhecer melhor a situação. Atravessaram o atoleiro pisando de leve o chão sob a lama. Depois, discutiram um pouco. Juntaram pedaços de galhos secos e pedras com os quais forraram o chão. Finalmente atravessaram sem dificuldade o atoleiro. Aquelles homens estudaram”, disse ele. “Estudar é isso também.”

A partir dessa fala, outros participantes criticaram a escola por não chamar a atenção para os direitos dos trabalhadores. O importante, concluiu Paulo Freire, é a comprovação de que os alunos, quando chegam à escola, também têm o que dizer, e não apenas o que escutar.

### **Esquema do diálogo**

A com B → = comunicação

A com B ↔ = intercomunicação

Relação de “simpatia” entre os pólos, em busca de algo.

## **TEORIA DIALÓGICA E TEORIA ANTIDIALÓGICA**

Em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire analisa as teorias da ação cultural, que se desenvolvem a partir da matriz antidialógica e da matriz dialógica.

Na análise da **teoria antidialógica**, ele destaca as seguintes características:

1. a **necessidade da conquista**, que configura um ato essencial da teoria antidialógica. Os “conteúdos e métodos da conquista variam historicamente; o que não varia, enquanto houver elite dominadora, é a ânsia necrófila de oprimir”;

2. a **divisão para a dominação**, para manter os homens em estado de imersão na própria realidade, e que consiste em “ilhar os oprimidos, criar e aprofundar cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos”;

3. a **manipulação**, que se constitui em mais um instrumento da conquista: “uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de ‘organização’ com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo”;

4. a **invasão cultural**, que consiste na “penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos indivíduos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, inibindo sua expansão”.

### Esquema do antidiálogo

A



sobre

B = comunicado

matriz = sem amor, sem humildade, sem esperança, sem fé, acrítica.

Relação de “simpatia” rompida.

*Paulo Freire acha que é muito mais cômodo, para um educador, ser autoritário, porque a prepotência não exige competência ou respeito e dispensa explicações.*

Na análise da **teoria dialógica**, Paulo Freire destaca as características diametralmente opostas às da teoria antidialógica: 1. a **colaboração**, 2. a **união**, 3. a **organização** e 4. a **síntese cultural**.

O educador revolucionário não pode usar os mesmos métodos e procedimentos antidialógicos de que se servem os opressores: “assim como o opressor, para opri-

mir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para libertar-se, necessitam igualmente de uma teoria de sua ação. O opressor elabora a teoria de sua ação, necessariamente sem o povo, pois que é contra ele. O povo, por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação libertadora. Somente no encontro com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se refaz''.

Paulo Freire vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido. Para ele, a classe oprimida é maior do que a classe operária. Só a partir do capitalismo é que se pode falar, com propriedade, em classes sociais. Segundo ele, foi o capitalismo que deu às classes sociais um contorno nítido, não se podendo dizer, entretanto, que antes dele não houvesse oprimidos e opressores. Mas Paulo Freire vai mais além: a opressão encontra-se também entre os próprios oprimidos.

## **O PAPEL DIRETIVO DO EDUCADOR**

Paulo Freire não desconsidera o papel diretivo e informativo da educação, o ato de conhecimento na relação educativa. Insiste, contudo, que o conhecimento não pode ser confundido com a verdade, como ocorre na teoria positivista do conhecimento. É preciso elaborar uma nova teoria do conhecimento, a partir dos interesses dos oprimidos, que lhes permita reelaborar e reordenar seus próprios conhecimentos e apropriar-se, a partir dessa matriz, de conhecimentos alheios.

Nessa nova teoria do conhecimento, o saber mais importante, mais necessário para a libertação do oprimido, é a tomada de consciência de sua própria situação de oprimido, expressa pela dominação política e pela exploração econômica a que é submetido. Mas isso não ocorre abstratamente. Ele se conscientiza na prática, organizando-se com outros oprimidos.

Algumas vezes, Paulo Freire tem sido interrogado sobre o fato de sua teoria dialógica do conhecimento e da educação estar dando lugar ao espontaneísmo e à não-

Paulo FREIRE, p. 76, (32). ▷

-diretividade. Para dissipar qualquer dúvida, ele esclareceu esse ponto num diálogo com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães: “Eu nunca disse que o educador é igual ao educando. Ao contrário, sempre disse que a afirmação dessa igualdade é demagógica e falsa. O educador é diferente do educando. Mas essa diferença, na perspectiva da revolução, não pode ser antagônica. A diferença se torna antagônica quando a autoridade do educador, diferente da liberdade do educando, se transforma em autoritarismo. É essa exigência que eu faço ao educador revolucionário. Para mim, é absolutamente contraditório que o educador, em nome da revolução, se apodere do método e autoritariamente comande o educando, em nome dessa diferença que há. Essa é a minha posição, e por isso me surpreendo quando dizem que eu defendo uma posição não-diretiva. Como se eu pudesse negar o fato incontestável de que a natureza do processo educativo sempre é diretiva, não importando se a educação é feita pela burguesia ou pela classe trabalhadora”.

Paulo FREIRE, p. 203-4, (36). ▷

Laissez-faire: não-intervenção  
(literalmente 'deixe fazer').

Paulo Freire retoma o tema da diretividade do professor para responder a uma pergunta do educador norte-americano Ira Shor sobre o direito do educador de mudar a consciência dos alunos. Respeitar o aluno não significa deixá-lo na ingenuidade. Significa assumir sua ingenuidade com ele, para ultrapassá-la. O educador revolucionário, afirmou ele, não pode manipular os alunos, mas também não pode abandoná-los à própria sorte: “o oposto da manipulação não é o *laissez-faire*, nem a negação da responsabilidade que o professor tem na direção da educação”. Essa diretividade não é uma posição de quem comanda para fazer uma coisa ou outra, mas uma postura de quem deve dirigir os trabalhos e um estudo sério. “Chamo essa posição de radical democrática”, continua ele, “porque ela almeja a diretividade e a liberdade ao mesmo tempo, sem nenhum autoritarismo do professor e sem licenciosidade dos alunos”.

Partindo da natureza diretiva de toda educação, Paulo Freire distingue o educador diretivo libertador do educador diretivo domesticador.

Raison d'être: razão de existir.

O primeiro ilumina a realidade tratada no currículo, desvenda a *raison d'être* do objeto de estudo e estabelece uma atmosfera de camaradagem na aula. O segundo

nega a realidade, falsifica-a, tenta reduzi-la àquilo que ele pensa dela, procura convencer o educando, por exemplo, de que uma mesa é uma cadeira; não ouve, não tem sensibilidade, não se comunica, oferece comunicados apenas.

Naturalmente, professor e aluno não são iguais. Basta dizer que o professor dá notas, passa trabalhos. Sua competência crítica é diferente da dos alunos. Para o educador libertador, conclui Paulo Freire, “essas diferenças não são antagônicas, como nas salas de aula autoritárias. A diferença libertadora é uma tensão que o professor tenta superar através de uma atitude democrática com relação à sua diretividade”.

O professor autoritário não humaniza, mas desumaniza; jamais chama os educandos a pensar, a fazer uma nova leitura de sua realidade. Ao contrário, ele a apresenta como algo já feito, já acabado, ao qual basta simplesmente se adaptar e não transformar. Em lugar de propor aos alunos que se apropriem do conhecimento, ele lhes propõe apenas a recepção passiva de um conhecimento empacotado.

Por outro lado, com o educador libertador, os educandos são convidados a pensar. Ser consciente não é, nessa hipótese, uma simples fórmula ou um mero *slogan*. É, no dizer de Paulo Freire, “a forma radical de ser dos seres humanos enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo, e neste fazer e re-fazer se re-fazem. São porque estão sendo”.

Essa formulação tão densa de significado sobre a relação entre **educação e humanização** foi feita no Simpósio Internacional para a Alfabetização, em Persépolis, Irã, em setembro de 1975. E Paulo Freire conclui:

“Não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.

“Os defensores da neutralidade da alfabetização não mentem quando dizem que a clarificação da realidade simultaneamente com a alfabetização é um ato político. Falseiam, porém, quando negam o mesmo caráter político à ocultação que fazem da realidade.”

## O INTELLECTUAL E AS MASSAS POPULARES

No livro *Educação e mudança*, Paulo Freire discute o papel do intelectual e do técnico, afirmando que, se por um lado toda transformação radical implica uma “vanguarda lúcida”, é preciso, por outro lado, que tal transformação se nutra no diálogo com as massas populares e que as conheça, para que, com elas, possa realizar o que é “historicamente viável”. Critica ainda o falso dilema entre humanismo e técnica: “Uma educação que se oponha à capacitação técnica dos indivíduos é tão ineficiente como a que se reduz à competência técnica sem uma formação geral humanista”.

Paulo FREIRE, p. 39, (31). ▷

Num diálogo com Antônio Faundez, Paulo Freire refere-se à relação entre o intelectual militante político e as massas populares: “O intelectual militante político corre o risco, permanente, ora de se tornar autoritário, ora de intensificar o seu autoritarismo, quando não é capaz de superar uma concepção messiânica da transformação social, da transformação revolucionária”. Cita Guevara e Amílcar Cabral, que jamais renunciaram à comunhão com as massas, acrescentando: “Na verdade, a posição que defende a comunhão com as massas não é a de braços cruzados, não é a de quem pensa que o papel do intelectual é apenas o do assistente, do mero ajudante, do facilitador”. Seu papel é colocar sua competência a serviço das massas: “O intelectual precisa saber que sua capacidade crítica não é superior nem inferior à sensibilidade popular. A leitura do real requer as duas”. Para a pedagogia de Paulo Freire, não há dicotomia entre sentir o fato e aprender sua razão de ser.

Paulo FREIRE, p. 56, (31). ▷

Algumas páginas depois, lembra as palavras raivosas de Marx contra a resistência dos intelectuais burgueses a aprender com as massas populares, ao escrever a um amigo: “Não podemos, por conseguinte, marchar com homens que declaram abertamente que os operários são demasiado incultos para emancipar-se eles mesmos, pelo que têm de ser libertados de cima pelos filantropos da grande burguesia e da pequena burguesia”.

Por isso Paulo Freire tem insistido que a pedagogia do oprimido é também uma pedagogia da pergunta, que

pode ser vivida tanto na escola como na luta política. É uma pedagogia substancialmente democrática e antiautoritária, jamais espontaneísta ou liberal-conservadora.

## AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE

Como dissemos anteriormente, para Paulo Freire a educação é um momento do processo de transformação do homem mediatizado pela transformação do mundo. A partir dessa matriz, ele desenvolve uma numerosa obra, que ultrapassa em muito os limites da pedagogia, abrangendo o campo da economia, da política, das ciências sociais. A partir de sua matriz teórica, outros também desenvolveram seu pensamento através de “aplicações” e estudos. O próprio Paulo Freire tem-se caracterizado por uma produção surpreendente, um conjunto de obras que mostra sua evolução teórica e, principalmente, sua preocupação com propostas práticas.

Em *Extensão ou comunicação?*, Paulo Freire discute sua **teoria do conhecimento** baseando-se em quatro dimensões: a **lógica** (relacionada aos métodos do conhecimento), a **histórica** (referente à relação entre conhecimento e contexto), a **gnosiológica** (referente às finalidades do conhecimento) e a **dialógica** (referente à comunicação do conhecimento). Freire desenvolve sobretudo esta última: o sujeito pensante não pensa sozinho.

Para Paulo Freire, a comunicação deve ser simples. Tudo o que se compreendeu, mesmo que seja complexo, pode ser expresso de forma simples. Mas a **simplicidade** nada tem a ver com a simploriedade: “Na simplicidade se vai fundo nas coisas de maneira acessível, não complicada. No simplismo, não apenas se fica na periferia do objeto tratado, mas, sobretudo, se toca no objeto de maneira pouco séria”.

Em *Ação cultural para a liberdade*, Paulo Freire amplia a **análise ideológica da educação dominante**, denunciando sua pseudoneutralidade e astúcia. Analisando os programas de alfabetização, ele mostra como essa ideologia se revela nas expressões utilizadas, como, por

*Palestra proferida por Paulo Freire na PUC de São Paulo, em 1984, no curso "Igreja e Poder".*

exemplo, "erva daninha", "enfermidade", "incapacidade do povo" e "erradicação" do analfabetismo.

As palavras e expressões empregadas nos livros didáticos nos oferecem um bom exemplo da ideologia subjacente. As crianças das classes populares são frequentemente rotuladas de "inferiores", "fracassadas" ou "sem futuro". Paulo Freire fez, certa vez, uma análise da linguagem cotidiana para mostrar que, através do discurso, revelamos traços de autoritarismo e de racismo. O poder, disse ele, — poder da raça branca, que se considera superior — expressa-se também através do racismo. O Brasil é racista, embora muitos falem em "democracia étnica". Isso não passa de um mito. Você pergunta a uma pessoa, por exemplo: "Você conhece Maria?". A outra pessoa responde: "Conheço sim. Maria é pretinha, ... mas é formidável!".

Sobre esse diálogo, Paulo Freire fez, na ocasião, o seguinte comentário: Em primeiro lugar, tenta-se adocicar com um diminutivo, trocando-se *preta* por *pretinha*, e essa tentativa de adocicar é racista. Em segundo lugar, além do diminutivo *pretinha*, a frase referida tem um *mas*, conjunção adversativa. Por que o *mas*? Ninguém diz: "Conheço fulana. Ela é loirinha, tem lindos olhos azuis, ... mas". E conclui: A gente aprende na escola o que é a conjunção, mas não aprende a ideologia da conjunção, que expressa a questão do poder.

Essas análises, muitas vezes exaustivas, são muito frequentes nas obras de Paulo Freire. Como antigo professor de Português, ele presta enorme atenção à expressão, seja ela oral ou escrita; procura sempre descobrir o que ela encobre; jamais deixa passar, em sala de aula, qualquer manifestação que esconda preconceito. Assim vai ensinando e educando.

Em *Ação cultural para a liberdade*, Paulo Freire reelabora sua teoria do conhecimento contrapondo teoria a verbalismo e ação a ativismo, considerando fundamental a unidade entre teoria e prática para a condução do ato educativo numa direção libertadora. Por outro lado, procura desmistificar o conceito de "conscientização" (difundido a partir de sua primeira obra), no sentido em que é empregado pela ideologia dominante: "conscientização" é entendida como "consciência de e ação so-

bre” a realidade e não como “tomada de consciência”. A conscientização realiza-se na práxis, não na teoria.

Para ele, “ação cultural” e “revolução cultural” são dois momentos da práxis libertadora: a primeira realiza-se em oposição às classes dominantes, enquanto a segunda realiza-se após a revolução social e política. “Há uma educação revolucionária antes e outra depois que a revolução se instala”, afirma ele. “Antes, ela não pode ser feita pelo poder que silencia, mas somente dentro dos movimentos sociais populares, dentro dos sindicatos, dentro dos partidos populares não-populistas. E através de educadores que façam a sua conversão, o seu suicídio de classe, os pedagogos trânsfugas. Quando o grito se encarna no poder, então a educação revolucionária toma outra dimensão, pois o que foi educação contestadora passa a ser agora educação sistematizada: trata-se então de recriar, de ajudar na reinvenção da sociedade. Na fase anterior, ela ajudava o grito para a derrubada de um poder hostil às massas; com elas no poder, a educação passa a ser um instrumento extraordinário de ajuda para a construção da sociedade nova, para a criação do homem novo.”

◁ Paulo FREIRE, p. 123, (32).

## SOCIALISMO CRISTÃO E UTOPIA

A prática pedagógica à qual Paulo Freire se entregou desde a juventude tem muito a ver com sua religiosidade.

Ele conta que, certa vez, ainda muito pequeno, foi aos côrregos e aos morros do Recife, nas zonas rurais, impulsionado por “certa intimidade gostosamente petulante com Cristo”, e imbuído de uma visão “adocicadamente cristã”. Chegando lá, a dramática e desafiante realidade do povo o remeteu a Marx, o que não o impediu de encontrar-se com Cristo nos becos da rua.

Como pensador de esquerda, Paulo Freire acredita que ser cristão não é ser reacionário, e ser marxista não significa ser um burocrata desumano. Os cristãos devem rejeitar a exploração.

Assim se inicia sua prática, que encontra impulso no movimento socialista cristão das décadas de 50 e 60. A consciência política dessa prática o fez perceber que se tornara político por ser educador e por ser cristão. Isto é, era inviável que, sendo cristão, fosse neutro, da mesma forma como era inviável ser neutro enquanto educador.

Paulo FREIRE, A mensagem de Paulo Freire: teoria e prática da libertação. *Textos selecionados pelo INODEP, Porto, Nova Crítica, 1977, p. 33.*

▷ O pensamento de Paulo Freire é um pensamento utópico, mas não utópico no sentido do definitivamente irrealizável. Para ele, a utopia não é idealismo: “é a dialética dos atos de denunciar e anunciar, é o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão, a utopia é também compromisso histórico”.

Diana A. CUNHA, p. 28-9, (58).

▷ A propósito da utopia, Diana Cunha faz o seguinte comentário: “Nesta definição do utópico, de Paulo Freire, além da valorização da utopia como viabilidade humana, está presente a sua concretude histórica, ou seja, ser utópico é negar um presente desumano, engajando-se na luta por um futuro mais humano. O que está contido na utopia é anteprojetado, que só se tornará projeto na práxis histórica, que é onde se tornará viável, real. Que entre a utopia e sua realização há um tempo histórico, que é o tempo da ação transformadora, da construção de nossa realidade. Só os utópicos podem ser proféticos, portadores de esperança. E só podem ser proféticos os que denunciam e anunciam — os opressores nunca serão proféticos, pois nada querem mudar em favor dos demais”.



# Reaprendendo o **5** Brasil

Um ano antes de ser anistiado, Paulo Freire havia sido convidado a retornar ao Brasil para participar do 1º Seminário de Educação Brasileira, mas, uma vez mais, seu passaporte lhe foi negado.

Por ocasião desse seminário, realizado em Campinas, seus organizadores, driblando a censura, apresentaram, a uma audiência de 800 educadores, uma mensagem gravada pelo telefone. Nela, Paulo Freire fala da saudade enorme, grandona, do Brasil gostoso, cheiroso, do qual estava distante, mas distante do qual também nunca estivera.

Depois de ter conseguido um mandado de segurança, ele recebe o passaporte que lhe havia sido sistematicamente negado por várias representações consulares brasileiras, em diversos países. Depois de 15 anos de exílio, aos 57 anos, chega ao aeroporto de Viracopos, Campinas, onde, indagado se havia acompanhado a evolução política e educacional do país, disse ter feito o impossível para isso, acrescentando: "Mas, a cada momento, descubro que é indispensável estar aqui para melhor entender toda a atual realidade. Quinze anos de ausência exigem uma aprendizagem e uma maior intimidade com o Brasil de hoje. Vim para reaprender o Brasil".



*Paulo Freire chegando ao Brasil (Campinas, SP) em julho de 1979, depois de 15 anos de exílio, ao lado de Elza e de Madalena.*

O exílio não o marcou com mágoa ou com uma nostalgia doentia. Sua volta representou um momento im-

portante na história da educação no Brasil, pois reanimou-se o debate em torno dos problemas educacionais, sufocado pelo obscurantismo imposto pela oligarquia governamental não menos obscurantista e tecnocrática.

Em março de 1980, visitando a Universidade Estadual de Campinas, num encontro com professores que queriam trabalhar com ele, Paulo Freire foi consultado pela segunda vez sobre a possibilidade de trabalhar naquela universidade. Aceitou o convite de imediato. O diretor da Faculdade de Educação, Eduardo Chaves, aproveitou a saída de uma professora para propor o nome de Paulo Freire. O reitor, porém, segurou a designação, sendo necessária uma grande mobilização de alunos e professores para que Paulo Freire fosse contratado. Nesse mesmo ano, começou a trabalhar no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação (supervisão e currículo) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Embora ainda no exílio, Paulo Freire foi um dos fundadores do CEDES — Centro de Estudos de Educação e Sociedade, que nasceu, com a revista *Educação e sociedade*, durante o 1º Seminário de Educação Brasileira (1978).

Em 1981, participou da fundação do Vereda — Centro de Estudos em Educação, em São Paulo, centro responsável por pesquisas, assessoria e formação de professores que atuam na área da educação popular.

Uma das formas que assumiu o reaprendizado de Paulo Freire do Brasil foi sua participação em movimentos de professores e movimentos de educação popular, como o debate com professores mineiros, realizado em abril de 1981, e principalmente a participação na luta da classe trabalhadora. Esse engajamento com a classe trabalhadora repercutiu profundamente nas obras que elaborou após o exílio.

Nesse debate, Paulo Freire abordou assuntos variados: de como a fome da zona de miséria onde ele cresceu o remetera a Marx, e como sua camaradagem com Marx não o levava a romper relações com Cristo; o fato de o poder de manipulação e domesticação da televisão brasileira reproduzir sonhos alienadores e inacessíveis à classe dominada; o fato de a televisão andar de braços dados com o autoritarismo. Além disso, encorajou os professores a propor aos alunos que optassem entre se deixar ma-



*Primeira visita de Paulo Freire ao CEDES, ao lado de Maurício Tragtenberg, Carlos Rodrigues Brandão e Moacir Gadotti (Campinas, 1980).*



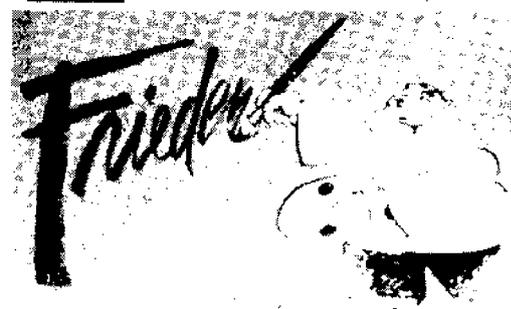
nipular pelo professor, aceitando o currículo imposto por ele, ou serem sujeitos participantes da elaboração de seus próprios programas, tomando nas mãos sua própria educação. E conclui: "A transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação".

## NOVO CONTEXTO, NOVAS IDÉIAS

O reaprendizado de Paulo Freire também foi testemunhado por numerosos textos publicados por ele e sobre ele. Destacaremos os mais importantes relacionados com a educação e a formação do educador. Não é apenas o testemunho desse reaprendizado que importa, mas, igualmente, o próprio processo. Muitos desses autores convivem com ele e com ele compartilham da mesma prática e teoria da educação. Frequentemente, Paulo reafirma a importância de escrever e reescrever com os colegas de trabalho, realçando a produção e a renovação, em cada contexto, da pedagogia do oprimido como obra coletiva. Ele procura valorizar sobretudo os educadores jovens, participando com eles de um trabalho que, também para ele, é fonte de permanente aprendizado.

Vejam como esse processo de reaprendizagem tem ocorrido.

Em 1979, aparece a edição brasileira de *Educação e mudança*, uma análise das possibilidades do sistema educacional no processo de mudança da sociedade. Nele, Paulo Freire desenvolve a idéia de **compromisso** como categoria do ato pedagógico. Trata-se de um compromisso político, mas que abrange igualmente a formação técnico-profissional do educando. Por outro lado, é nesse livro que esquematiza, de forma muito didática, as características da consciência ingênua e da consciência crítica. Esse livro, que coincide com seu regresso ao país, foi traduzido por mim e por Lilian Lopes Martins. Também elaborei seu prefácio, em que discuto a relação entre **diálogo** e **conflito**, partindo do pressuposto que o diálogo é insuficiente para uma pedagogia transforma-



*Antologia de Paulo Freire composta de artigos e entrevistas e publicada em 1981 com o título: "O professor é político e artista".*

dora numa sociedade de classes. Paulo Freire escreveu com outros educadores, entre eles, Rubem Alves, Mari- lena Chauí, Carlos Rodrigues Brandão, Vanilda P. Paiva e Luiz Eduardo Wanderley, a *Questão política da educação popular* (1980), onde a educação popular aparece não só ligada às classes populares, mas também ao socialismo.

## OBRAS SOBRE PAULO FREIRE

Sílvia Maria Manfredi escreveu *Política e educação popular* (1981), em que apresenta as características econômicas, políticas e educacionais do início da década de 60, o método de Paulo Freire e sua utilização em experiências educacionais. Aborda temas que auxiliam o desenvolvimento profissional dos docentes em todas as áreas do magistério de 1º, 2º e 3º grau.

Apesar de trabalhar com **comunicação e cultura**, Paulo Freire não tem recebido a devida atenção por parte de estudiosos da comunicação. Em *Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire* (1981), Venício Artur de Lima expõe o contexto social das idéias de Freire, sua importância para os estudos de comunicação, obras de e sobre Paulo Freire, o conceito de comunicação e de cultura em Freire, levando em conta a natureza dialética de sua linguagem.

Wagner Gonçalves Rossi, em sua *Pedagogia do trabalho: caminhos da educação socialista* (1982), seleciona material e autores, dando preferência aos menos conhecidos do leitor brasileiro (Makarenko e Freinet); discute sumariamente John Dewey, Gramsci, Snyders e Nidelcoff; dedica um estudo mais detalhado a Pistrak e um capítulo a Paulo Freire, incluindo, ainda, uma parte descritiva, simples, originalmente destinada ao leitor americano.

No conjunto dessa obra, Paulo Freire entra na evolução da história da pedagogia socialista, chamada pelo autor de pedagogia do trabalho, porque todos os pedagogos que analisa têm o trabalho como categoria funda-

mental. É o que faz Makarenko, que valorizava o trabalho manual, chegando, até mesmo, a construir máquinas com seus alunos. Freinet e Dewey, da mesma forma, valorizavam o trabalho como elemento metodológico básico na aprendizagem. Dewey afirma: “É preciso aprender fazendo”. Nos outros autores analisados por Rossi, o trabalho aparece como princípio antropológico da educação. Isso significa que a educação forma o homem, mas ele é o que faz, ele se constrói produzindo sua própria existência material e espiritual.

As vicissitudes das idéias e da prática pedagógica de Freire constituem o objetivo das análises registradas por Celso de Rui Beisiegel, em *Política e educação popular (A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)*, obra publicada em 1982. Assinala como as idéias que inspiraram a ação social da Igreja Católica brasileira, a ideologia nacional-desenvolvimentista formulada no ISEB, os fundamentos da democracia liberal anglo-saxônica e a prática educativa junto às massas populares do Recife se constituíram nos pontos de partida de Paulo Freire no processo de criação de seu método de alfabetização e conscientização.

Em 1983 e 1984, a editora Loyola publicou três livros de Carlos Alberto Torres sobre Paulo Freire: *A práxis educativa de Paulo Freire*, *Diálogo com Paulo Freire* e *Leitura crítica de Paulo Freire*. Torres destaca principalmente os aspectos antropológicos e metodológicos da obra de Paulo Freire. Em uma de suas teses, investiga a relação existente entre a dialética hegeliana e a filosofia da educação problematizadora, concluindo que a diferença está na concepção de autoconsciência. Em Hegel, ela é idealista e subjetivista; em Paulo Freire, é integrada à consciência do outro. Segundo o filósofo Eliseu Cintra, em sua tese “O sentido do outro em Paulo Freire”, o outro pode ser visto de três formas: 1. através de uma opção ética pelo valor do outro como pessoa, em sua singularidade; 2. considerando o outro como alguém que dá sentido a mim próprio, completando-me como ser humano; 3. através do diálogo, no qual me abro para o outro e me torno receptivo a ele. Essa concepção de alteridade advém do cristianismo. É nesse sentido que a educação conscientizadora visa à superação da antidualidade.



*Paulo Freire com Carlos Alberto Torres, educador argentino radicado no Canadá, cujas obras contribuíram para uma compreensão crítica e prática do pensamento de Paulo Freire no contexto latino-americano (1982).*

## PAULO FREIRE HOJE

As leituras atuais de Paulo Freire, um leitor incansável, incluem autores marxistas clássicos e contemporâneos: Jürgen Habermas, Bogdan Suchodolsky, Georges Snyders, Rosa Luxemburgo, Agnes Heller, Claude Lefort, György Lukács, Althusser, Eric J. Hobsbawm.

Em 1983, com o Programa Regional da Criança Abandonada e de Rua, a UNICEF iniciou uma série de atividades de apoio aos governos, à Igreja, às instituições privadas e às comunidades, na busca de alternativas de resgate e promoção das crianças abandonadas da América Latina.

Como primeiro passo em relação ao objetivo proposto, surgiu a publicação, em espanhol, de *Paulo Freire e os educadores de rua*, destinada a chamar a atenção para o menor em estado de abandono, de rua e na rua, em situação de alto risco.

Nessa publicação, Paulo Freire discorre sobre a situação que gerou esses menores, sobre a prática do educador de rua, sua perplexidade, seu assombro pedagógico, suas características. E propõe uma pedagogia que rechaça o autoritarismo asfixiador da liberdade e a irresponsabilidade licenciosa.

Desde que voltou ao Brasil, Paulo Freire participou de outros atos e eventos, de cursos e seminários nas mais diversas instituições, encarando-os como atos político-pedagógicos. Ministrou, com Martin Carnoy, um curso intensivo na escola de Educação da Universidade de Stanford, Califórnia, e abriu o Fórum de Educação do estado de São Paulo, em agosto de 1983.



*Paulo Freire ao lado de Elza e do economista e educador Martin Carnoy, na Universidade de Stanford, em 1983.*

Recebeu, também, diversas homenagens e vários títulos, como o Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento Internacional, na Bélgica, e o Prêmio UNESCO 1986 da Educação para a Paz.



Ao receber este último, Paulo Freire afirmou: "A paz se cria e se constitui com a superação das realidades sociais perversas. A paz se cria e se constitui com a edificação incessante da justiça social. Por isso não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de revelar o mundo das injustiças, o torne opaco e tenda a cegar suas vítimas".

Somente em junho de 1987, Paulo Freire conseguiu sua reintegração como professor da Universidade Federal de Pernambuco, por ato do governo da Nova República, que reparou, assim, uma injustiça histórica cometida pelo regime militar em 1964.

Atualmente, presta assessoria à Universidade Estadual de Campinas e à Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É professor de Educação e oferece um seminário semanal sobre Educação Comparada, juntamente com o autor deste livro, na PUC de São Paulo. Eventualmente, oferece cursos em outras universidades.

*Cartaz convocando para a cerimônia solene de entrega do Prêmio UNESCO 1986 da Educação para a Paz.*

Em 1980 filiou-se ao PT — Partido dos Trabalhadores, em São Paulo. De 1980 a 1986, trabalhou como diretor e fundador da Fundação Wilson Pinheiro, ligada a esse partido, supervisionando diretamente o projeto de alfabetização de adultos organizado por aquela fundação no município de Diadema (SP), ao qual nos referimos no capítulo 2.

O relato de algumas de suas práticas educativas desse período encontra-se em suas publicações “dialogadas” com outros educadores e intelectuais. Experimentou um novo **paradigma metodológico** na linha de **pesquisa participante**, colocando em prática uma teoria do conhecimento que tem como dimensão principal a natureza dialógica da produção do saber e contribuindo para uma compreensão histórica do rigor científico.

*Paulo FREIRE, p. 56-7, (32).* ▷

Sobre o rigor, diz ele: “A **rigoriedade**, enquanto aproximação metódica do objeto do qual nos oferece um saber cabal, não nasce de repente. Forja-se na história e implica uma prática em cuja intimidade há sempre a possibilidade de superação de um procedimento ingênuo anterior, tido, porém, porque válido, como crítico. A natureza histórica da rigoriedade e da exatidão dos achados, sem as quais não há ciência, explica, por outro lado, a historicidade do conhecimento. O que pode ocorrer é que algumas pessoas se sintam inseguras quando descobrem que a ciência não lhes dá um conhecimento definitivo e se perguntem: ‘Sendo assim, o que é que eu faço?’ Para mim, no momento em que se experimenta essa obviedade, cresce a curiosidade e a busca de um maior rigor na procura de achados mais exatos”.

A experiência de Paulo Freire com esta metodologia está registrada numa série de trabalhos, entre eles, os dois volumes *Sobre educação* escritos com Sérgio Guimarães, nos quais Paulo Freire analisa a infância, a adolescência e a escola, através de sua infância, sua adolescência e sua escolarização. Aborda, ainda, o **impacto dos meios de comunicação de massa** na educação atual.

*Paulo FREIRE, em diálogo com Sérgio Guimarães, p. 14-5, (27).* ▷

Com relação à televisão, ele assim se manifesta: “[...] SOU UM HOMEM DA TELEVISÃO, sou um homem do rádio, também. Assisto novelas, por exemplo, e aprendo muito criticando-as. É engraçado, comigo, esse fato. Sou um telespectador tão exigente de mim mesmo que me cansa assistir a programas de televisão, porque não me entrego

docilmente. Eu brigo com ela, entendes? Dificilmente um comercial me apanha desprevenido. Dificilmente. Eu analiso os comerciais. Você poderia dizer: 'Mas, Paulo, puxa, não vale a pena seguir televisão desse jeito (π), como quem está em seminário', não? Mas essa é a minha forma de ser: eu analiso os comerciais de um modo geral e descubro neles, imediatamente, o corte de classe, por exemplo, o corte de sexo, o corte de raça; às vezes os três juntos, entendes? E fazia isso já na Europa, onde a coisa é bem menos gritante do que aqui no Brasil.

Ao pensar sobre o problema dos chamados meios de comunicação, portanto, fica claro, logo assim de saída, que me sinto um homem do meu tempo. Não sou contra a televisão. Acho, porém — não sei se tu concordarás comigo —, que é impossível pensar o problema dos meios sem pensar a questão do poder. O que vale dizer: os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são o resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana, da ciência desenvolvida pelo ser humano. O problema é perguntar a serviço do que e a serviço de quem os meios de comunicação se acham. E esta é uma questão que tem a ver com o poder e é política, portanto. A convicção que tenho, Sérgio, é a de que, resolvida essa situação, de fato problemática, do ponto de vista técnico você tem solução''.

Acerca da informática, Paulo Freire diz o seguinte: "[...] EU NÃO SOU CONTRA A INFORMÁTICA, não sou contra o uso dos computadores. Já disse que faço questão de ser um homem do meu tempo. O problema é saber a serviço de quem, e de que, a informática entrará agora maciçamente na educação brasileira. [...] O que é que há por trás desse manuseio? É uma experiência de classe, indiscutivelmente, que está aí. O meu receio, inclusive, é que a introdução desses meios mais sofisticados no campo educacional, uma vez mais, vá trabalhar em favor dos que podem e contra os que menos podem. Por isso é que eu digo que a crítica a isso não é uma crítica técnica, mas política''.

◁ Paulo FREIRE, p. 83, (27).

Com Frei Betto, em *Essa escola chamada vida*, retoma o tema do exercício da reflexão sobre a prática, como melhor maneira de aprender: ambos tiram lições do exílio e da prisão.

Com Antonio Faundez, filósofo chileno, escreveu *Por uma pedagogia da pergunta*, um diálogo em que analisa o papel do intelectual em sociedades em transformação, como o Chile de Allende, a Guiné-Bissau e a Nicarágua.

Com relação à alfabetização na África, faz duas observações importantes. Na África, qualquer campanha de alfabetização fracassa se não levar em conta a enraizada tradição oral na comunicação, ficando assim o processo de alfabetização comprometido. Paulo Freire teve dificuldade de aí desenvolver suas idéias por ter encontrado forte resistência a elas em outra característica muitas vezes presente na África, como herança do colonialismo — o autoritarismo.

Com este autor e Sérgio Guimarães, refletindo sobre o nosso trabalho no Brasil e no exterior, responde, em *Pedagogia: diálogo e conflito*, às perguntas mais frequentes a nós dirigidas, enfocando-as do ângulo da pedagogia do diálogo e da pedagogia do conflito. Nessa obra, é abordado sobretudo o problema do saber, do poder e do educar.

Com Ira Shor, educador americano, surge *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, que aborda o trabalho diário do professor, fonte de numerosas contradições e conflitos. São duas experiências distintas, mas ligadas pelo mesmo enfoque, a educação libertadora, e pelo mesmo sonho, uma sociedade de iguais. Ambos estão especialmente preocupados com o que chamam de *empowerment*, isto é, a potencialidade criadora, dinâmica, da educação para a mudança.

Ainda incompleto (em 1987 saiu apenas o primeiro volume), o livro *Aprendendo com a própria história*, em co-autoria com Sérgio Guimarães, é um relato afetuoso de sua trajetória, dos sins e nãoos que deu ao tomar na mão a sua história de vida, de intelectual e de educador.

Na mesma linha das publicações anteriores, Paulo Freire e Donaldo Macedo lançaram, em 1987, o livro *Literacy: reading the word and the world* (Alfabetização: lendo a palavra e o mundo), no qual examinam a atual crise de alfabetização.

Aos 65 anos, conhecido no mundo todo como o maior educador de nosso tempo, tendo perdido a esposa, fato que o feriu muito, poderíamos imaginar que não lhe restaria nada a fazer. Não foi o que ocorreu. De-



Paulo Freire e Ira Shor trabalhando no livro *Medo e ousadia* (Boston, 1985).



Capa do livro sobre alfabetização escrito em co-autoria com Donaldo Macedo, prefaciado por Henry Giroux e classificado entre as cinco melhores publicações sobre o tema pela Associação Americana de Leitura.

pois de passar alguns meses sensível, dolorido e lutando interiormente para não se abater, aos poucos retomou seu compromisso com a educação e a mudança.

Paulo Freire voltou a produzir com muita intensidade, está se renovando, e conta, com muita emoção, que gostaria de viver tudo de novo. O destino levou-o novamente a Pernambuco, atendendo a convite de seu amigo Miguel Arraes, novamente governador do estado, para assessorar a Secretaria de Educação. Aceitou o desafio de ajudar a reformular a educação de seu estado natal.

A morte de Elza deixou-lhe dois caminhos: morrer com ela ou **optar pela vida**. A opção pela vida incorporou Elza como uma saudade otimista, porque ao lado dela estava, está, a opção pela revolução.

**Um educador  
revolucionário 6**

**E**m seu processo de autocrítica, coerente com o princípio de não dicotomizar teoria e prática, Paulo Freire confessou inúmeras vezes ter sido importunado pelo subjetivismo, motivo pelo qual deixou, faz alguns anos, de utilizar o conceito de conscientização. Esse conceito tem sido aplicado muitas vezes como uma pura tomada de consciência da realidade, sem a ação necessária para transformá-la. Para ele, a conscientização passa, antes de mais nada, pela prática, pela ação transformadora. Mesmo assim, para evitar interpretações subjetivistas, ele abandonou o conceito.

## COERÊNCIA: TEORIA E PRÁTICA

Paulo Freire tem falado que cometeu algumas ingenuidades nos anos que precederam 1964, em função de um contexto de intensa presença popular. O clima político da época estimulou uma espécie de visão mágica da palavra, do discurso. Quanto mais se gritassem palavras de ordem fortes, como “reforma agrária na lei ou na marra” e “o processo é irreversível”, tanto melhor. Era como se bastasse desvelar a realidade opressiva para se libertar dos opressores. “A impressão que tenho é de que o clima também nos iludia, com a aceleração do ideológico e do político sem a correspondente transformação da infra-estrutura.” Em seu primeiro livro, Paulo Freire afirma ter caído nessa forma de idealismo.

Quanto aos dias de hoje, diz ele: “Minha sugestão é que se acredite menos na mitificação e no magismo da palavra. Não é discurso forte que importa. Vamos trabalhar mais e falar menos. Entreguemo-nos a um trabalho paciente de mobilização e organização populares, que não se faz à base de discursos veementes, mas de uma prática profunda, que se entrega docilmente a uma reflexão crítica diária sobre ela”.

Nestes 15 anos de convivência com Paulo Freire, o que me chama a atenção é a prática de uma categoria que é fundamental em sua pedagogia. Trata-se da coe-

*Paulo FREIRE, no Congresso da União Cristã Brasileira de Comunicação Social, na Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (SP), em novembro de 1980.*

rência, articulada com outras categorias, como, por exemplo, **radicalidade e paciência histórica**.

Esta coerência entre o pedagogo e o homem, não apenas enunciada mas praticada e incorporada ao seu modo de ser, é percebida nos menores detalhes de sua vida. Em todos os momentos e lugares, Paulo Freire está sempre atento, analisando sua prática e a ação concreta dos que estão ao seu redor. Como professor, não deixa a fala de nenhum aluno sem uma longa análise. E, quando não concorda com o que alguém diz, não o contesta de forma agressiva, mas defende com ardor seu ponto de vista. Isso demonstra um profundo respeito pelo interlocutor.

Esse respeito, contudo, não o deixa desatento. Autonomia não significa abandono, *laissez-faire*. Ele sempre intervém, não se omite, opina constantemente. Nisso ele é diretivo. Como professor, Freire tem sido sempre dirigente do processo de aprendizagem, trazendo muita informação sedimentada com sua longa experiência.

Fora da sala de aula, ele se comporta da mesma maneira. Certa vez fomos convidados para um almoço por um editor para discutir a publicação de um livro. Quando o executivo da editora pagou a conta e pediu uma nota fiscal, o garçom perguntou: "No mesmo valor?" O executivo respondeu afirmativamente, o que provocou um certo estranhamento no garçom. Paulo não perdeu a oportunidade de fazer um comentário sobre esse diálogo, que oculta todo um jogo de corrupção. O executivo poderia solicitar uma nota fiscal com valor superior e embolsar a diferença, o que constitui um hábito. Os garçons, sabendo disso, antes de fazer a nota fiscal, certificam-se do valor.

Paulo não é moralista. Segundo ele, se esse hábito realmente apressasse a revolução, ele não teria a menor dúvida em apoiá-lo. Porém emenda imediatamente: "Não é assim que vamos acabar com o capitalismo".

Em 1985, quando o Congresso Nacional aprovou uma lei que facultava o voto ao analfabeto, a televisão quis saber a opinião do educador sobre o assunto. Numa entrevista rápida, uma repórter fez, entre outras, a seguinte pergunta: "Então, agora temos de ensinar o analfabeto a votar?" Lembro-me de que Paulo pôs a mão no ombro da repórter e disse: "Não é bem assim.

Eles vão aprender rapidamente a votar. Basta que se exercitem. Não é preciso lhes ensinar”. E acrescentou: “A classe dominante gostaria de ensinar o povo a votar do seu modo. E é isso que certamente ela está pensando em fazer agora para dirigir o voto do analfabeto”.

No ano seguinte, houve eleições. O comparecimento de analfabetos, todavia, foi insignificante. Manipulada há muitos anos por políticos paternalistas e corruptos, a massa popular estava descrente da possibilidade de mudar alguma coisa pelo voto.

Paulo Freire, educador que vem lutando há pelo menos quatro décadas pela formação dos alfabetizados, convocado por governos, exércitos de libertação, instituições religiosas e outras, sabe que votar é insuficiente. É preciso formar um cidadão que seja participante não apenas em dia de eleição.

## NENHUMA RESPOSTA É DEFINITIVA

Paulo Freire critica os críticos que não compreendem suas idéias e seu momento histórico. Mas também critica, pelo mesmo motivo, os seguidores que tomam suas teorias ao pé da letra, fora de contexto. Ele os critica até mesmo por se contentarem com seus primeiros textos, deixando de ler as críticas que ele fez a si próprio no decurso de seus livros, com as quais evidencia o fato de que a aprendizagem e a reaprendizagem não terminam nunca.

Ainda um exemplo. Quando Paulo Freire é convidado a falar, costuma solicitar ao público que inicie a palestra com perguntas. Em geral, depois de alguns momentos de silêncio, alguém levanta uma questão. Quando ninguém se apresenta, ele inicia a fala ou pede uma bala ou chocolate para preparar a garganta. Estabelece assim um clima ameno, prepara o terreno para suas colocações e, enquanto chupa a bala, começa o diálogo, muitas vezes com os componentes da mesa. Gosta de falar em “parceria”. Certa feita, em Copenhague, Dina-

marca, falamos durante quase quatro horas para um público de aproximadamente mil pessoas, entre professores e estudantes, procurando encadear juntos o pensamento sobre correntes e tendências da educação contemporânea. É fácil falar do que se está fazendo, do que se pratica com vontade, com empolgação, com amor.

Em outra ocasião, a primeira pergunta que alguém lhe dirigiu foi: “O que é perguntar?” Ele trabalhou essa questão inquietante, mostrando o quanto o ato de perguntar está ligado ao ato de existir, de ser, de estudar, de construir, de pesquisar, de conhecer. Discorreu sobre a validade de toda e qualquer pergunta, afirmando: “Nenhuma resposta é definitiva”. É por esse motivo que devemos continuar questionando sempre, pois perguntar é a própria essência do ato de conhecer. Ele também comentou que, muitas vezes, os professores autoritários acabam reprimindo as perguntas de seus alunos ou, ainda, respondem a perguntas que os alunos não se fazem; por isso, todo professor autoritário é chato, sem graça e trata seus alunos como se eles não existissem. Agindo assim, o que eles conseguem é sufocar o gosto de perguntar, de pesquisar e de conhecer.

Paulo levou a questão — “O que é perguntar?” — para casa. Essa pergunta o marcou, perseguiu e, mais tarde, inspirou mais um denso volume, *Por uma pedagogia da pergunta*, escrito em parceria com Antonio Faundez.

A coerência, que ele defende como primeira virtude do educador revolucionário, parece ser sua virtude principal. Mas nos adverte com frequência que a coerência absoluta é burrice, pois torna as pessoas incapazes de mudar. E, para mudar, é preciso desrespeitar as verdades já adquiridas, os próprios preconceitos.

A coerência absoluta seria a negação mesma da história e da capacidade de o homem fazer História através de sua própria história. A coerência de que ele nos fala é a coerência entre o discurso que anuncia a opção político-pedagógica e a prática que deve estar a serviço desse anúncio, confirmando o discurso.

A coerência não é uma atitude científica nem subjetivista; é uma concepção teórica do ato educativo, uma das categorias fundamentais da teoria da educação libertadora, da educação popular. Essa teoria (dialógica) é



oposta à teoria da classe dominante (antidialógica); por isso, Freire não aceita a postura de quem quer “libertar dominando”, ou seja, a postura de quem se diz revolucionário, mas continua a utilizar os mesmos métodos autoritários da classe dominante. Denuncia ele os falsos revolucionários, que querem fazer a revolução sozinhos por desconfiar da capacidade das massas populares. Acha isso uma incoerência. A libertação não é obra de uma pessoa, de um grupo ou de um partido; é obra de todos.

No prefácio ao livro de Henry Giroux, *Pedagogia radical*, Freire insiste na necessidade de o educador revolucionário ser coerente. Muitas vezes é preciso pagar um preço alto pela coerência entre o que se faz, o que se diz e o que se escreve. A coerência do educador não se limita à atividade docente. E dá um exemplo de incoerência: o educador que se diz não-elitista considerar ingênua toda ação político-pedagógica que parta da compreensão que os grupos populares estejam tendo de sua situação concreta.

*Seminário do IDAC, na Guiné-Bissau, 1975.*



*Seminário na Michigan State University, em março de 1984.*

## O EDUCADOR REVOLUCIONÁRIO: PACIENTEMENTE IMPACIENTE

A coerência deve ser vista, portanto, dentro de uma visão **dialética**, e não de maneira **metafísica**. É uma **coerência incoerente**, pois, como Paulo Freire costuma dizer, o revolucionário precisa ser **pacientemente impaciente** para saber distinguir o ideal do possível. O revolucionário faz só o **possível** hoje, mas, como é **impacientemente paciente**, fará amanhã o que agora é impossível.

Afastar-se desse princípio dialético é cair na postura espontaneísta de quem cruza os braços, esperando que a História se faça mecanicamente, ou na postura autoritária de quem perde a paciência histórica e age como se a História dependesse apenas de si e do seu pensamento. Esse princípio se traduz na prática por aquilo que ele chama de “**radicalidade democrática**”, que não é nem a socialdemocracia e nem o reformismo. Para ele, radicalidade democrática é sinônimo de revolução possível e socialismo.

O que significa ser paciente e impaciente ao mesmo tempo? Significa aceitar o fato de estar historicamente situado. Romper com o contexto histórico pode significar duas coisas: pode-se romper com a paciência ou com a impaciência. O primeiro é o caso dos voluntaristas, os que “perdem a paciência histórica” e acreditam que podem mudar a História independentemente das circunstâncias. Como diz Paulo Freire, os voluntaristas querem “fazer a revolução daqui até quinta-feira”.

O segundo caso é o dos **imobilistas**, **mecanicistas**, que rompem com a impaciência em favor de uma paciência sem limites. Acabam na passividade, no **basismo** (ato de deixar a responsabilidade nas mãos das supostas bases, omitindo-se), no **espontaneísmo**, que é outra forma de negar a História. Por isso, Paulo Freire diz que o educador revolucionário deve ser **pacientemente impaciente**, mantendo uma relação dinâmica entre a paciência e a impaciência. Frequentemente, Paulo Freire aponta essa virtude revolucionária em Amílcar Cabral, que é o autor dessa expressão.

## PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO

Num congresso de professores em Goiânia, logo depois de voltar do exílio, Paulo Freire passou cerca de 40 minutos lendo um sermão de Antônio Vieira, onde ele dizia que nenhum milagre de Cristo foi tão demorado quanto o da cura de um endemoniado mudo, que teria dado a Cristo muito trabalho. Paulo Freire, que falava do autoritarismo na educação brasileira, acrescentou que esta tem sido a grande enfermidade de nosso país: o silêncio a que se tem sempre submetido o povo. O que Vieira não disse, porque não podia fazer uma análise de classe, na época, é que, sobretudo neste país, quem tem sido muda é a classe popular, a classe trabalhadora. Esse mutismo não significa que as massas populares não façam nada ou deixem de se rebelar. Há toda uma história de rebeldia no Brasil, que a história oficial não conta ou faz questão de esquecer.

Contra esse autoritarismo das elites, incluindo as elites intelectuais, ele propõe a *fala*, o *grito*, como pedagogia do oprimido.

Nesse ponto, convém ainda observar que não há incoerência entre a pedagogia do diálogo e a pedagogia da indignação, entre diálogo e violência. A pedagogia do oprimido visa à instalação da paz, mas não se nega a lutar por ela. Esse é um tema recorrente nas obras de Paulo Freire. A situação de dominação/opressão que impõe o silêncio é violenta. Segundo Freire, a violência impede o homem de ser. A classe dominante e sobretudo os meios de comunicação incutem a idéia de que as classes populares, chamadas de marginais, é que são violentas, sem perceber que são as próprias classes dominantes, que instauram a violência, através da exploração do trabalho.

Já na *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire insistia no fato de que a violência não é instaurada pelos oprimidos: “Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência? Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui? Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que explo-

◁ Paulo FREIRE, p. 45, (8).

ram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam. Os que inauguram o temor não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os 'demitidos da vida', os esfarrapados do mundo. Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos. Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram. Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas os que a negaram, negando também a sua. Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram''.

Paulo FREIRE, revista *Vozes*, 59, ►  
jan./fev. 1982.

Ele vem reafirmando essa posição ao longo de sua vida. Em 1982, 14 anos depois de *Pedagogia do oprimido*, ele retoma a mesma tese: "Quem inaugura o desamor não é o desamado, mas quem desama". E fala da relação entre a violência e a luta de classes: "Se quiser, tire o nome de luta de classes, que é mais brabo, e diga conflito de classes, conflito de interesses. E isso existe.

Inclusive não foi Marx quem inventou isso. Ele mesmo diz, numa de suas cartas, que os economistas burgueses tinham constatado a luta de classes antes dele. Como educador, eu não nego nem fujo aos conflitos. É impossível negar os conflitos. Diria mais: o conflito é a parteira da consciência. Meu sonho — que eu acho que é possível — é o seguinte: encontrar os caminhos da transformação social com um gasto menor. Quanto menos gasto social, tanto melhor. Mas eu compreendo a existência do conflito, da luta, inclusive o conflito é gerador''.

Às categorias já citadas, Paulo Freire tem, nos últimos anos, acrescentado outras: a indignação e a invasão.

Considerando os limites impostos pela situação histórica, não só para os educadores, ele tem reivindicado o direito de o educador se indignar. Considera a pedagogia da indignação necessária ao educador revolucionário nesta sociedade opressiva, pedagogia essa a serviço das classes populares, portanto, contra a ordem burguesa. Nesse sentido, ele recomenda aos educadores populares, quando ocupam o espaço que os aparelhos escolares do

Estado colocam à sua disposição, que o ocupem não como fiéis servidores mas como invasores do Estado burguês.

É dentro dessa concepção que Paulo Freire defende a escola pública popular. Tem repetido muitas vezes que o que mais lhe chamou a atenção ao retornar do exílio foi o surgimento de um grande empresariado ligado à educação, nascido da política de privatização incentivada pela ditadura. Isso, diz ele, não existia na mesma proporção antes do golpe de 1964.

Em termos de uma proposta para a educação no Brasil coerente com suas posições, Paulo Freire diz que a Educação de um país não deve ser de uma pessoa só, mas de um grupo, de muitas equipes, do povo. Explica que se fizesse parte de uma dessas equipes, faria todo o possível para encontrar caminhos através dos quais a escola pudesse superar três situações básicas: a contradição entre a teoria e a prática; a contradição entre o trabalho manual e o intelectual; a dicotomia entre o conhecimento anterior e o conhecimento novo, vale dizer, não dicotomizar, por exemplo, a pesquisa da docência.

*Paulo FREIRE, revista Interação,  
São Paulo, 4, jun./jul. 1984.*

## O “ÚLTIMO” FREIRE

O educador espanhol Antonio Monclús chama o período dos livros dialogados de Paulo Freire de fase do “último” Freire. Em sua obra *Pedagogía de la contradicción: Paulo Freire*, ele procura mostrar como os textos de Paulo Freire não se limitam à esfera da educação, mas constituem um ponto de referência para a análise teórica e prática de outra grande preocupação atual na América Latina, que é a busca de uma identidade latino-americana.

Falar em “último” Paulo Freire é mostrar uma certa trajetória na qual o autor desenvolve um aprendizado e cria uma linguagem. Nessa evolução podemos notar algumas diferenças temáticas entre as obras clássicas de Paulo Freire, que já têm duas décadas de existência, como a *Pedagogia do oprimido*, e as obras atuais.

O que teria acontecido nessa trajetória?

Em primeiro lugar, foi rompido o equilíbrio entre os temas cristãos e marxistas, na medida em que, nas últimas obras, o peso da temática social é maior. Em consequência, as reflexões sobre a ação da Igreja são mais raras. Todavia, acentua-se a posição de Paulo Freire em favor de uma Igreja comprometida não apenas com a conscientização, mas com a organização política das classes populares.

Em segundo lugar, após o retorno do exílio, em contato íntimo com a realidade brasileira, Paulo Freire preocupa-se muito com a questão da **escola pública** e da **educação formal**. Essa temática não é nova em Paulo Freire, mas era inevitável que ele a aprofundasse nos frequentes encontros com os educadores brasileiros, preocupados com a universalização do ensino fundamental e com a qualificação da escola pública. A contribuição de Paulo Freire para o pensamento pedagógico brasileiro atual está muito associada à formação do educador ligado a uma **escola pública popular**.

Por isso tem razão Monclús ao notar algumas diferenças entre o primeiro e o atual Paulo Freire. A ação cultural de Paulo Freire na alfabetização de adultos e na formação não-escolar continua, embora haja atualmente toda uma reinvenção do seu trabalho — e isso é novo — no interior da escola pública, sobretudo no âmbito municipal.

É possível que Paulo Freire, atento à sua época, hoje esteja se engajando numa tendência que é maior do que ele: a mudança da função social da escola pública, na direção de uma escola pública popular e socialista. Essa escola está nascendo lentamente, no interior da escola pública capitalista.

Indubitavelmente, a chamada educação popular, realizada fora dos organismos do Estado ou contra ele, entrou em crise nos últimos anos. Com exceção dos grupos ligados à Igreja e das escolas ditas comunitárias, poucas são as instituições que oferecem uma educação popular formal. As que existem são, com frequência, escolas ligadas a sindicatos. O que as camadas populares desejam, na verdade, é uma escola pública de qualidade em todos os níveis e graus, para crianças, jovens e adultos. “A educação é dever do Estado e direito de todos”, ouvimos gritar aos quatro cantos deste país.

Paulo Freire, lendo essa realidade histórica, tem insistido na necessidade de transformar a escola pública, que se encontra sob o controle da burocracia estatal. Daí a necessidade de a população conquistar essa escola através de mecanismos de controle popular, como os **conselhos populares**. Foi essa posição que levou Paulo Freire à Assembléia Nacional Constituinte, dia 18 de maio de 1987, quando, em companhia do autor deste livro, prestou depoimento à Subcomissão de Educação, Cultura e Esporte, afirmando que a defesa da escola pública era uma “briga vital”, a “briga fundamental” dos educadores brasileiros na nova Constituição.

*Diário da Assembléia Nacional Constituinte, 21 de julho de 1987. Ano I, suplemento ao n.º 100. Atas das Comissões, Brasília, 1987, p. 226.*

**Paulo Freire no  
contexto do  
pensamento  
pedagógico  
contemporâneo**

**7**

O pensamento de Paulo Freire pode ser relacionado com o de muitos educadores contemporâneos.

Alguns o comparam a Pichon-Rivière, psicólogo nascido em Genebra e que se mudou muito cedo para o Chaco argentino, tendo vivenciado, dessa maneira, duas culturas muito distintas. Essa experiência dotou-o de um pensamento aberto, não-etnocêntrico, não-autoritário; e embora ele e Paulo Freire sigam práticas diferentes, ambos têm um ponto em comum: buscam a transformação através da consciência crítica.

Outros tentam aproximar Freire do educador americano Theodore Brameld, apontando em ambos uma similaridade de enfoque, por exemplo, a ênfase no diálogo entre educador e educando, a relação entre política e educação e a aquisição de conhecimento como fator social.

Recentemente estabeleceu-se um paralelo entre a obra de Paulo Freire e a de Enrique Dussel, um dos teóricos da Teologia da Libertação.

Outros ainda o aproximam do educador polonês Janusz Korczak (1878-1942), que morreu com duzentos alunos numa câmara de gás nazista, tornando-se exemplo lendário de uma pedagogia centrada no amor, na autogestão e no antiautoritarismo.

Recebendo da Universidade de Genebra, em 1979, o grau de doutor *honoris causa* em Ciências da Educação, Paulo Freire foi comparado a Edouard Claparède, fundador, em 1912, do famoso **Institut Jean-Jacques Rousseau** de Ciências da Educação, e comparado também a Pierre Bovet que, como eles, acreditou no papel político de uma educação para a paz.

Encontramos também grande afinidade entre Paulo Freire e o revolucionário educador francês Célestin Freinet (1896-1966), na medida em que ambos acreditam na capacidade de o aluno organizar sua própria aprendizagem. Freinet deu enorme importância ao que chamou de "texto livre". Como Paulo Freire, utilizava-se do chamado método global de alfabetização, associando a leitura da palavra à leitura do mundo. Insistia na necessidade, tanto da criança quanto do adulto, de ler o texto entendendo-o. Como Paulo Freire, preocupou-se com a educação das classes populares. Seu método de trabalho

*Célestin FREINET (1896-1966): educador socialista francês, foi professor de escola primária, na qual desenvolveu importante luta contra a pedagogia burocratizada e o autoritarismo da educação tradicional. Introduziu técnicas pedagógicas novas, como o texto livre e a imprensa escolar. Houve troca de correspondência e material didático-pedagógico entre Paulo Freire e a associação francesa de educadores frenetianos.*

incluía a imprensa, o desenho livre, o diálogo e o contato com a realidade do aluno.

Lígia Chiappini Moraes Leite vê na pedagogia de Paulo Freire muita semelhança com a pedagogia de Freinet, sobretudo no que se refere ao papel da **imaginação** e da **criatividade** no processo de desenvolvimento da criança. Aproxima-o ainda de Antonio Gramsci, no que se refere ao educador militante.

*J. J. ROUSSEAU: filósofo que escreveu um tratado sobre educação, descrevendo como deveria ser educado um menino, desde o nascimento até a idade de 25 anos. Esse menino, um personagem fictício, foi batizado pelo autor com o nome de Émile.*

Lígia busca em Rousseau igualmente uma fonte inspiradora de Paulo Freire, quando aquele afirmava que estaria ao lado de Émile (seu aluno imaginário) no momento em que este fosse aprender uma profissão, pois, dizia Rousseau, “estou convencido de que ele só aprenderá realmente aquilo que aprendermos juntos”.

Há quem diga, como Wílson de Faria, que Paulo Freire segue a tradição do **pragmatismo** em educação, na medida em que “rejeita o verbalismo e enfatiza o valor do método científico”.

Paulo Freire manteve correspondência e amizade pessoal com Bogdan Suchodolski, um dos maiores educadores marxistas contemporâneos, autor do conhecido tratado *Teoria marxista da educação*. Freire o considera um dos maiores humanistas da atualidade, chamando-o com freqüência de “o último dos grandes humanistas”.

Madan Sarup, sociólogo inglês, acredita que os novos sociólogos europeus foram profundamente influenciados por Paulo Freire, embora este não se considere ligado à sociologia. Seu pensamento teria colocado em xeque as hierarquias tradicionais, principalmente a relação professor-aluno.

Neste capítulo, analisaremos mais detidamente quatro autores: Carl Rogers (1902-1987), autor de *Tornar-se pessoa*; Ivan Illich (1926), autor de *Sociedade sem escolas*; John Dewey (1859-1952) e Lev Vygotsky (1896-1934).

## **CARL ROGERS E A PEDAGOGIA CENTRADA NO ALUNO**

Embora Paulo Freire não defenda o princípio da não-diretividade na educação, como faz o psicoterapeuta Carl Rogers, não resta dúvida de que existem muitos

pontos comuns nas pedagogias que eles defendem, sobretudo no que diz respeito à liberdade de expressão individual, à crença na possibilidade de os homens resolverem, eles próprios, seus problemas, desde que motivados interiormente para isso.

Para Rogers, assim como para Paulo Freire, a responsabilidade da educação está no próprio estudante, possuidor das forças de crescimento e auto-avaliação. A educação deve estar centrada nele, em vez de centrar-se no professor ou no ensino; o aluno deve ser senhor de sua própria aprendizagem. E a aula não é o momento em que se deve despejar conhecimentos no aluno, nem as provas e exames são os instrumentos que permitirão verificar se o conhecimento continua na cabeça do aluno e se este o guarda do jeito que o professor o ensinou. A educação deve ter uma visão do aluno como pessoa inteira, com sentimentos e emoções.

Da mesma forma que o método de Paulo Freire procura aproximar a figura do professor, que no ensino tradicional se encontra distante do aluno, a abordagem rogeriana, centrada na pessoa, estreita o relacionamento entre paciente e terapeuta, em lugar do distanciamento defendido pela psicologia tradicional.

Carl Rogers, ao responder a críticas de que seu pensamento só seria apropriado para a classe média, por ser moderado, e não ter significação para as classes oprimidas, desenvolveu o pensamento de Paulo Freire. Rogers aborda essa questão no sexto capítulo da obra *Sobre o poder pessoal*.

Convém destacar que Paulo Freire escrevera *Pedagogia do oprimido* em 1968 e Rogers publicara *Liberdade para aprender* em 1969. Um se dirigindo a camponeses e o outro, a estudantes. Não há indícios, no entanto, de que, naquela época, um tivesse ouvido falar do trabalho do outro.

*Carl ROGERS: psicoterapeuta americano que estendeu seus métodos e concepções em reeducação à pedagogia. Segundo ele, um clima de liberdade de experiência e uma atitude centrada no estudante favorecem seu pleno desenvolvimento, pois cada indivíduo dispõe de recursos próprios para se desenvolver, desde que esteja num ambiente livre.*

## CONFRONTO COM IVAN ILLICH

Em diversos momentos, os caminhos de Ivan Illich e de Paulo Freire se cruzaram. A pedagogia dos anos 70 foi particularmente marcada por eles.

*Ivan ILLICH: nascido em Viena, em 1926, foi sacerdote durante alguns anos, exercendo o ministério religioso na Áustria e na Itália. Depois de ter trabalhado em Nova Iorque, dirigiu a Universidade Católica de Porto Rico e fundou, em Cuernavaca (México), o CIDOC, um centro intercultural de documentação, onde se podia aprender espanhol, iniciar-se no mundo latino-americano e participar da análise crítica da sociedade industrial.*

Paulo Freire relata, em seu livro *Aprendendo com a própria história*, que conheceu Illich em 1962, numa das visitas que este fez ao Rio de Janeiro e que se estendeu até o Recife. Na ocasião recebeu dele um conselho: "Possivelmente um dia você vai ser mais conhecido do que é hoje. Acho que dentro de dez anos você terá entrado numa porção de pedaços do mundo. Vou lhe sugerir uma coisa: de um lado, jamais se deixe tomar pela provável fama que terá. Segundo, receba com alegria o momento de sua superação. Aceitar a superação é a única maneira de continuar a vida". Paulo Freire acrescentou que não foi apenas esse discurso de Illich que o salvou de " vaidades bestas". Sua própria prática exigiu dele o estabelecimento de limites às vaidades.

O que há de comum entre Paulo Freire e Ivan Illich?

Em ambos encontramos críticas à escola tradicional: em meio à burocratização da instituição escolar atual, os dois chamaram a atenção dos educadores para o desenvolvimento individual e a libertação coletiva, combateram a alienação escolar e propuseram a redescoberta de uma autonomia criadora.

Mas, apesar dos muitos aspectos comuns, existem alguns pontos profundamente diferentes.

Em Illich, existe pessimismo em relação à escola, na medida em que ele não acredita na possibilidade de recuperá-la, motivo pelo qual seria necessário combatê-la e "destruí-la", "desescolarizando" a sociedade. Defende, em troca, a não-institucionalização do saber, deixando a cargo de cada um a tarefa de aprender, através de redes de pessoas que entrariam em contato umas com as outras, de acordo com suas necessidades pessoais. O usuário em potencial se identificaria pela descrição da atividade que lhe interessasse estudar, e um computador lhe forneceria nomes de especialistas no assunto. Essa proposta, no entanto, só seria viável depois de uma escolarização básica.

Em Freire, ao contrário, encontramos otimismo. A escola pode mudar e ser mudada, pois desempenha um papel importante na transformação da sociedade. Para isso, o primeiro passo é a "conscientização", sendo muito importante, por conseguinte, a formação do educador.

Ambos não têm receitas fáceis para solucionar a atual crise das instituições escolares. Propõem a crítica como instrumento libertador. A futura escola — ou o fim dela — será também fruto coletivo da crítica de hoje.

No pensamento de Illich encontramos três eixos principais: 1. a Igreja, da qual fez parte como padre; 2. a escola, essa “vaca sagrada”, com seus dogmas e mitos; e 3. a sociedade industrial, com seu mito de crescimento e progressos ilimitados. Para ele: 1. a Igreja continua inquisitorial; 2. a maioria das pessoas adquire grande parte de seus conhecimentos fora da escola; e 3. o progresso industrial destruiu a qualidade de vida do homem contemporâneo. Illich acredita que a escola cria necessidades artificiais para poder, ela mesma, atendê-las e assim continuar existindo. Critica os especialistas em educação que propõem uma formação que dura a vida inteira, para ele um pretexto para dar andamento seguro à “indústria escolar” e garantir-lhe um “mercado” e uma “clientela” cada vez maiores.

Paulo Freire, ao contrário, considera que, no interior da Igreja, existe luta de classes e acredita na Igreja profética dos oprimidos. Acha que a revolução social deveria levar em conta a religiosidade popular. É otimista em relação à escola, defendendo a escola pública popular, instituição à qual todos deveriam ter direito. Não rejeita o desenvolvimento econômico, mas sim a desigualdade de acesso a seus benefícios.

O que os aproxima é a consciência profunda da necessidade de operar uma revolução nos conteúdos e na pedagogia da escola atual. Eles se encontram juntos na defesa do humanismo, no respeito pela liberdade de expressão e de organização de relações de convivência. Acreditam ambos que essa mudança é pedagógica e política, e que a crítica à escola se insere numa análise mais global de toda a civilização atual. Não aceitando esquemas rígidos, propõem uma discussão maior em torno do que é saber, educação, poder e democracia. Para isso, utilizam-se da análise marxista (sobretudo Paulo Freire), mas sem sectarismo. Ambos são freqüentemente comparados a peregrinos, que, nas complicadas estradas e desvios do trânsito atual, apontam para o fundamental, o óbvio.

*“A avançada institucionalização da sociedade industrial moderna é tematicamente organizada, planejada e ritualizada a tal ponto que condiciona povos a necessitar de serviços institucionalizados para subsistir.” (Illich, Versus, São Paulo, 39, ago./set. 1977).*



Paulo Freire e Ivan Illich: "Os peregrinos do óbvio".

risk

Paulo Freire considera Illich genial e disse repetidas vezes que ele ainda será muito lido. Afirma também que as análises de Illich são, com freqüência, idealistas. Ao contrário de Illich, ele vê a escola como uma instituição histórica e social dentro da qual os conflitos de classe se concretizam.

Em seu livro, *La cuestión escolar*, Jesús Palácios aproxima Paulo Freire, Ivan Illich e Everet Reimer (autor de *A escola está morta*), situando-os como representantes da nova pedagogia da América Latina, dos países do Terceiro Mundo e das sociedades colonizadas. Distingue Paulo Freire de Illich, embora identifique as posições de Illich e de Reimer. Vê nesses autores uma tentativa de superação do conflito entre a escola tradicional e a escola nova, no que chama de "superação integradora". Se-

gundo Palácios, essa perspectiva se encontra igualmente na educadora soviética Krupskaia. Quase com as mesmas palavras de Paulo Freire, Krupskaia denunciava, no começo do século, a escola neutra, burocrática, defensora de uma educação necrófila, afirmando a necessidade de uma educação biófila, isto é, uma educação que forme para a vida, e não para a morte e a doença. Palácios constata que a maioria dos educadores que solicitam licença por doença, principalmente mental, é constituída por professores que se utilizam de métodos autoritários. Aceitando a filosofia educacional de Paulo Freire, ele conclui: “A crise da escola só encontra um caminho de superação na passagem da crítica à práxis transformadora. O trabalho para a transformação da escola será um trabalho de Sísifo, se não for acompanhado pelo trabalho de transformação da sociedade”.

Esta também foi a direção indicada por Karl Marx na *Terceira tese sobre Feuerbach*, quando afirmava que o educador precisava ser educado, educando suas próprias determinações, conhecendo-as para poder agir sobre elas. Essa era a relação que Marx via entre o educador e a sociedade. Toda a obra de Paulo Freire é uma imensa demonstração teórico-prática dessa tese marxista.

## JOHN DEWEY E A ESCOLA NOVA

Desde a tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação da Universidade de Pernambuco, Paulo Freire faz referência a John Dewey, citando-lhe a obra *Democracia e educação*, publicada no Brasil em 1936. Essa referência não podia deixar de existir, pois Paulo Freire era um grande admirador da pedagogia de Anísio Teixeira, de quem se considera discípulo e com o qual concordava na denúncia do excessivo centralismo, ligado ao autoritarismo e ao elitismo da educação brasileira. Foi Anísio Teixeira quem introduziu o pensamento de Dewey no Brasil.

Como John Dewey e Anísio Teixeira, Paulo Freire insiste no conhecimento da vida da comunidade local: “Isso que se chama hoje de pesquisa do meio deveria ser

*ANÍSIO Spínola TEIXEIRA (1900-1971): renomado educador baiano, defensor da educação liberal e da escola pública, que introduziu no Brasil o pensamento de John Dewey, em defesa da Escola Nova. Pensador, estadista e homem de ação, foi um dos fundadores da Universidade de Brasília. Dentre suas obras destaca-se Educação não é privilégio, publicada em 1957, na qual ele defende a democratização do ensino.*

feito pelos educandos também, com a colaboração das suas professoras. Eu não vejo como não se possa ensinar matemática pesquisando o meio. Eu não vejo como não se possa ensinar biologia, ciências naturais, pesquisando o meio''.

Mas encontramos uma diferença na noção de cultura. Em Dewey, ela é simplificada, pois não envolve a problemática social, racial e étnica, ao passo que, em Paulo Freire, ela adquire uma conotação antropológica, já que a ação educativa é sempre situada na cultura do aluno.

O que a pedagogia de Paulo Freire aproveita do pensamento de John Dewey é a idéia de aprender fazendo, o trabalho cooperativo, a relação entre teoria e prática, o método de iniciar o trabalho educativo pela fala (linguagem) dos alunos. Mas, para Paulo Freire, as finalidades da educação são outras: sob uma ótica libertadora, a educação deve ligar-se à mudança estrutural da sociedade opressiva, embora ela não alcance esse objetivo imediatamente e, muito menos, sozinha.

## VYGOTSKY E OS EDUCADORES REVOLUCIONÁRIOS SOVIÉTICOS

Textos publicados na Harvard Educational Review, 47: (3), ago. 1977.

Além do confronto entre o pensamento de Paulo Freire e de Ivan Illich, Carl Rogers e John Dewey, estudos recentes, como os de Vera John-Steiner, mostram a semelhança de pontos de vista de Paulo Freire e Lev Vygotsky no que diz respeito à importância da abordagem interacionista na alfabetização. Só recentemente Paulo Freire tomou conhecimento da obra desse grande educador e lingüista soviético, cuja principal obra, *Linguagem e pensamento*, é de 1931.

Logo após a Revolução Russa, em 1917, Vygotsky visitou as zonas rurais e fazendas coletivas, verificando diferenças entre as comunidades que tinham passado por um processo de alfabetização e aquelas que não tinham experiências educacionais. Ficou impressionado com a diversidade de atitude entre os indivíduos ainda intocados pelas transformações em processo e aqueles que, como resultado de experiências em fazendas coletivas e

cursos de alfabetização, estavam já se transformando em ‘sujeitos’, no sentido de Paulo Freire. As pessoas que não tinham experiências educacionais e sociais recentes relutavam contra o diálogo e a participação em discussões como pessoas críticas. Quando convidadas a fazer perguntas aos visitantes sobre a vida além da vila, respondiam: ‘Não posso imaginar sobre o que perguntar... para perguntar você tem de ter conhecimento e nós só sabemos limpar os campos das ervas daninhas’.

Os camponeses que tinham participado do processo transformador da revolução, no entanto, tinham muitas perguntas: ‘Como podemos ter uma vida melhor? Por que a vida do operário é melhor do que a vida do camponês?’.

Esse tipo de mudança tem sido observado em vários contextos onde o povo começou a transformar sua realidade sociolinguística: Chile, Brasil, Guiné-Bissau, Cuba, Mississippi etc. Quando o povo se convence de que pode mudar sua própria realidade social e de que não está mais isolado e sem poder, começa a participar dos diálogos, primeiro oralmente, depois por escrito. O discurso oral é tão importante na alfabetização de adultos que dele depende o êxito ou o fracasso do processo.

A teoria da escrita de Vygotsky contém uma descrição dos processos internos que caracterizam a produção das palavras escritas. Diz ele que a fonte mental de recursos da escrita é o ‘discurso interno’, que evolui a partir do discurso egocentrado da criança.

Vygotsky reconhece que, em todos os discursos humanos, o indivíduo muda e desenvolve o discurso interno com a idade e a experiência. A linguagem é tão extraordinariamente importante na sofisticação cognitiva crescente das crianças quanto no aumento de sua afetividade social, pois a linguagem é o meio pelo qual a criança e os adultos sistematizam suas percepções.

Através das palavras, os seres humanos formulam generalizações, abstrações e outras formas do pensar. Assim, as palavras contidas na frase ‘a frágil ponte sobre a qual nossos pensamentos devem viajar’ são determinadas social e historicamente e, em conseqüência, formadas, limitadas ou expandidas através da experiência individual e coletiva.

*Egocentrismo: fase em que a criança é incapaz de relativizar seu próprio ponto de vista, considerando-o como absoluto.*

*Anton MAKARENKO (1888-1939): educador soviético revolucionário, que pesquisou os princípios fundamentais da educação coletiva, colocando-a em prática na Colônia Górkí — com crianças abandonadas —, e na Comuna Dzerjinski. Dava ênfase especial à união entre o ensino e a produção. Escreveu várias obras, entre elas o Poema pedagógico.*

*PISTRAK: educador revolucionário que criou a chamada Escola do Trabalho, concebendo-a como um instrumento de auto-organização dos alunos, baseada no estudo das relações do homem com a realidade atual. Conhecimento do real e auto-organização são os fundamentos com que a escola pode contribuir para a criação de novas relações sociais, calcadas na igualdade e na solidariedade.*

Embora Vygotsky e Freire tenham vivido em tempos e hemisférios diferentes, a abordagem de ambos enfatiza aspectos fundamentais, relativos a mudanças sociais e educacionais que se interpenetram. Enquanto Vygotsky enfoca a dinâmica psicológica, Freire se concentra no desenvolvimento de estratégias pedagógicas e na análise da linguagem. Com respeito à transformação do discurso interno em discurso escrito, as propostas de ambos podem ser poderosas ferramentas não apenas em programas básicos de alfabetização, mas também na programação de habilidades de escrita mais avançadas.

Em épocas e lugares diferentes, ambos perceberam a necessidade de associar a conquista da palavra à conquista da história.

A idéia de aprender com a própria prática encontra-se também em Anton Semionovitch Makarenko, cuja experiência educativa se desenvolveu nas décadas de 20 e 30, com a direção de instituições educacionais “corretivas”, a primeira delas, a Colônia Górkí, destinada a crianças e jovens abandonados. A humildade, a simplicidade e o otimismo são também características comuns aos dois educadores.

Existe ainda relação entre as teorias de Paulo Freire e as de Pistrak, com sua idéia de auto-organização das crianças na escola e a idéia do engajamento e da análise social e política da realidade como conteúdo escolar. A idéia de Pistrak da participação dos estudantes na “assembléia geral” é bem próxima da idéia desenvolvida mais tarde por Paulo Freire em relação à participação dos educandos no círculo de cultura.

## A COMPLEXIDADE E A DIMENSÃO UNIVERSAL DA OBRA DE PAULO FREIRE

*Emmanuel MOUNIER (1905-1950): filósofo francês de orientação cristã que procurou manter o diálogo entre ateus e comunistas. Fundou uma doutrina ético-*

Paulo Freire sofreu influências diversas: seu pensamento humanista inspirou-se no personalismo de Emmanuel Mounier, bem como no existencialismo, na fenomenologia e no marxismo. Contudo, não se pode dizer,

a partir daí, que Paulo Freire seja eclético. Ele integra elementos fundamentais dessas doutrinas filosóficas sem repeti-las mecânica ou sectariamente.

A associação entre o humanismo e o marxismo, entre temas cristãos e temas marxistas, enriquece seus textos e faz com que eles sejam lidos por um público muito numeroso. Seu pensamento representa a síntese de fontes diferentes, o que coloca, para o leitor iniciante, o problema de apreendê-lo de forma global.

Nesse sentido, como observam Rosiska Darcy de Oliveira e Pierre Dominicé, seu pensamento corre o risco de servir a cada leitor segundo seus interesses. Assim, se o leitor é "latino-americano, compreende Paulo Freire em função de sua experiência de luta política ou de sua prática de movimento social tal qual tem lugar no interior deste quadro sócio-econômico. Se ele é católico, identificar-se-á com a orientação humanista e se sentirá num terreno familiar por causa da influência manifesta de filósofos que marcaram o pensamento de Paulo Freire. Se é marxista, reconhecerá no pensamento de Paulo Freire uma problemática à qual as correntes contemporâneas do pensamento marxista (Gramsci, Lukács, Marcuse) o habituaram. Se o leitor é um pedagogo, encontrará o peso dado à questão da libertação que caracteriza as tendências progressistas da pedagogia de hoje. Somente aqueles que são um pouco de todos esses personagens ao mesmo tempo ou passaram por esses diferentes 'estágios' e que sofreram essas diferentes 'influências' podem realmente compreender a intenção de Freire e a totalidade de seu desenvolvimento (*cheminement*) intelectual".

A pedagogia de Paulo Freire adquiriu um significado universal uma vez que a relação oprimido—opressor que ele abordou ocorre universalmente e suas teorias se enriqueceram com as mais variadas experiências de grande parte do mundo.

Como diz Antonio Faundez, em seu livro sobre o processo de alfabetização e de pós-alfabetização em São Tomé e Príncipe, grande parte da contribuição teórica de Paulo Freire resultou de suas experiências no Nordeste do Brasil e em outros países da América Latina. Entretanto, os trabalhos que exerceu em diversos países da África também contribuíram enormemente para enriquecer sua prática e sua teoria pedagógicas, levando-o a

*-política chamada personalismo, que afirmava o valor da pessoa acima de qualquer outro. O personalismo diferencia-se do individualismo, que enfraquece o valor da solidariedade, e se distancia do coletivismo, que coloca acima de tudo o interesse da coletividade.*

◁ Rosiska Darcy de OLIVEIRA e Pierre DOMINICÉ, p. 33, (106).

repensar certos métodos e idéias de primeiro momento que, de um ponto de vista político-pedagógico, poderiam parecer criticáveis.

Garcia Uidobro, em tese apresentada em 1976, na Bélgica, analisa a teoria da conscientização como a alternativa mais representativa para a libertação latino-americana, a partir do pensamento educacional de Antonio Gramsci. Outros comparam Paulo Freire a Fanon, Memmi e Amílcar Cabral.

Da mesma forma, suas teorias deram origem às mais variadas práticas. É o caso, por exemplo, da aplicação bilingüe de seu método realizada por Isabel Hernández com os índios mapuche, do sul do Chile. Os mapuches representam atualmente 6 por cento da população chilena, isto é, são 600 mil habitantes, dos quais 100 mil vivem nos grandes centros urbanos, e o restante, em setores rurais.

Isabel Hernández trabalhou com membros da equipe de Paulo Freire, no Chile. Sua metodologia, original, baseia-se no bilingüismo latente que a América oferece, unindo a língua do conquistador à língua do índio marginalizado, empobrecido e rebelde. Seu método de alfabetização utiliza um recurso conscientizador que poderá tirar o índio do mundo limitado a que, há séculos, foi condenado pelo invasor europeu, libertando-o de uma indesejável herança.

Além dos países em que Paulo Freire aplicou diretamente suas idéias, muitos outros empregaram seu método, obtendo saldo bastante positivo.

O México, por exemplo, para reduzir a 12 por cento a taxa de analfabetos de seus 74 milhões de habitantes, tem-se utilizado de diversos programas educacionais, entre eles o método de Paulo Freire.

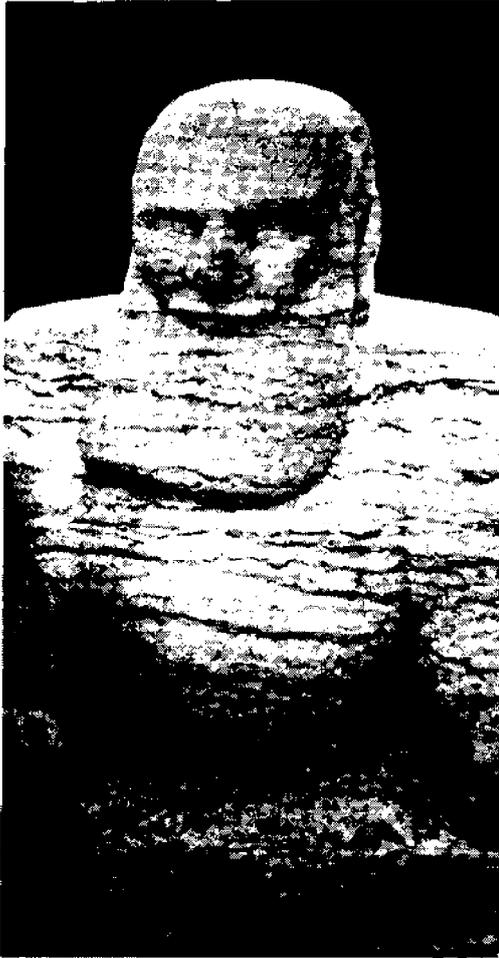
Em 1987, Paulo Freire esteve na Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação de Cochabamba, Bolívia, com sua equipe de educação popular de Campinas (Débora Mazza, Adriano Nogueira, José Lima e Luís Longuini). Essa visita proporcionou troca de experiências e reflexão sobre a educação popular, o papel das universidades do Terceiro Mundo e o lugar das teorias da educação popular no pensamento pedagógico contemporâneo na América Latina.

No Brasil, os programas de alfabetização financiados pelo governo federal, como o Mobral, têm ignorado o método de Paulo Freire, apesar de utilizarem algumas de suas técnicas. O método tem sido aplicado somente em comunidades eclesiais de base e em áreas rurais. A "Nova" República não tomou conhecimento de suas propostas, embora ele nunca tenha recusado qualquer convite das inúmeras prefeituras do país ou de outras instituições públicas para prestar assessoria.

## UMA HOMENAGEM ORIGINAL

Foi com surpresa que descobrimos em Estocolmo, em setembro de 1987, uma escultura em que Paulo Freire se encontra ao lado de outras seis personalidades contemporâneas que se destacaram na luta pela paz e pela solidariedade.





A obra foi criada pelo escultor sueco Pyc Engström, que a apresenta da seguinte maneira:

“Esta escultura é um sofá. Por favor, sente-se nele um pouquinho!

As pessoas que escolhi para figurar neste trabalho são significativas para mim e representam importantes princípios de nosso tempo.

Este sofá é um documento de 1972, momento em que determinei que pessoas importantes constituiriam o sofá.

Da direita para a esquerda, são elas:

PABLO NERUDA, o chileno — para não nos esquecermos do povo do Chile e de sua luta contra o fascismo.

GEORG BORGSTRÖM — por seu trabalho demonstrar-nos que a terra é frágil e que seus recursos não são inesgotáveis.

ANGELA DAVIS — por sua luta contra o racismo.

MAO TSETUNG — por ter conduzido a luta do povo da China contra a fome e a humilhação.

SARA LIDMAN — pelo apoio demonstrado ao povo do Vietnã em sua luta contra o imperialismo, através de sua criação literária.

PAULO FREIRE — por haver formulado uma pedagogia a serviço dos oprimidos, uma pedagogia que auxiliará as pessoas na criação de uma nova sociedade.

ELISE OTTESEN-JENSEN — por seu trabalho em defesa do direito das mulheres de decidirem suas vidas e pelo direito das crianças de nascerem desejadas.

Estas sete pessoas defendem os atormentados e os oprimidos do mundo”.

## CRÍTICA, AUTOCRÍTICA E CONCEPÇÃO DIALÉTICA

Um pensamento vigoroso como o de Paulo Freire e com a repercussão mundial que alcançou não poderia agradar a todos. Apesar de sua enorme capacidade de diálogo e humildade, tem sido violentamente atacado, notadamente pelos representantes da burguesia.

Para que o leitor tome conhecimento de um desses ataques, reproduzimos abaixo, na íntegra, o editorial do *Jornal do Brasil*, de 26 de junho de 1985, intitulado “Bê-a-bá ideológico”, ao qual Paulo Freire não respondeu, apesar da enorme insistência de seu velho amigo Lauro de Oliveira Lima.

“O Sr. Paulo Freire prestaria um bom serviço às novas gerações se concordasse em se apresentar mais vezes em carne e osso a fim de expor de viva voz as suas idéias — ou melhor, a sua idéia fixa. Assim os jovens poderiam mais facilmente perceber a distância que vai entre o homem e o mito.

Autor (ou codificador) de um método de alfabetização de adultos até agora só aplicado em atrasadíssimos países do chamado Terceiro Mundo, foi o Sr. Paulo Freire democraticamente convidado para um debate com técnicos do Mobral, instituição que neste momento está em busca de uma finalidade mais consentânea com as necessidades educacionais do Brasil dos anos 80.

Esperavam-se sugestões. Em seu lugar, o convidado repetiu chavões velhos e rançosos, dos quais até alguns países socialistas já estão tentando dispensar-se. Numa demonstração de que vive mais voltado para o ontem do que para o amanhã e de que no seu espírito há mais lugar para o ressentimento do que para a generosidade, o convidado tomou como ponto de partida do discurso a acusação de que o Mobral apropriou-se do seu método a fim de deturpá-lo e transformá-lo em instrumento de uma alfabetização capitalista.

É nessa distinção freiriana de alfabetização burguesa versus alfabetização proletária que atola o carro do senso comum. Para os mortais, alfabetização é apenas o domínio da leitura e da escrita até um ponto em que ambas se tornem funcionais. É uma concepção que, justamente por ser simples, recusa-se a participar do simplismo de uma visão de mundo que reduz todas as realidades ao maniqueísmo da luta de classes.

Milênios antes do capitalismo, do socialismo e do aparecimento do Sr. Paulo Freire, sociedades de estruturas as mais diversas já se ocupavam de alfabetizar suas crianças e adultos — e não necessitavam de nenhum ingrediente ideológico para ter êxito na tarefa. Que tem a dizer sobre isso o nosso famoso educador?”

Mais do que uma crítica, essa matéria se assemelha antes ao reconhecimento de um trabalho em favor dos oprimidos, especialmente do Terceiro Mundo, trabalho esse que Paulo Freire nunca negou.

Já demonstramos que o pensamento de Paulo Freire não se aplica apenas aos países do Terceiro Mundo, nem se reduz a um método de alfabetização. O editorialista ignora que, muito antes de Marx, os próprios economistas burgueses, como Adam Smith, reconheciam a existência da luta de classes. Seria um erro grosseiro ignorar esse fato, já que a educação não é neutra. O editorialista filia-se à corrente pedagógica chamada com frequência de funcionalismo, que reduz a educação à transmissão e assimilação de conteúdos formais.

As críticas que a burguesia faz atualmente são as mesmas de 1962, como, por exemplo, as de Sandra Caval-

*Terceiro Mundo: expressão empregada com frequência para designar o conjunto de países que não estão alinhados com o chamado Primeiro Mundo, formado pelos países desenvolvidos, tanto socialistas como capitalistas.*

cânti, deputada constituinte, que na época elaborou um dossiê sobre Paulo Freire, a pedido de Carlos Lacerda, onde afirmava que o método contava, no início, com a colaboração de “comunistas fichados”. Ela descreve sua impressão ao ver a filha de Paulo, Madalena, então com 16 anos, que ia dar aulas *descalça* [grifado] para se identificar [sic] com os alunos, e o namorado dela, que também era “professor”.

Ela relata da seguinte maneira a aula sobre a palavra *lombriga*: “Cartaz com a palavra, cartaz com pessoas com fome (sic). Diálogo colhido no local da aula: ‘Qual a causa da lombriga?’ Resposta: ‘Latifúndio’ [...] e nenhuma palavra sobre higiene”, acrescenta Sandra Cavalcânti. Assim fazendo, ela está simplificando e descontextualizando uma aula, além de extrair dela aspectos que corroboram sua visão de classe.

Algumas críticas são motivadas pela desinformação, outras por má-fé e, a maioria, por discordância político-ideológica. Alguns, contudo, procuram, a partir da crítica aos trabalhos de Paulo Freire, avançar mais, buscar desdobramentos, compreender melhor, para deles tirar lições e prosseguir.

Sua filosofia foi criticada pelo cardeal de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, porque ela “não se concilia nem se harmoniza com os princípios da doutrina cristã e com eles está em chocante e irreconciliável contradição”, já que, segundo o cardeal, “aceita a dialética hegeliana e a interpretação marxista da história”.

Nessa época, sua filosofia educacional já havia sido criticada, a partir de ótica oposta, por Vanilda Pereira Paiva, em *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*, que o situara na linha de pensamento do ISEB — Instituto Superior de Estudos Brasileiros, e do nacionalismo desenvolvimentista, o qual, segundo a autora, era uma ideologia de direita, na medida em que propunha um desenvolvimento baseado numa aliança entre classes.

Paulo Freire discorda dessa interpretação, pois não vê no ISEB apenas uma “fábrica de ideologias”. O ISEB traz a marca de seu tempo, dando prioridade à luta antiimperialista e antifeudal, que era uma proposta do PCB, defendendo até mesmo um pacto entre classes.

Embora não levando em conta a totalidade da obra de Paulo Freire, a autora nos apresenta um estudo mi-

nucioso da época em que predominavam as idéias “isebianas”. Como homem de seu tempo, Paulo Freire influenciou e foi influenciado por essa época. Mas continuou vivendo.

Sílvia Maria Manfredi, em *Política e educação popular*, afirma que Paulo Freire, apesar de negar a sociedade opressora e as formas de dominação que lhe são correspondentes, não explicita qual o tipo de sociedade que deseja construir. E, portanto, não deixa clara a natureza da revolução que se pode desencadear e as bases socioeconômicas que deverão dar suporte à nova estrutura de poder. Daí concluir ela que Paulo Freire é “idealista” e “liberal”, não negando o sistema capitalista e, portanto, afastando-se da orientação teórico-metodológica que se baseia nos pressupostos do materialismo histórico e dialético.

Paulo Freire foi cobrado por muitos leitores marxistas por não se referir explicitamente à luta de classes, mas falar genericamente na luta entre oprimidos e opressores, que perpassa as classes.

Ao retornar ao Brasil, o jornal *Movimento*, de 13 de agosto de 1979, referindo-se a essas críticas, perguntou-lhe:

“Algumas teses recentemente publicadas argumentam que o senhor fala que a educação deve servir para o oprimido se conscientizar de que é oprimido e lutar contra o opressor, tratando de categorias como oprimido e opressor, dominado e dominante, mas sem entrar nas relações de classe. O que o senhor acha disso?”

#### Resposta de Paulo Freire:

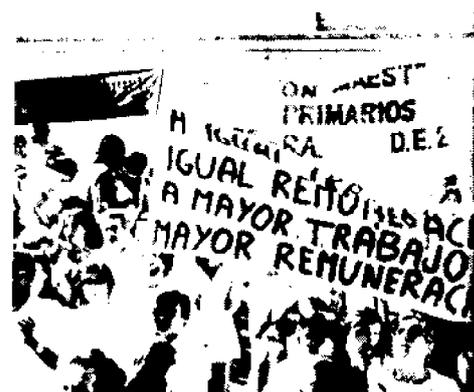
“Em 73 eu dei uma entrevista que publiquei em *Ação cultural e outros escritos* em que respondia a essa questão, tratada também em livros posteriores. Eu me lembro de que a primeira vez em que disse que eu não falava em classes eu reli a *Pedagogia do oprimido* anotando as vezes em que eu falava em classe social, e foram 35 vezes, se não me engano, o que não significa que eu tivesse sido claro. Eu tenho a impressão de que clarifiquei isso em outros trabalhos. Por outro lado, há estudantes que fazem sua tese de doutorado sem ler todos os meus livros, e há estudantes com um vigor tão extraordinário que nem sequer escrevem. [...] Muitas vezes estes estudantes se baseiam em um livro apenas de Paulo Freire, sem fazer uma análise global.”

Paulo Freire não é apenas o educador brasileiro mais lido hoje no Brasil; ele detém um outro recorde: o dos rótulos. Já foi chamado de “nacional-desenvolvimentis-

“Isebiano”, de ISEB. Ver glosário.

PAULO FREIRE • MOACIR GADOTTI  
SERGIO GUIMARAES • ISABEL HERNANDEZ

#### PEDAGOGIA DIALOGO Y CONFLICTO



Edição argentina de *Pedagogia do oprimido*, acrescida da visão latino-americana dos temas abordados.

ta”, “escolanovista”, “indutivista”, “espontaneísta”, “não-diretivistista”, “neo-anarquista católico” etc.

Paulo Freire não responde a essas críticas diretamente. Limita-se a explicitar melhor suas posições, sem entrar em polêmicas estéreis e destrutivas que, no mais das vezes, procuram apenas esvaziar deliberadamente suas propostas, na tentativa de inviabilizar seu pensamento na prática institucional.

Em *Comunicação e cultura*, Venício Artur de Lima discute os “paradoxos” contidos no conceito de “comunicação” e a impossibilidade de haver diálogo entre antagonistas, o que, segundo ele, inviabilizaria a possibilidade de os oprimidos libertarem seus opressores. Paulo Freire esclarece sua posição sobre o problema em *Pedagogia: diálogo e conflito*.

Alguns críticos procuram mostrar que os primeiros escritos de Paulo Freire seriam “idealistas” e que sua concepção de “diálogo” fundada no humanismo cristão seria subjetiva e reformista.

Como homem de seu tempo, Paulo Freire admite ter cometido algumas “ingenuidades”. Àqueles que consideram Paulo Freire indeciso quanto à ótica de classes, ele responde que não há modelos acabados de sociedade, pois a estrutura social está em movimento. A opressão não se dá só no plano social, mas também no plano individual. É justamente neste plano que o autoritarismo mais se manifesta. E é justamente por aí que se deve começar a combater a opressão, isto é, onde ela se encontra mais próxima de nós.

Aos intelectuais de esquerda que criticam Paulo Freire por defender a Escola Nova, ele responde que a Escola Nova trouxe contribuições efetivas e muito importantes no campo metodológico, além de criticar o fracionamento da escola tradicional. A Escola Nova, porém, se limitou a isso. Freire critica o modo de produção capitalista que a Escola Nova não criticava.

A questão não se limita à mudança de conteúdos, abrange também a abertura, cada vez maior, que os especialistas (os que vão organizar os conteúdos da educação) deveriam ter, em função do contato direto com a realidade e do respeito à capacidade criadora dos educandos.

*Escola Nova: movimento de cunho liberal-progressista surgido na Europa que propunha uma renovação da escola mediante a adoção de métodos modernos de ensino, centrados no estudante, em contraposição aos métodos autoritários da escola tradicional.*

A tarefa de reproduzir a ideologia dominante, que as classes dominantes exigem da educação sistemática, não esgota o papel da escola. Dentro da escola há outras tarefas, e uma delas é, precisamente, contradizer essa tarefa, desmitificar a reprodução ideológica.

No caso de Cuba e da Nicarágua, a questão que se coloca é defrontar, através da educação, aspectos da ideologia anterior, que se encontram dentro da mesma prática educativa. Há todo um jogo contraditoriamente dialético entre os mitos anteriores da ideologia dominante e os sonhos revolucionários. Às vezes, esses mitos e sonhos convivem dentro de uma mesma pessoa. O problema é que não se muda a ideologia através de decretos-leis. Seria fácil se assim fosse.

Fidel Castro, por ocasião do primeiro grande congresso de educadores, em Cuba, em janeiro de 1986, assumiu uma posição dialética, ao dizer que aquele congresso podia se realizar porque a revolução já havia sido feita; assim, a transformação radical das estruturas da sociedade viabilizava uma nova compreensão da pedagogia.

Não se pode esperar que, ao mudar o modo de produção, todas as relações sociais mudem mecanicamente. Por isso, é necessário evitar a reprodução do caráter autoritário, típico da produção capitalista.

Perguntado sobre o aspecto tradicional que os métodos educacionais ainda mantêm em Cuba e na Nicarágua, Fidel Castro respondeu que uma revolução não pode ser compreendida mecânica, mas sim historicamente. A história não se transforma a partir da cabeça das pessoas, por mais iluminadas que elas sejam. Ela se transforma dialeticamente, isto é, de modo contraditório. Por isso, custa muito desfazer o velho e construir o novo. Se essa relação fosse mecânica, no dia seguinte ao triunfo revolucionário já estaria pronto o homem novo, a mulher nova, a educação nova. Mas essa relação não é mecânica, é histórica.

A conservação de métodos tradicionais em educação, num contexto revolucionário, significa a distância entre o sonho e a prática. Uma das lutas dos revolucionários é a luta pela renovação dos métodos e dos procedimentos, ao mesmo tempo em que se renovam os conteúdos da educação.

É sobretudo a partir da experiência do exílio que Paulo Freire incorpora idéias marxistas ao seu pensamento, sem recusar temas cristãos. No livro *Pedagogia: diálogo e conflito*, ele deixa isso particularmente explícito.

**Diálogo e conflito** articulam-se como estratégias do oprimido. O diálogo se dá entre iguais e diferentes; nunca entre antagônicos. Entre estes há um conflito ou, quando muito, um pacto. Entre iguais também pode existir conflito, mas este é de outra natureza: há nele respeito ao fundamental que, de uma forma ou de outra, os mantém juntos. Convive-se com diferentes, mas não com antagônicos.

Não há dúvida de que Paulo Freire deu uma contribuição decisiva à **concepção dialética da educação**. A pedagogia oficial autoritária e os teóricos liberais (tanto os conservadores quanto os progressistas) combatem suas idéias justamente por seu caráter emancipatório e dialético. Seja como for, aceitemos ou não suas idéias pedagógicas, ele constitui um marco decisivo do pensamento pedagógico brasileiro e mundial.

Não se pode reduzir a contribuição de Paulo Freire apenas à alfabetização popular de adultos. Sua contribuição ultrapassa seu método, situando-se num âmbito mais amplo da educação e da teoria do conhecimento.

Freqüentemente me perguntam em que consiste o método Paulo Freire e onde estaria a fidelidade a uma postura que orientou e orienta a obra desse educador. Minha resposta tem sido invariavelmente a mesma: ser fiel à proposta educativa de Paulo Freire não consiste em **repeti-la** mecanicamente ou reproduzi-la acriticamente. Paulo Freire tem horror ao mecanicismo, à postura de discípulos submissos e obedientes. Ser fiel a Paulo Freire significa, antes de mais nada, **reinventá-lo** e reinventar-se como ele. Nisso, aliás, consiste a **superação** (*Aufhebung*) na dialética: não é nem a cópia e nem a negação do passado, do caminho já percorrido por outros. É sua **transformação**, através do que há de fundamental e original nele, em uma nova síntese qualitativa.



# **Conclusão**

**T**anto na intimidade quanto em público, na sala de aula ou preparando um artigo, Paulo Freire é sempre o mesmo, em geral uma pessoa muito alegre e bem-humorada. Suas brincadeiras revelam não só espírito esportivo, mas também traços de sua personalidade. Por exemplo, às vezes ele liga para minha casa e, quando minha mulher atende, ele fala: "É da casa da Ra, Ré, Ri, Ró, Ru?". Minha mulher Rejane (Rê) surpreendeu-se na primeira vez; depois soubemos que ele também faz isso com outras pessoas. Cristina, sua neta, recebeu um telefonema perguntando se era da casa da "Crás, Crés, Cris, Crós, Crus". Não havia dúvida, era o avô, com sua mania de alfabetizador, procurando desdobrar fonemas.

Se um dia algum leitor tocar a campainha de sua casa e não for atendido, é bem provável que esteja acontecendo o que acontece comigo muitas vezes: Paulo Freire não está ouvindo a campainha porque está ouvindo, no último volume, seus tangos preferidos.

Certa vez, perguntei ao portenho e grande estudioso da obra de Paulo Freire, Carlos Alberto Torres, o que significava essa paixão de Paulo Freire pelo tango, uma canção tão trágica.

Carlos Alberto, cantor de tango nas horas vagas, respondeu-me que o tango não é só isso: é também, e fundamentalmente, uma canção urbana e uma crítica social.

Como canção urbana, o tango expressa as debilidades e riquezas das interações humanas, onde se mesclam a paixão, o engano, a necessidade de carinho.

Como crítica social, o tango é contestatório, pois adota uma perspectiva anarquista frente à autoridade, à decadência de uma civilização, ou a uma sociedade controlada por uma oligarquia conservadora. Expressa a forte pressão social do lumpen, da primeira geração de filhos de imigrantes que buscam o acesso a todos os bens sociais, à riqueza, a um novo espaço social.

Assim, quando entendemos o tango como a expressão do machismo contido, do sofrimento frente ao engano, da necessidade de refletir a dignidade de quem sofre miséria, em resumo, como manifestação da crise de uma civilização urbana, fica mais fácil entender por que Paulo Freire gosta tanto de tangos.



Torres, no final de sua explicação, se interroga sobre a possibilidade de estar intelectualizando demais o tema. O próprio Paulo Freire nunca se preocupou em explicar sua preferência por tangos. Simplesmente os ouve.



Brincando com Paulo Freire...  
para descobrir sua personalidade

Quando estava escrevendo este livro, submeti Paulo Freire a uma brincadeira muito séria, pedindo que ele respondesse a nove questões:

1. A qualidade que você mais aprecia:
  - a) nas pessoas: Coerência
  - b) nos homens: Decisão
  - c) nas mulheres: Ternura
2. Seu traço característico:  
Tolerância

3. Sua idéia de felicidade:  
Luta
4. Sua idéia de desgraça:  
Opressão
5. O defeito que mais desculpa:  
Amar errado
6. Sua antipatia:  
Intelectual arrogante
7. Sua ocupação predileta:  
Ensinar—aprender
8. Sua máxima predileta:  
Amar sem medo
9. Sua divisa predileta:  
Unidade contra a opressão

Eu queria terminar este livro falando mais da personalidade de Paulo Freire.

Ao escrever sobre Paulo Freire, estando ele em plena atividade — escrevendo, aprendendo, participando —, este trabalho será sempre incompleto. Mais do que algo de original sobre ele, este livro é uma primeira leitura, um convite a compreendê-lo melhor, a fazer uma caminhada a seu lado.

Apesar de nutrir uma grande admiração por Paulo Freire, não gostaria que este livro fosse compreendido como uma apologia a ele ou a suas idéias. Meu compromisso foi com a transparência e com a verdade.

O grande livro do qual todos nós aprendemos é a realidade, é o mundo. E o mundo, a realidade são contraditórios.

Paulo Freire também sofre frustrações, como todos nós. Sai de um seminário com raiva porque tem a impressão de não estar alcançando os objetivos propostos. Tem seus momentos de angústia porque o mundo não é como ele sonhou. Também suporta, muitas vezes com dificuldade, que outros não o aceitem. Tem raiva, apesar de ser um homem doce. É orgulhoso, apesar de democrático. É apaixonado, mas não separa a paixão das idéias. Gosta de dizer que é um homem de seu tempo, mas como todo homem histórico, participativo, presente, tem medo de ser superado pelo tempo.

Paulo Freire está vivo, atuante, mudando com a própria história, fazendo planos.

Passou alguns dias em Recife refletindo sobre a possibilidade de voltar para lá definitivamente. Acabou aceitando recomeçar a vida em São Paulo, sem deixar Recife, com novos planos para sua vida e para o desenvolvimento de sua obra.

Mas ele se impôs uma condição: só fazer o que puder ser ao mesmo tempo útil e agradável. Fazer o que lhe dá prazer. Fazer a escola da ternura, da alegria (como diz Snyders). Ele quer provar aos colegas e alunos que estudar — como viver — é gostoso, embora muitas vezes seja sofrido.

Já me perguntaram: Por que Paulo não voltou para a Universidade Federal do Recife, onde era professor adjunto até 1964?

Com a anistia (1979), o governo brasileiro exigia que cada exilado, para se reintegrar, se submetesse a uma espécie de “exame de periculosidade”, solicitado a uma comissão indicada pela ditadura, para poder voltar ao exercício regular da profissão. Paulo se negava a submeter-se a esse exame, tendo sido, assim, prejudicado economicamente durante muitos anos.

Com o advento da chamada “Nova República”, em 1985, uma emenda à Lei da Anistia tornou a reintegração automática. Em 1987, Paulo reclamou que não fora reintegrado, sendo-o no mesmo ano. Logo em seguida requereu a aposentadoria a que tinha direito, “para não tomar o lugar dos moços”, disse ele ao solicitá-la.

No ano que se seguiu à morte de Elza — ocorrida em outubro de 1986 — ele praticamente nada escreveu, a não ser cartas a ela endereçadas, que ele não quer publicar. Um dos poucos trabalhos que aceitou foi uma assessoria à UNICEF. No final de 1987 manifestou desejo de trabalhar no Centro de Estudos de Educação Comparada da PUC/SP, reintegrando-se assim na prática docente e de pesquisa.

Entre seus projetos atuais, quero destacar quatro, que dizem respeito à atividade de escrever:

- *Cartas a Cristina*, um livro de memórias (mas não só), já em andamento, no qual a educação continua sendo o tema central.

- Um ensaio sobre **Amílcar Cabral**, uma “pedagogia da revolução”, em que faz referência a Fidel Castro e a Che Guevara.
- Uma releitura do *Pedagogia do oprimido*, 20 anos depois, refletindo sobre a trajetória desse livro pelo mundo. Há muitos testemunhos e histórias interessantíssimas sobre essa obra, que ganhou autonomia própria. Ele não vai reescrevê-la. Ao contrário, vai reaprendê-la, tomando distância dela.
- Uma **antologia** de seus textos principais, reescritos alguns, entrelaçados outros, que sirva para a formação do educador jovem, do educador das séries iniciais.

Nunca escreveu para crianças, mas gostaria. Um dia, quem sabe.

## UM NOVO AMOR

A afetividade de Paulo Freire não podia desaparecer com a morte da esposa. Depois de um difícil período de recuperação, aos 66 anos de idade, Paulo Freire reencontrou o amor, numa antiga aluna, Ana Maria A. Hasche, que submetera a exame de admissão ao ginásio em Recife, como jovem professor. Ela também, viúva e com 54 anos.

Há alguns anos, Paulo vinha orientando a tese de mestrado de Ana Maria, a Nita, como todos a chamam. No início de 1988, eles se assumiram como noivos, recebendo o apoio de todos os amigos. Para quem tinha tanto amor por Elza, não seria difícil manifestar novamente toda profundidade amorosa que continuava dentro dele. Como dizia Roland Barthes, em seus *Fragmentos de um discurso amoroso*, a gente “ama o amor” que está em nós. Os jovens, sobretudo, o aplaudiram. Ele estava novamente nos surpreendendo. De fato, quem o conheceu depois da morte de Elza, não podia imaginar o que esse novo amor faria dele. Sente-se muito feliz, e a felicidade é muito mais produtiva que a infelicidade, porque somos feitos, acima de tudo, para sermos felizes.

Com esse gesto de amor, Paulo Freire nos mostra que é sempre possível recomeçar. A idade não é um empeci-

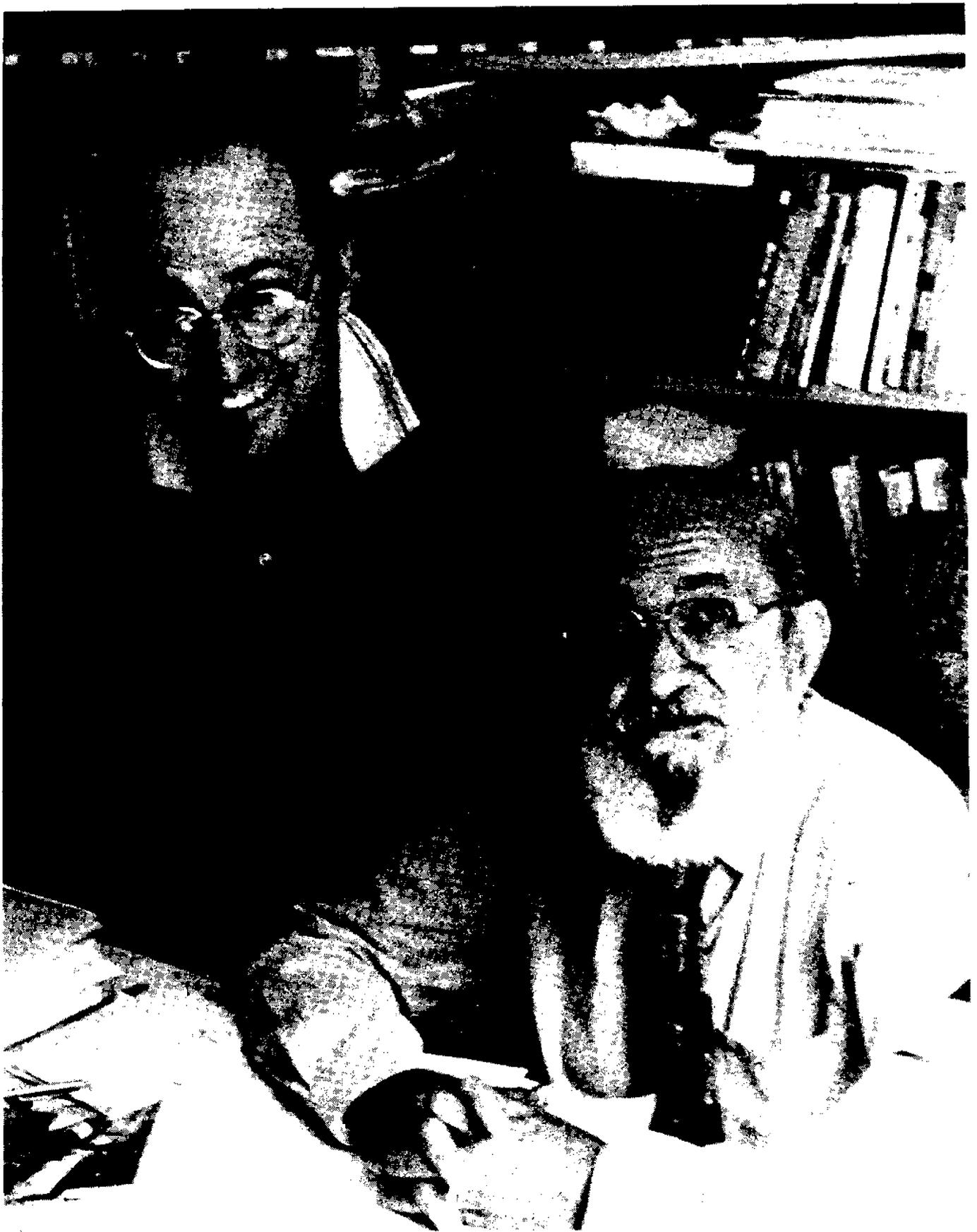


*Paulo Freire e Ana Maria Hasche, sua atual mulher.*

lho para o amor; ao contrário, lhe dá solidez, esperança, maturidade. É uma nova lição, sobretudo para os viúvos que, sob a pressão da sociedade, vivem uma morte prematura.

Como um jovem noivo, no dia 26 de março de 1988 Paulo retorna a Recife para pedir a mão de Nita em casamento. O casamento religioso realizou-se no dia seguinte.

Os amorosos têm sempre coragem de transgredir. Como educador amoroso, Paulo escreve, com sua vida, um novo discurso — o discurso amoroso — que, como dizia Barthes, no prólogo de seu livro, é hoje, em meio a tantos discursos de saber e poder, um discurso inoportuno, inatual, fora de moda.



*Paulo Freire com o autor deste livro.*

# **Entrevista com Paulo Freire**

## A EDUCAÇÃO NESTE FIM DE SÉCULO

Este livro termina com uma conversa entre o autor e Paulo Freire acerca das perspectivas da educação neste final de século. Essa conversa aconteceu no dia 27 de abril de 1988.

Escrevi este livro com o intuito de resgatar a memória de um educador deste século. Tentei relacionar sua obra com a de outros educadores contemporâneos. Mas não se trata de uma preocupação apenas com a memória do passado; é também uma tentativa de construir uma **pedagogia para o futuro**, e acho que essa é a sua pedagogia. A orientação que seguimos é nos interrogarmos constantemente acerca do que podemos fazer, hoje, para deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos, dentro dessa perspectiva histórica, humana, em que situamos a educação. ◀ *MOACIR GADOTTI*

Convidamos os professores que se formam agora no curso de segundo grau, alunos e alunas do curso de magistério ou dos cursos superiores de Pedagogia, Licenciatura e outros, a participar coletivamente da construção desse mundo solidário, um mundo que pode receber muitos nomes, mas que a gente, sem precisar nomeá-lo, já o vê como um mundo mais cheio de alegria, de amor, de vontade de viver.

Como é que você vê a contribuição do educador, hoje, para a construção dessa sociedade? Como deveria ser sua formação?

Eu gostaria de começar falando não só a você, mas, através de você, aos leitores e às leitoras deste livro bonito que você está concluindo. Eu gostaria de ter uma conversa com esses jovens que se formam, e que estão num processo de formação que deve ser permanente. Começaria dizendo a eles da satisfação de ter essa conversa através de você e, em segundo lugar, dizer que sua pergunta tem a ver com o que eu costumo chamar de "este fim de século", tomando essa expressão exatamente como algo que estamos vivendo já, e que vamos continuar a viver com intensidade, para poder criar, para poder construir o que ainda não está aí... ◀ *PAULO FREIRE*

Acho que uma das boas coisas, Gadotti, que um jovem, uma jovem, um adulto, um homem velho, qualquer um de nós, tem como tarefa, tarefa histórica, é **assumir o seu tempo**, integrar-se, inserir-se no seu tempo. Para isso, porém, e mais uma vez, eu chamo a atenção dos moços que vão conversár comigo através de ti, para o fato de que a melhor maneira de alguém assumir seu tempo, e assim se assumir também, com lucidez, é entender a **história como possibilidade**.

O que eu quero dizer com isso? Em certo momento do seu texto, e eu só dei uma olhádelá nele, tu te referes, sem necessariamente citar, a uma afirmação fundamental de Marx em que ele diz que o homem — e eu acrescentaria a mulher — faz a história; sim senhor, mas o homem faz a história a partir de uma realidade que ele encontra, e só a partir dela.

Quando eu digo a um moço: “Olha, para que tu assumas o teu tempo e te faças um homem ou uma mulher do teu tempo, tu tens primeiro que entender a história como possibilidade”, o que eu quero dizer é que é absolutamente correto o que Marx disse. Peço desculpas aos jovens por estar dizendo que Marx estava correto, mas, como eu não sou escravo do pensamento de Marx, acho que de vez em quando preciso dizer que ele estava certo, ou que parece que não estava certo.

É absolutamente certo: o homem e a mulher fazem a história a partir de uma dada circunstância concreta, de uma estrutura que já existe no meio em que a gente chega. Mas esse tempo e esse espaço têm que ser um tempo-espaco de **possibilidade**, e não um tempo-espaco que nos determina mecanicamente.

O que eu quero dizer com isso é que, no momento em que entendo a história como possibilidade, também entendo sua impossibilidade. Descubro então que o futuro de que a gente fala é aquele a que tu te referes aí. O futuro não é um pré-dado.

Quando uma geração chega ao mundo, seu futuro não está predeterminado, prestabelecido. Por outro lado, o futuro não é também, por exemplo, a pura repetição de um presente de insatisfações. O futuro é algo que se vai dando, e esse “se vai dando” significa que o futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futu-

ro; por isso, então, a história é **possibilidade** e não **determinação**.

Agora, se a história é essa possibilidade, se eu, então, me assumo no meu tempo, tenho que descobrir quais são as tarefas fundamentais desse tempo. E é isso que tu me perguntas agora: o que dizer a esses jovens?

Evidentemente que eu não poderia ter a pretensão de dizer a eles e a elas quais são suas tarefas, mas posso dizer-lhes o que eu tenho assumido como tarefa, e qual tem sido a tarefa da minha geração... Acho que a tarefa mais fundamental que a gente tem aí, neste fim de século, e cuja compreensão se antecipou em muito ao final deste século é a **tarefa da libertação**.

Veja bem, não é sequer a tarefa da liberdade. Eu acho, Gadotti, que a **liberdade é uma qualidade natural do ser humano**. Eu até diria, com mais radicalidade, que a liberdade faz parte da natureza da vida, seja ela animal, seja ela vegetal. A árvore que cresce, que se inclina procurando o sol, tem um movimento de liberdade, mas uma liberdade que está condicionada à sua espécie, a um impulso vital apenas, não é a liberdade de instinto de um cão.

Hoje, nós nos perguntamos sobre a tarefa de libertação enquanto restauração da liberdade, ou enquanto invenção de uma liberdade ainda não permitida. Então, eu acho que essa vem sendo uma tarefa permanente, histórica. Eu não diria que é a maior tarefa, ou a única, mas é a tarefa central a que as outras se juntarão. Acho fundamental que, compreendendo a história como possibilidade, o educador descubra a educação também como possibilidade, na medida em que a educação é profundamente histórica.

Quando a gente compreende educação como **possibilidade**, a gente descobre que a educação tem **limites**. E é exatamente porque é limitável, ou limitada ideológica, econômica, social, política e culturalmente, que ela tem eficácia. Então eu diria aos educadores que estão hoje com dezoito anos, e que, portanto, vão entrar no outro século no começo de sua vida criadora, que, mesmo reconhecendo que a educação no outro século não vai ser a chave da transformação do concreto para a recriação, a retomada da liberdade, mesmo que saibam que não é isso, estejam convencidos da eficácia da prática educativa

como elemento fundamental no processo de resgate da liberdade.

MOACIR GADOTTI ▷ Paulo, a geração que vem vindo, essa geração que tem hoje dezoito, vinte anos e que construirá a futura sociedade, viveu a infância sob a ditadura, sob a falta de liberdade. Ao se referir ao futuro como possibilidade, ela nos fala menos em categorias sociológicas e mais em categorias éticas e antropológicas. São categorias relacionadas com o amor, a amizade, a transparência, a vontade política.

A educação que está nascendo com essa juventude fala muito em vida, singularidade, corpo. O corpo passa a ser uma preocupação que é resgatada de forma progressista. Parece que a luta pela libertação, em algumas gerações passadas, não valorizava tanto o corpo das pessoas, era mais social. E de repente há alguma coisa de novo acontecendo, trazida por essa nova geração que quer fazer libertação com prazer, com amor, com o corpo. Como é que você vê isso, essa revolução molecular, na expressão de Felix Guattari, que hoje se quer fazer com o corpo?

Acho que sua pedagogia tem valorizado muito o singular, a pessoa, o indivíduo, nessa luta. Acho que, por isso, suas idéias são hoje ainda mais atuais do que no passado, por causa desse resgate da singularidade. Você valoriza a contribuição de cada um no processo de transformação da história. Gostaria que você comentasse um pouco isso.

PAULO FREIRE ▷ Eu até pediria aos leitores e às leitoras um pouco de desculpas, pois o que eu vou dizer pode parecer pouco humilde, mas tem a ver exatamente com o comentário que você fez. Você disse, como analista que é, que sente que pelo menos algumas dessas idéias, ou o próprio espírito dessa pedagogia, estariam tendo receptividade até maior, hoje.

É verdade, eu estive nos Estados Unidos em dezembro e vi de novo que, por exemplo, não é por acaso que ali a *Pedagogia do oprimido* está na vigésima sétima edição e, em espanhol, na trigésima quinta. Essa coisa tem a ver com isso que tu dizias.

Tu fazes uma afirmação clara, tu aceitas, tu abraças um certo tipo de compreensão do mundo, de compreen-

são da luta. Está claro que tu não apenas simpatizas com essa compreensão em torno do corpo, mas tu também entendes essa compreensão, tu entendes o papel desse corpo.

Recentemente, eu vi, num exame de qualificação, como tu vibravas diante do trabalho da candidata com relação ao problema do corpo, salientando porém — e tu fizeste muito bem — que, afinal, **o corpo é o que eu faço**, quer dizer, o que eu faço, faz meu corpo.

O que eu acho fantástico nisso tudo é que, como o que eu faço é que faz com que meu corpo esteja sendo, meu corpo está sendo porque eu faço alguma coisa que pertence a ele. A importância do corpo, então, é indiscutível; o corpo atual memoriza a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo.

Nenhum de nós, nem tu, nem eu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque **o corpo também se constrói socialmente**. Mas acontece que ele tem uma importância enorme. E a sua importância tem a ver com um certo **sensualismo**.

Eu te confesso: não acredito em revolução que negue o amor, que coloque a questão do amor entre parênteses. Nisso eu sou guevariano, che-guevariano. **O amor e a revolução estão casados**. Há muito sensualismo, que o corpo guarda e explicita, ligado até mesmo à capacidade cognoscente.

Acho um absurdo afastar o ato rigoroso de saber o mundo da capacidade apaixonada de saber. Eu me apaixono não só pelo mundo, mas pelo próprio processo curioso de conhecer o mundo.

Paulo, o que tem sido transmitido aos jovens, sobretudo pelos meios de comunicação, é que ser revolucionário é ser sisudo, feio, chato, mofado. É essa a idéia de revolução que é transmitida, que revolucionário...

◁ *MOACIR GADOTTI*

... faz amor de camisola.

◁ *PAULO FREIRE*

Exatamente. Essa pedagogia que a gente quer construir com a juventude que vai fazer a pedagogia nova, com os jovens que, daqui a pouco, também vão escrever seus livros e construir uma pedagogia revolucionária, certamente não será uma pedagogia rançosa...

◁ *MOACIR GADOTTI*

PAULO FREIRE ▷ Pode até voltar a ser, mas não creio. Veja você, um homem como Georges Snyders, o grande educador francês, que, para mim, é uma das melhores expressões de uma concepção séria da pedagogia neste fim de século. Ele é um socialista com clara opção marxista e com uma lealdade criadora ao pensamento marxista. Seu último livro, *La joie à l'école* (A alegria na escola), é **um hino à alegria**. O que ele faz é convidar o educador a fazer alegria através da educação. A escola que ele descreve, a escola dos sonhos dele, é uma escola saltitante. Mas, nem por isso, ela é menos séria. Em Snyders, isso seria um absurdo. Seria um absurdo imaginar que ele pudesse estar defendendo a falta de seriedade.

Concordo contigo. Essa mocidade que nos está lendo hoje não vai construir uma pedagogia da frouxidão, da licenciosidade. Mas acho que a tarefa da liberdade, a tarefa da libertação, a história como possibilidade, a compreensão do corpo consciente e sensual, cheio de vida, isso tudo exige necessariamente uma **pedagogia do contentamento**.

Me lembro agora, ao fazer esses comentários, que no ano passado, em junho, estive em Cuba participando de alguns seminários que me agradaram imensamente. Lá, conheci uma jovem professora de ética marxista da Universidade de Havana, que me deu um texto sobre o amor, escrito por ela, no qual o amor é discutido do ponto de vista ético-marxista. Ela submetera seu texto aos jovens da Universidade de Havana, e me disse que essa juventude universitária cubana cobrava, no debate que teve com ela, a explicitação do amor: queriam liberdade para amar e amar para serem livres. As jovens, por exemplo, no âmbito da relação amorosa, protestavam contra a carência, a falta de namoro por parte dos jovens masculinos. Elas cobravam um certo afeto, uma certa brincadeira afetiva, amorosa.

Então eu acho, Gadotti, que a **amorosidade**, a **afetividade**, não enfraquecem em nada, primeiro, a seriedade de estudar e de produzir; segundo, não obstaculizam em nada a responsabilidade política e social. Eu tenho vivido minha vida amorosamente. Você faz um lindo comentário no final de seu livro sobre a experiência na qual me engajei recentemente, amando de novo.

Eu me lembro que quando eu tinha vinte e seis anos, conversando com Elza, numa noite de amor, fiz a ela uma pergunta que todos os maridos fazem cedo ou tarde: “Se eu morresse agora, tu casarias de novo?” Ela me disse: “De novo não, mas outra vez, sim”. Nunca me esqueço das lições enormes que Elza me deu. Com aquela resposta, ela diminuiu pelo menos vinte por cento do meu machismo. Ela me disse: “Paulo, de novo seria contigo. Como não poderia ser, porque tu haverias morrido, então seria ‘outra vez’, com outro homem. O que eu não poderia, Paulo, era deixar de amar. Ama-se várias vezes, diferentemente”.

Eu diria agora aos jovens que estão lendo o teu livro: “Sem a Elza, eu não teria a Nita. Mas sem Nita, eu não estaria vivo”. Isso é amar. É o meu corpo amoroso. No momento em que, sem a Elza, eu optei por viver, eu não tinha outro caminho a não ser continuar amando.

O que eu vejo nessas suas colocações é que nós já estamos vivendo a **educação deste fim de século**, que é uma educação que cumpre sua tarefa essencial de reprodução e construção do saber, dentro de uma perspectiva nova. A escola tradicional insistia que só se aprende com esforço, através do castigo, apanhando.

◀ MOACIR GADOTTI

Hoje, ao contrário, os jovens exigem charme e beleza, boniteza, integração entre o que eles estudam e sua vida. Revoltam-se contra o autoritarismo. Mas isso não é exatamente o que os gregos chamavam de *paidéia*, ‘educação integral’ e Marx de **educação omnilateral**.

No fundo, a construção da educação do futuro nos remete ao passado, a alguma coisa de original que ela tinha no começo. Só que, hoje, ela adquire uma conotação muito mais social do que na Grécia, onde era acen-tuadamente individualista. Ela está integrada hoje na construção alegre do coletivo.

Mas permita-me colocar-lhe outra questão: a escola que desejamos para nossos filhos e netos, e que desejamos para todos, não é apenas uma escola alegre, mas uma **escola pública popular, autônoma e socialista**. Esta é a escola dos nossos sonhos. Pode não se realizar totalmente, mas ela já está em construção, no interior da escola capitalista e elitista.

A escola pública que queremos construir não é uma extensão da **escola pública burguesa** para todos, porque

a gente sabe que essa escola burguesa é elitista e, portanto, não pode se estender a todos. Por isso, a gente fala em escola pública popular, isto é, uma **escola para todos**, com uma **gestão popular** e uma **nova qualidade**. Como você vê o nascimento dessa escola hoje? Como você vê esse **novo emergindo do velho**?

PAULO FREIRE ▷ Vejo isso como uma das curiosidades do tempo ou uma das razões de ser de certas curiosidades do tempo. Eu diria à juventude que está lendo este livro que, entregando-se à aventura dessa escola séria, rigorosa, alegre, jamais prescindida do **ato sério de estudar**, que jamais confunda essa alegria com a alegria fácil do não-fazer, que ela prove que a escola tradicional pecou aí também, não é preciso enrijecer as mesas mais do que a madeira já as faz endurecidas; não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr colarinho e gravata na criança para que ela, imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. Não. Mas, por outro lado, é preciso não afrouxar, para que a criança não se perca apenas no brinquedo, apenas em alegria.

Saber é um ato difícil, realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil, o **próprio processo de estudar se torna bonito**. Acho também que seria errado falar ao estudante que há uma compensação de alegria no ato de estudar. O importante é que a criança perceba que o **ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo**.

MOACIR GADOTTI ▷ Justamente, Paulo, o que Georges Snyders fala em seu livro *La joie à l'école* é que não há uma separação entre o **cognitivo** e o **afetivo**. Ele demonstra que o educador deste final de século, como estamos falando, é aquele que consegue realizar, na prática, essa unidade dialética, que o educador tradicional não consegue...

PAULO FREIRE ▷ ... e que certas pedagogias novas também não conseguem porque exacerbam a alegria, a afetividade, em detrimento da cognitividade.

MOACIR GADOTTI ▷ Eu acredito que a pedagogia tradicional não tinha condições de perceber esse fato, porque foi apenas no começo deste século que as ciências da educação se desenvolveram e mostraram o quanto o afetivo é determinante na construção do cognitivo.

A pedagogia tradicional não podia contar com as armas do conhecimento que só se desenvolveram a partir

da pedagogia da Escola Nova: o ato de conhecer é tão natural quanto o ato de andar, de se alimentar, de amar etc. Por isso, ela dissociava o afetivo do cognitivo...

◁ PAULO FREIRE

... e como dissociava, apelava demasiado para a disciplina. Na medida em que o ato de aprender tornou-se uma coisa mais ou menos fora do contexto habitual, era preciso disciplinar o aluno para que ele pudesse aprender. Evidentemente, mesmo sem dicotomizar, o ato de estudar exige, desde que começa a ser experimentado, uma **disciplina** que faz parte dele, uma disciplina que o move e sem a qual o estudante não pode estudar. Porém essa disciplina não é, de jeito nenhum, uma disciplina que martiriza. É isso que precisa ficar claro.

Exatamente. O dilema da escola e da educação em geral tem sido este: o de articular organicamente, dialeticamente, liberdade e disciplina, liberdade e autoridade.

◁ MOACIR GADOTTI

De um lado, a **escola tradicional** centra-se demasiadamente na disciplina. De outro, a **Escola Nova** centra-se demasiadamente na liberdade. Para além da escola tradicional e da Escola Nova, a **escola socialista** desponta como síntese superadora dessas duas grandes tendências da escola que antecedem o terceiro milênio, que queremos ver novo. Na escola socialista, liberdade e disciplina não se opõem de modo mecânico: elas estão unidas dialeticamente, isto é, através de uma união de opostos.

Paulo, uma última pergunta, um pouco pessoal: o que você tem vontade de fazer neste final de século? Quais são seus projetos para o presente e para o futuro?

Realmente você deveria fazer esta pergunta e vou te dar uma resposta simples embora não seja uma resposta brilhante. É uma resposta como eu, uma resposta que deve ser um testemunho para os moços e as moças de 16, de 20 anos, para quem você está escrevendo. Eu não sei muito bem o que te dizer sobre o que eu vou fazer, o que estou projetando, mas uma coisa eu deixarei claríssima, estou contente com a pergunta e a resposta é que o meu projeto não é me aposentar.

◁ PAULO FREIRE

Faço 67 anos este ano, e neste fim de século, de cujo momento final eu espero participar — possivelmente até dando uma entrevista para um canal qualquer de televisão, tomando cachaça ou um bom vinho —, estarei

engajado, tanto quanto hoje, numa pedagogia alegre, boêmia, como eu sou, tropical, uma pedagogia do riso, uma pedagogia da pergunta, da curiosidade, uma pedagogia do amanhã pelo hoje, uma pedagogia que acredita na possibilidade de transformação do mundo, que acredita na história como possibilidade.

## GLOSSÁRIO

### Ação cultural

**a**

Quando as pessoas aprendem a “ler” e a “escrever” sua realidade, atuando sobre ela com vistas a transformá-la, essa ação é chamada de ação cultural. A palavra *cultura* é utilizada por Paulo Freire em sua acepção antropológica.

### Aliança para o Progresso

Organismo criado pelos EUA com a pretensa finalidade de ajudar os povos da América Latina. Em 1961, o presidente John Kennedy afirmava que, com essa ajuda, a América Latina poderia, em 10 anos, resolver seus problemas básicos de desenvolvimento, tomando empréstimo dos países ricos. Seu lema era “progresso com liberdade”. Tal como se poderia prever, o resultado foi o endividamento dos países que aderiram a essa “aliança”.

### Alienação

Processo no qual há perda de identidade, individual ou coletiva; falta de autonomia, dependência. Os colonizados se alienam quando interiorizam os valores e a cultura dos colonizadores. Os trabalhadores se alienam quando perdem a capacidade de decidir sobre o que produzem (ver *sujeito*).

## Atividade criadora

Quando os homens refletem sobre sua prática e buscam melhorá-la, desenvolvem uma atividade criadora, na qual transformam a si mesmos. Contrapõe-se à atividade mecânica de reprodução rotineira de atos e práticas, em que não há qualquer reflexão.

## Ativismo

Atitude daqueles que se dedicam exclusivamente à ação, principalmente política. Seu oposto é o verbalismo, que consiste em valorizar apenas a palavra, a teoria, e desprezar a ação, a prática.



## Categorias

São os conceitos mais gerais de uma ciência ou filosofia. Servem de orientação para o estudo ou de expressão lingüística em qualquer campo do saber. As categorias lógico-conceituais ou ético-políticas de um pensamento pedagógico servem para apreender o fenômeno educativo e explicá-lo, expressando uma filosofia da educação e uma teoria do conhecimento (ver teoria do conhecimento).

## Círculo de cultura

O círculo de cultura é uma unidade de ensino que substitui a escola tradicional. É formado por um grupo de pessoas que se reúne para discutir seu trabalho, a rea-

lidade local e nacional, sua vida familiar etc. Nele, não há lugar para o professor tradicional (“bancário”) — que tudo sabe —, nem para o aluno que nada sabe. Assim, ao mesmo tempo que aprende a ler e a escrever, o educando aprende a “ler”, isto é, a analisar sua prática e a atuar sobre ela.

## Codificação

É a representação de uma situação vivida pelos estudantes em seu trabalho diário e se relaciona com a palavra geradora. Abrange certos aspectos do problema que se quer estudar e permite conhecer alguns momentos do contexto concreto (ver **decodificação**).

## Condicionamento ideológico

Vivendo em sociedade, somos condicionados a pensar de determinada maneira, aceitando como válidos os valores sociais. O condicionamento é uma forma sutil de controle, exercida sobretudo pelos meios de informação (rádio, TV, jornais etc.), mas também pela escola, Igreja etc. (ver **ideologia**).

## Conflito de classes

Oposição que se estabelece entre as classes sociais em função da posse ou não dos meios de produção. Um exemplo seria as relações entre patrões e empregados (ver **consciência de classe e modo de produção**).

## **Consciência de classe**

Consciência da exploração do homem pelo homem e vontade de superar essa exploração.

## **Conscientização**

Conscientização é uma palavra utilizada por Freire (e deturpada por muita gente) para mostrar a relação que deve existir entre o pensar e o atuar. Uma pessoa (ou melhor, um grupo de pessoas) que se conscientiza (sem esquecer que ninguém conscientiza ninguém, mas as pessoas se conscientizam mutuamente, através de seu trabalho cotidiano) é aquela que é capaz de descobrir a razão de ser das coisas. Essa descoberta deve ser acompanhada de uma ação transformadora.

## **Cultura**

É tudo o que o homem cria e que aparece como resultado da práxis humana sobre o mundo atual.

## **Cultura do silêncio**

Segundo essa categoria, não existem nem ignorantes nem sábios absolutos, da mesma forma como cultura não é atributo exclusivo da burguesia. Os “ignorantes” são homens e mulheres cultos aos quais foi negado o direito de se expressar e que, por isso, vivem submetidos à cultura do silêncio. Categoria muito importante para se atingir a educação libertadora, a cultura do silêncio tem

um caráter classista, é historicamente determinada e, por isso, o reconhecimento de sua existência deve viabilizar sua transformação em uma cultura de libertação.

## Decodificação

**d**

É um dos momentos mais importantes do processo de alfabetização. Trata-se do exame das palavras geradoras (ou código lingüístico) para extrair os elementos existenciais nelas contidos.

## Desvelamento crítico

Ação necessária (desvelar = retirar o véu, o que oculta) para que homens e mulheres possam enxergar e analisar fenômenos, processos e coisas. Ao conhecer as coisas a fundo e descobrir o que há em seu interior, pode-se transformá-las. Para Freire, um conhecimento crítico (desvelado) exige uma ação transformadora.

## Dialética

Concepção filosófica segundo a qual o mundo se encontra em constante mudança. As leis fundamentais da dialética são: tudo se relaciona (princípio da totalidade); tudo se transforma (princípio do movimento); mudanças quantitativas geram mudanças qualitativas; existe o princípio da contradição, que significa a unidade e a luta dos contrários. A contradição é a base da dialética (ver **método dialético**).

## Diálogo

Ao refletir sobre sua prática (seu trabalho cotidiano) e atuar sobre ela, homens e mulheres necessitam comunicar-se. Dialogar é atuar e pensar como sujeitos e permitir que outras pessoas sejam sujeitos críticos. Tal ação só é possível na educação libertadora. A posição contrária é o antidiálogo (ver sujeito).

## Dizer a palavra

Refere-se ao ato do homem que, saindo de seu mundo de mutismo, ligado à consciência ingênua, *fala*, isto é, se descobre sujeito e autor de sua existência e de sua história.



## Educação bancária

Educação em que o professor é quem dá a última palavra, devendo os alunos aceitar passivamente o que ele diz. Dessa forma, o único que pensa é o professor, cabendo aos alunos apenas receber os depósitos que o professor faz dos conhecimentos que possui (como sucede num banco quando se deposita dinheiro). A educação bancária é domesticadora porque busca controlar a vida e a ação dos alunos, proibindo-os de exercer seu poder criativo e transformador.

## Educação problematizadora

Baseia-se na criatividade e possibilita uma reflexão e uma ação críticas sobre a realidade, comprometidas com a transformação social.

## Elitismo

Refere-se ao sistema que favorece somente um grupo de pessoas, as elites. As elites são as classes mais cultas de uma sociedade. Nas sociedades tradicionais, eram constituídas pela aristocracia, da qual faziam parte nobres, vencedores de guerra e grandes proprietários. Nas sociedades industriais, elas se converteram em detentoras do saber técnico, político e intelectual, não obstante dependerem das elites econômicas.

## Existencialismo

Doutrina filosófica que elege como objeto de reflexão o homem em sua existência concreta — o “ser-no-mundo” —, a partir da qual o homem, não mais portador de uma essência abstrata, surge como senhor de seu próprio destino, ainda que submetido às limitações da realidade.

## Fenomenologia

Corrente filosófica que se preocupa em descrever tudo o que existe, estudando os fenômenos tal como eles se manifestam na consciência. Em grego, *fenômeno* significa tudo o que é percebido pelos sentidos e pela consciência.

**f**

## Ideologia

Conjunto de formas da consciência social e idéias políticas, jurídicas, científicas, filosóficas, religiosas, morais, artísticas. Numa sociedade dividida em classes, a

**i**

ideologia tem caráter de classe, sendo dominante a ideologia da classe que exerce o poder econômico e político.

## **Invasão cultural**

É a penetração, em uma sociedade qualquer, de uma cultura estranha que a invade e lhe impõe sua maneira de ser e de ver o mundo.

## **ISEB**

O ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, foi criado por Juscelino Kubitschek, em julho de 1955, sendo extinto em abril de 1965 pelo golpe militar. Era constituído por intelectuais que buscavam difundir as ciências sociais como instrumento de análise e de compreensão crítica da realidade brasileira, como Álvaro Vieira Pinto, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré e Roland Corbisier. O “isebianismo” caracterizou-se por valorizar o papel da consciência e da ideologia no desenvolvimento brasileiro. Buscava construir um pensamento brasileiro autônomo e não-alienado. Os críticos do “isebianismo” procuram mostrar seus pressupostos “liberais”, isto é, a “aliança de classe” na realização do desenvolvimento nacional.



## **Método dialético**

Aplicação da dialética à investigação científica, ao estudo e ao trabalho. Implica uma análise objetiva mas crítica da realidade, com o objetivo não apenas de conhecê-la mas também de transformá-la. Para isso, o método dialético deve evidenciar as contradições internas em cada fenômeno estudado (ver **dialética**).

## Modo de produção

Forma pela qual uma sociedade organiza a produção e a reprodução de sua existência. Um modo de produção implica **meios de produção** (máquinas, utensílios, matéria-prima, ciência e tecnologia) e **relações de produção**, por exemplo, escravo—senhor, capitalista—assalariado, ou então relações socialistas, onde os produtores são proprietários dos meios de produção.

## Níveis de consciência

**n**

Paulo Freire distingue três níveis de consciência: a **consciência ingênua**, a **consciência crítica** e a **consciência em trânsito**, que abrangem desde a consciência em seu estado natural, até a forma em que ela assume de maneira mais plena sua capacidade de desvelar a realidade. Não se trata, porém, de níveis formais, nem em termos de conteúdo nem de operacionalização.

## Palavra geradora

**p**

Extraída do universo cotidiano do alfabetizando, a **palavra geradora** deve gerar outras palavras que possibilitem uma leitura não só lingüística mas também política da realidade.

## Positivismo

Concepção filosófica segundo a qual o único conhecimento válido é o conhecimento experimentalmente demonstrado. Os positivistas admitem que esse método

deve aplicar-se tanto às ciências humanas quanto às ciências naturais.

## Postura crítica

Atitude de contínua reflexão e curiosidade que assumem aqueles que não adotam posições dogmáticas diante da vida (ver **sectarismo**).

## Prática

O que realizamos diariamente, nosso trabalho. Pode-se denominar assim o trabalho que o professor realiza com os estudantes, o que os estudantes fazem com o professor, o trabalho da datilógrafa no escritório, o do trabalhador rural no campo etc.

## Práxis

É a união que se deve estabelecer entre o que se faz (prática) e o que se pensa acerca do que se faz (teoria). Conceito comum no marxismo, que é também chamado filosofia da práxis, designa a reação do homem às suas condições reais de existência, sua capacidade de inserir-se na produção (práxis produtiva) e na transformação da sociedade (práxis revolucionária).

## Q

## Quefazer

Ligado à ação e à reflexão, é o ato de transformar o mundo através do trabalho. A educação é um quefazer permanente.

## Revolução



Derrubada violenta do poder para efetuar mudanças profundas nas estruturas socioeconômicas e políticas. Uma revolução depende de **condições objetivas** (crise política, estado caótico da economia) e **condições subjetivas** (uma classe revolucionária, um partido). Fala-se igualmente em revolução técnico-científica, em revolução industrial e em revolução cultural, entendendo-se com isso um avanço importante ocorrido nessas esferas num determinado momento histórico.

Revolução democrática é a revolução exercida pela força da organização e luta dos trabalhadores, sem o uso de métodos violentos.

## Sectarismo



Fanatismo, partidarismo ferrenho. O sectarismo manifesta-se habitualmente através do **dogmatismo**, da negação das condições concretas necessárias para operar mudanças e da intolerância em relação às idéias alheias.

## Síntese cultural

É o contrário de invasão cultural. Trata-se da ação do indivíduo sobre a sociedade a ser transformada, visando à libertação do homem.

## Situações-limites

Para Paulo Freire, são as situações que desafiam de tal forma a prática dos homens que é necessário enfrentá-las

e superá-las para prosseguir. Para Paulo Freire, elas não devem ser contornadas, mas analisadas, enfrentadas e estudadas em suas múltiplas contradições, sob pena de reaparecerem mais adiante com força redobrada.

## Socialização

É a forma como as pessoas entram em contato umas com as outras e se adaptam à sociedade em que vivem. Também pode ser entendida como democratização, por exemplo, quando falamos em socialização da riqueza ou socialização dos meios de produção.

## Suicídio de classe

Expressão utilizada por Amílcar Cabral, revolucionário da Guiné-Bissau, para designar a atitude dos homens que, apesar de serem provenientes das classes dominantes, se engajam na luta pela libertação dos oprimidos. É com o mesmo sentido que Marx emprega a expressão *trânsfuga de classe*.

## Sujeito

Termo que designa o indivíduo consciente e capaz de agir autonomamente. Opõe-se à palavra objeto, que remete àquilo que não tem consciência, não age e é manipulável.

## Teologia da libertação



Concepção progressista da teologia e do papel social e político da Igreja, desenvolvida sobretudo na América Latina, que defende o engajamento dos cristãos na luta pela libertação. Opõe-se à **teologia dogmática**, que estabelece um rígido código de conduta para os cristãos, baseado na defesa da tradição, da família e da propriedade privada. A Teologia da Libertação adota o método dialético para a análise da realidade.

## Teoria do conhecimento

Também chamada de gnosologia, a teoria do conhecimento pode ser entendida como o campo de estudo da filosofia que se questiona sobre a possibilidade e a validade do conhecimento, seus processos e suas finalidades. Alguns a chamam de epistemologia, embora esta seja mais restrita, pois, como a etimologia da palavra indica, epistemologia significa teoria das ciências. Os positivistas reduzem a teoria do conhecimento à epistemologia porque só aceitam como válido o conhecimento científico (ver **positivismo**).

## Texto e contexto

Aprender a ler e a escrever não implica por si só o desenvolvimento da capacidade de reflexão. Uma leitura não-crítica separa texto e contexto, transformando o texto num discurso abstrato, sem vinculação com a realidade. Ao contrário, ler é pronunciar o mundo, codificá-lo, para, no final, conhecer a si mesmo. A vinculação entre o ato de ler e a realidade permite que ocorra um processo verdadeiro de conhecimento, transformador do homem e do mundo.

# U

## USAID

A USAID — Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional —, é o órgão executivo da política traçada pela Aliança para o Progresso no que se refere à modernização dos aparelhos educativos dos países do chamado Terceiro Mundo. Essa organização estabeleceu numerosos acordos e convênios de cooperação técnica com o Ministério da Educação e Cultura, os chamados acordos MEC-USAID, sobretudo na década de 60, época em que os EUA estavam exportando reformas que haviam realizado na década de 20, idealizadas para conservar a estrutura por trás de uma fachada de democracia, de igualdade de oportunidades e de cooperação técnico-financeira (ver *Aliança para o Progresso*).

## ONDE ENCONTRAR MATERIAL SOBRE PAULO FREIRE

O educador brasileiro e estudioso da obra de Paulo Freire, Admardo Serafim de Oliveira, da Universidade Federal do Espírito Santo, reuniu cerca de 1 400 títulos de trabalhos de ou referentes a Paulo Freire. Grande parte desse acervo encontra-se no CEDIF — Centro de Estudos, Documentação e Informação Paulo Freire, criado em 1982 e sediado em Vitória (ES).

Em apêndice a seu texto *Bibliografia comentada de/ sobre Paulo Freire*, atualizada até 1988, esse autor nos fornece uma listagem de informações e de material sobre o pensamento pedagógico de Paulo Freire, bem como dados referentes a entidades ligadas direta e indiretamente à proposta desse educador. Os dados que se seguem foram extraídos desse apêndice.



*Paulo Freire e Admardo Serafim de Oliveira, diretor do CEDIF.*

ADITEPP — Associação Difusora de Treinamento e Projetos Pedagógicos

Av. Visconde de Guarapuava, 2674

80.000 — Curitiba, PR

Fone: (041) 223-3260

Produz textos e material audiovisual sobre o sistema Paulo Freire de alfabetização e educação de adultos e oferece cursos de treinamento para educadores em geral.

AG SPAK

Reinfensterstrasse 8

D 8000 Munique 5

Alemanha

Fone: 089-775420

Fornecer dados e informações sobre Paulo Freire e sobre onde adquirir obras e material de/sobre o educador, em alemão.

CAAP — Centro di Animazioni per L'Autogestione Popolare

Via Centimoli II — I-90021

Alia, Itália

Possui um dos maiores acervos bibliográficos de/sobre Paulo Freire em italiano.

CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Av. Higienópolis, 983

01238 — São Paulo, SP

Fone: (011) 825-5544

Telex: 1126561 ECUM BR, ou

Rua Cosme Velho, 98 — fundos

22.241 — Rio de Janeiro, RJ

Fone: (012) 205-5197

Telex: 213-7982 CIED BR

Possui grande acervo bibliográfico de/sobre Paulo Freire e fornece cópias de vários de seus artigos e textos em diversas línguas. Assessora trabalhos de alfabetização e educação de adultos.

CEDIF — Centro de Estudos, Documentação e Informação Paulo Freire

CEG — Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo — Campus Universitário de Goiabeiras

29.000 — Vitória, ES

Fone: (027) 234-1877

Possui talvez o maior acervo bibliográfico de/sobre Paulo Freire e fornece qualquer tipo de informação bem como cópias de publicações de/sobre o grande educador em português, espanhol, francês, inglês e alemão.

CENTER FOR THE STUDY OF DEVELOPMENT AND SOCIAL CHANGE

1430 Massachusetts Ave.

Cambridge, Mass., 02138

EUA

Esse centro é responsável pela publicação, em inglês, de vários artigos e ensaios de/sobre Paulo Freire. Possui um acervo bibliográfico e fornece informações e dados sobre Freire e sua obra.

CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Rua Ministro de Godói, 1484

05015 — Perdizes, São Paulo, SP

Fone: (011) 864-1662

Fornece dados e informações sobre educação popular e sobre a obra de Freire em geral.

CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR VEREDA

Rua Cincinato Braga, 500, s/322 e 665

01333 — São Paulo, SP

Presidido por Paulo Freire, esse centro atua na área de educação popular, produz textos e materiais diversos sobre Freire e fornece informações sobre seu trabalho.

#### CENTRO PASTORAL VERGUEIRO

Rua Vergueiro, 7290

04272 — São Paulo, SP

Fone: (011) 914-2937 e (011) 273-3628

Atua na área de educação popular e também fornece informações sobre o trabalho de Paulo Freire.

#### CIDOC — Centro Intercultural de Documentación

Apartado 479

Cuernavaca, México

Criado por Ivan Illich, esse centro tem publicado e divulgado o pensamento e a obra de Paulo Freire por toda a América Latina.

#### CONSELHO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS PARA AMÉRICA LATINA — CEAAL

#### REDE DE APOIO À AÇÃO ALFABETIZADORA NO BRASIL

Caixa Postal nº 8 — Agência Central

20.001 — Rio de Janeiro, RJ

Fone: (021) 286-8330 e (021) 230-7690

Presidido por Paulo Freire, esse conselho, ligado ao ICAE — Conselho Internacional de Educação de Adultos, apóia o desenvolvimento da educação de adultos, dando prioridade a organizações não-governamentais que atuam na área de educação popular.

#### *CONVERGENCE — An International Journal of Adult Education*

P.O. Box 250, Station "F"

M4Y-2L5 — Toronto, Canadá

Publicado em quatro línguas (inglês, francês, espanhol e russo) foi um dos primeiros periódicos a chamar a atenção de educadores de adultos para as idéias de Paulo Freire, sendo ainda responsável pela publicação de vários textos de/sobre o eminente educador.

#### IBICT — Instituto Brasileiro de Informações em Ciências e Tecnologia

Av. W-3/Norte, Quadra 511, Bloco A

70.000 — Brasília, DF

Fone: (061) 273-8077

Fornece informações e cópias de textos de/sobre Paulo Freire.

IDAC — Instituto de Ação Cultural  
Rua Dr. Tirso Martins, 264, apto. 51  
04120 — Vila Mariana, São Paulo, SP

ou

27, Chemin des Crets  
1218 Grand Saconnex  
Genebra, Suíça

Fone: 022-989400

Criado em 1970, em Genebra, por Paulo Freire, constitui um centro de estudos e pesquisas educacionais que visa principalmente à divulgação das obras e do pensamento de seu fundador.

INODEP — Institute Ecuménique au Service du Développement des Peuples

Rue de L'Espérance, 31  
F-75013 — Paris, França

Fone: 01-5801678

Fornece informações e possui também um acervo bibliográfico de/sobre Paulo Freire. Publica e difunde ainda as obras e o pensamento de Freire nos países de língua francesa.

INSTITUTE OF ADULT EDUCATION

University of Dar-Es-Salaam

Dar-Es-Salaam, Tanzânia (África)

Produziu uma série de estudos e pesquisas sobre o sistema Paulo Freire de alfabetização e educação de adultos e sua aplicação ao contexto africano.

LARU — Latin American Research Unit

P.O. Box 673

Adelaide St. Post Office

Toronto, Ontário — Canadá

Possui grande acervo bibliográfico sobre educação de adultos e educação popular na América Latina, com uma seção especial dedicada a Paulo Freire.

MABIOC — Mouvement d'Animation de Base. International Ontmoetings — Centrum veer Basisgroepen

Kuringersteenweg 35 — B 3500

Hasselt, Bélgica

Fone: 011-252341

Possui vários textos em francês, alemão e flamengo de/  
sobre Paulo Freire.

MISS BIRGIT WINGENROTH

D-3430 Witzenhausen I

DrieBenst 10, Alemanha

Fone: 055-422320

Possui um dos maiores acervos particulares de dados e  
informações bibliográficos de/sobre Paulo Freire.

RESEARCH LIBRARY

Department of International Affaire — Division for  
Latin America United States Catholic Conference

P.O. Box 6066

1430 "K" St., N.W.

Washington, D.C., 20005, EUA

Possui um dos maiores acervos bibliográficos de/sobre  
Paulo Freire existentes nos Estados Unidos da América.

SPE — Scuola Professional Emigranti — Zurigo

Ausstellungsstr. 39

CH — 8005, Zurique, Suíça

Fone: 01-441135

Fornecer dados e informações sobre as mais variadas ex-  
periências da aplicação do sistema Paulo Freire de alfa-  
betização e educação de adultos no continente europeu.

SYRACUSE UNIVERSITY

Publications in Continuing Education

105 Roney Lane

Syracuse, N.Y. 13210, EUA

Publicou vários textos de/sobre Paulo Freire, especial-  
mente acerca das experiências com seu sistema de alfa-  
betização de adultos nos Estados Unidos da América.

THE ONTARIO INSTITUTE FOR STUDIES IN EDU-  
CATION — OISE

Department of Adults Education

The Paulo Freire Resources Collection

c/o The R.W. Jackson Library

252 Bloor St. West

M5S — IV6 — Toronto, Canadá

O Departamento de Educação de Adultos desse instituto possui vasto material audiovisual que mostra e relata o trabalho de Freire, e um dos maiores acervos bibliográficos de/sobre Paulo Freire publicados em inglês e francês.

UNIMEP — Universidade Metodista de Piracicaba  
Departamento de Educação  
Projeto de Ação Cultural e Tecnologia Aplicada (ACTA)  
Rua Rangel Pestana, 762  
Caixa Postal n.º 68  
13.400 — Piracicaba, SP  
Fone: (0194) 33-5011

Atua e desenvolve estudos e pesquisas na área de educação popular, com ênfase na linha proposta por Paulo Freire.

UNISINOS — Universidade do Vale dos Sinos  
Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE)  
Praça Tiradentes, 20  
Caixa Postal n.º 275  
93.000 — São Leopoldo, RS  
Fone: (0612) 92-1611

Promove estudos, reflexões e cursos sobre educação popular e produz textos e materiais diversos sobre o sistema Paulo Freire de alfabetização e educação de adultos.

UNIVERSITY OF MICHIGAN — University Microfilms  
International  
Dissertation Publishing  
P.O. Box 1764  
Ann Arbor, Michigan, 48106 — EUA

Fornece, através de seu banco de tese, cópias de dissertações sobre o sistema Paulo Freire de alfabetização e educação de adultos e sobre seu pensamento pedagógico.

U.S. OFFICE OF THE WORLD COUNCIL OF CHURCHES — Publications Service  
475 Riverside Drive, Room 439  
Nova York, N.Y., EUA  
Possui e fornece lista de publicações, em inglês, de/sobre Paulo Freire.



## BIBLIOGRAFIA

### Principais obras de Paulo Freire

(em ordem cronológica)

- (1) "A educação de adultos e as populações marginais. O problema dos mocambos". *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, INEP-MEC, 30(71): 81-93, jul./set. 1958.
- (2) *Educação e atualidade brasileira*. Recife, Universidade Federal do Recife, 1959.
- (3) "Escola primária para o Brasil". *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, INEP-MEC, 35(82):15-33, abr./jun. 1961.
- (4) "Conscientização e alfabetização; uma nova visão do processo". *Estudos Universitários*. Revista de Cultura da Universidade do Recife, Recife, 4:5-23, abr./jun. 1963.
- (5) *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- (6) "Papel da educação na humanização". *Revista Paz e Terra*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- (7) *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- (8) *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- (9) "Terceiro Mundo e teologia. Carta a um jovem teólogo". In: Carlos Alberto Torres. *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.
- (10) *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
- (11) *Educación para el cambio social*. Buenos Aires, Tierra Nueva, 1974.
- (12) "La conscientización desmitificada por Freire". Caracas, SIC-Centro Cumilla, 38:164-6, abr. 1975.
- (13) *Diálogo: desescolarización, estructuras, liberaciones, educación*. Buenos Aires, Busqueda-Celadec, 1975. Em co-autoria com Ivan Illich.

- (14) "A alfabetização de adultos: é ela um quefazer neutro?" *Educação & Sociedade*. Campinas, 1(1):64-70, set. 1978.
- (15) *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- (16) *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- (17) *Cartas à Guiné-Bissau. Registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- (18) *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Lisboa, Edições BASE, 1978.
- (19) "Exílio e identidade: a trajetória de dez anos do IDAC". In: Paulo Freire, Cláudio Ceccon, Miguel e Rosiska Darcy de Oliveira. *Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação*. São Paulo, Brasiliense, 1980. p. 9-14.
- (20) "Quatro cartas aos animadores de círculos de cultura de São Tomé e Príncipe". In: Carlos Rodrigues Brandão (org.). *A questão política da educação popular*. São Paulo, Brasiliense, 1980. p. 136-95.
- (21) *Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 15-9.
- (22) "Criando métodos de pesquisas e alternativas: aprendendo a fazer melhor através da ação". In: Carlos Rodrigues Brandão (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- (23) *A importância do ato de ler (em três artigos que se completam)*. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1982.
- (24) *Sobre educação (Diálogos)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 1, 1982.
- (25) "Educação: o sonho possível". In: Carlos Rodrigues Brandão (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 89-101.
- (26) *Paulo Freire ao vivo*. São Paulo, Loyola, 1983. Em co-autoria com Aldo Vannucchi e Wladimir dos Santos.
- (27) *Sobre educação (Diálogos)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 2, 1984.
- (28) *The politics of education: culture, power and liberation*. Haddley Mass., Bergin & Garvey, 1985.
- (29) "O sentido da avaliação na prática de base". In: José J. Queiróz (org.). *A educação popular nas comunida-*

- des eclesiais de base*. São Paulo, Paulinas, 1985. p. 97-101.
- (30) *Essa escola chamada vida*. São Paulo, Ática, 1985. Em co-autoria com Frei Betto.
- (31) *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. Em co-autoria com Antonio Faundez.
- (32) *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo, Cortez. Em co-autoria com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães.
- (33) *Fazer escola conhecendo a vida*. Campinas, SP, Papyrus, 1986. Em co-autoria com Adriano Nogueira e Débora Mazza.
- (34) *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Em co-autoria com Sérgio Guimarães.
- (35) *A alfabetização como elemento de formação da cidadania*. Brasília, maio de 1987 (mimeografado).
- (36) *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Em co-autoria com Ira Shor.
- (37) *Literacy: reading the word and the world*. Mass., Bergin & Garvey, 1987. Em co-autoria com Donald Macedo.
- (38) *Na escola que fazemos... uma relação interdisciplinar em educação popular*. Petrópolis, Vozes, 1988. Organizado em colaboração com Adriano Nogueira e Débora Mazza.

### Principais obras sobre Paulo Freire

- (39) ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem?* São Paulo, Summus, 1985. p. 102-13.
- (40) "Alfabetização em 40 horas: Goulart fala em Angicos". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 mar. 1963.
- (41) "A liberdade em aula". *Revista Interação*, 1(4):35, jun./jul. 1984. p. 6.
- (42) ASSMAN, Hugo. *Opresión-liberación: desafio a los cristianos*. Montevidéo, Tierra Nueva, 1971.
- (43) AVALONE FILHO, Olavo. "Paulo Freire, o educador do povo. Quem é ele e o que pensa?" *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov. 1978. p. 50.

- (44) AZEVEDO, Licínio & RODRIGUES, Maria da Paz. *Diário da libertação. (A Guiné-Bissau da nova África)*. São Paulo, Versus, 1977.
- (45) BARROS, Helene. "A experiência de aplicação do método Paulo Freire na alfabetização de adultos em Brasília". In: *Paulo Freire e a educação brasileira*. Brasília, Frente Cultural de Brasília, 1982. p. 6-11.
- (46) BEISIEGEL, Celso de Rui. "O método Paulo Freire de alfabetização de adultos". In: *Estado e educação popular: um estudo sobre a educação*. São Paulo, Pioneira, 1974. p. 164-72.
- (47) ———. *Política e educação popular. (A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)*. São Paulo, Ática, 1982.
- (48) BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *A questão política da educação popular*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- (49) ———. (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- (50) ———. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- (51) BRITTO, Jomard Muniz de. "Educação de adultos e unificação da cultura". *Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife, Recife*, 4:61-70, abr./jun. 1983.
- (52) CABRAL, Amílcar. "A arma da teoria (unidade e luta)". In: —. *Obras escolhidas de Amílcar Cabral*. Lisboa, Seara Nova, 1977. v. 1.
- (53) ———. "A prática revolucionária (unidade e luta)". In: —. *Obras escolhidas de Amílcar Cabral*. Lisboa, Seara Nova, 1977. v. 2.
- (54) "Caminhos de Paulo Freire". *Revista Ensaio*. São Paulo, 14:1-27, 1985. Entrevista a J. Chasin, Rui Gomes Dantas e Vicente Madeira.
- (55) CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi*. Recife, Guararapes, 1979.
- (56) COIMBRA, Oswaldo. "Paulo Freire: Não sou contra as cartilhas de alfabetização". *Nova Escola*, 1(3):48-50, abr. 1986.
- (57) COLLINS, Denis E. *Paulo Freire: his life, works and thought*. New York, Paulist Press, 1977.
- (58) CUNHA, Diana A. *As utopias da educação; ensaios sobre as propostas de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

- (59) DEWEY, John. *Democracia e educação*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.
- (60) ELIAS, John Lawrence. *Conscientization and deschooling: Freire and Illich's proposals for reshaping society*. Philadelphia, Penn., Westminster Press, 1976.
- (61) ENTREVISTA com Paulo Freire. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 26 ago. 1979. Folhetim, nº 136, p. 3-7.
- (62) "Este é Paulo Freire". *Jornal Versus*. São Paulo, 2(13): 38-9, ago. 1977. Debate entre Paulo Freire e Ivan Illich.
- (63) "Encontro com Paulo Freire". *Educação & Sociedade*. Campinas, SP, I(3):47-75, maio 1979. Entrevista a Lígia Chiappini Moraes Leite.
- (64) FARIA, Wilson de. "O ensino libertário". In: *Teorias de ensino e planejamento pedagógico*. São Paulo, EPU, 1987. p. 27-50.
- (65) \_\_\_\_\_. *Vida e educação*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.
- (66) FAUNDEZ, Antonio. "Notas sobre a cultura escrita e o processo da alfabetização nas Ilhas de São Tomé e Príncipe". *Educação & Sociedade*. São Paulo, Cortez/CEDES, 6(19):73-90, ago. 1984.
- (67) \_\_\_\_\_. *Oralité et écriture en Afrique*. Genebra, Conselho Mundial das Igrejas, 1986.
- (68) FÁVERO, Osmar (org.). *Cultura popular; educação popular. Memórias dos anos 60*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- (69) FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- (70) FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola*. Uberlândia, UFUB-MG / Goiânia, UCG-GO, 1986.
- (71) FREINET, Célestin. *A educação pelo trabalho*. Lisboa, Presença, 1974.
- (72) FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- (73) FURTER, Pierre. "Paulo Freire ou o poder da palavra". In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- (74) GADOTTI, Moacir. *A educação contra a educação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 154-9.

- (75) \_\_\_\_\_. "É possível aplicar o método Paulo Freire hoje?" In: *Educação e compromisso*. Campinas, SP, Papirus, 1985, p. 45-9.
- (76) \_\_\_\_\_. FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.
- (77) \_\_\_\_\_. "A educação como ato político: a 'pedagogia do oprimido'". In: *Pensamento pedagógico brasileiro*. São Paulo, Ática, 1987. p. 26-38.
- (78) GARAUDY, Roger. "A pedagogia de Paulo Freire e os teólogos da libertação". In: *O ocidente é um acidente: por um diálogo das civilizações*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1978. p. 141-6.
- (79) GERHARDT, Heinz-Peter. "Angicos — Rio Grande do Norte — 1962/63 (A primeira experiência com o sistema Paulo Freire)". *Educação & Sociedade*. São Paulo, Cortez/CEDES, 5(14):5-34, maio 1983.
- (80) GIROUX, Henry A. "Paulo Freire e o conceito de alfabetização crítica". In: *Pedagogia radical*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1983. p. 80-7.
- (81) GÔES, Moacyr de. *De pé no chão também se aprende a ler*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- (82) HADDAD, Sérgio. "Educação para a participação política. O exemplo Paulo Freire". *Revista de Educação AEC — Associação de Educadores Católicos*. Brasília, 11(43):27-38, 1982.
- (83) \_\_\_\_\_. "Conscientização e alfabetização de adultos". *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, 52:97-100, fev. 1985.
- (84) HARPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel e Rosiska Darcy de. *Cuidado, escola!* São Paulo, Brasiliense, 1980.
- (85) HERNÁNDEZ, Isabel. *Educação e sociedade indígenas; uma aplicação bilíngüe do método Paulo Freire*. São Paulo, Cortez, 1981.
- (86) ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- (87) JANNUZI, Gilberta S. Martino. *Confronto pedagógico: Paulo Freire e Mobral*. São Paulo, Cortez/Moraes, 1979.

- (88) JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.
- (89) ———. *Sem ódio nem violência; perspectiva da libertação segundo Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.
- (90) ———. *Libertação como alienação? A metodologia antropológica de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.
- (91) LEITE, Lígia Chiappini Moraes. "Rousseau, Freinet e Paulo Freire: educação transformadora e educação conservadora". In: *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. p. 75-7.
- (92) ———. "Encontro com Paulo Freire". *Educação & Sociedade*. São Paulo, CEDES/Cortez, I(3):47-75, maio 1979.
- (93) LIMA, Lauro de Oliveira. "Método Paulo Freire; processo de aceleração da alfabetização de adultos". In: *Tecnologia, educação e democracia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. p. 173-203.
- (94) LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- (95) MAKARENKO, Anton Semionovitch. *Poema pedagógico*. São Paulo, Brasiliense, 1986. 3 v.
- (96) MANFREDI, Sílvia Maria. *Política e educação popular (Experiências de alfabetização no Brasil com o método Paulo Freire — 1960/1964)*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1981.
- (97) MELO, José Marques de. "A comunicação na pedagogia de Paulo Freire". In: *Comunicação e libertação*. Petrópolis, Vozes, 1981. p. 23-51.
- (98) "Método Paulo Freire: um método de conhecimento". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 nov. 1978. p. 35.
- (99) MONCLÚS, Antonio. *Pedagogía de la contradicción: Paulo Freire*. Barcelona, Anthropp, 1988.
- (100) MOURA, Manuel. *O pensamento de Paulo Freire: uma revolução na educação*. Lisboa, Multinova, 1978.
- (101) NAZARIO, Julian. "A transformação do mundo: o método Paulo Freire à luz da semiótica". *Interação*. São Paulo, 4(25):17-9, jan./mar. 1987.
- (102) "Não há educação neutra". *Movimento*. São Paulo, 96:13-4, 2 maio 1977.

- (103) OLIVEIRA, Admardo S. de. "Os estágios da consciência em Paulo Freire". *Interação*. São Paulo, 3(20):17-20, jun./jul. 1986.
- (104) ———. *Bibliografia comentada de/sobre Paulo Freire*. Vitória, UFES, 1987.
- (105) ——— et alli. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo, Loyola, 1985.
- (106) OLIVEIRA, Rosiska Darcy de & DOMINICÉ, Pierre. *Freire versus Illich*. Genebra, Suíça, IDAC (Documento nº 8), 8 dez. 1975.
- (107) OLIVEIRA, Rosiska e Miguel Darcy de. *Guiné-Bissau: reinventar a educação*. Lisboa, Livraria Sá Costa/IDAC, 1978.
- (108) "O profeta do be-a-bá". *Veja*. São Paulo, 563:3-6, 20 jun. 1979. Entrevista a Claudius Ceccon.
- (109) PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira*. São Paulo, Loyola, 1973.
- (110) ———. *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- (111) "Paulo Freire: a alfabetização é um ato político". *Cadernos do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro, 28:34-9, out./nov. 1980. Entrevista a Paulo Cannabrava Filho.
- (112) "Paulo Freire com a palavra". *Proposta*, Revista da FASE. Rio de Janeiro, 16:4-10, mar. 1981.
- (113) "Paulo Freire: eu quero ser reinventado". *Psicologia Atual*. São Paulo, Spagat, 3(13):14-7, 1980.
- (114) "Paulo Freire, exclusivo: quem inaugura a violência não é o violentado, mas quem violenta". *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, I(76):51-60, jan. 1982.
- (115) "Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda". *O Pasquim* (edição especial). Rio de Janeiro, 462:13-4, 5 maio 1978. Entrevista a Claudius Ceccon e Miguel Paiva.
- (116) PISTRAK. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- (117) "Quem tem medo de Paulo Freire?" *O Pasquim*. Rio de Janeiro, 498:8-9, 12-18 jan. 1979.
- (118) REIMER, Everett. "O papel revolucionário da educação". In: *A escola está morta*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979. p. 149-59.

- (119) ROSSI, Wagner Gonçalves. *Pedagogia do trabalho*. São Paulo, Moraes, 1981.
- (120) SANTOS, Paulo de Tarso. "Pedagogia do oprimido e educação do colonizador". *Educação & Sociedade*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1(3):24-36, maio 1979.
- (121) SARUP, Madan. "O solapamento das hierarquias tradicionais". In: *Marxismo e educação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p. 58-62.
- (122) SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. "A dialética do diálogo libertador de Freire". In: *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 68-80.
- (123) SEGUNDO Congresso Nacional de Educação de Adultos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, INEP-MEC, 30(71):s.p., jul./set. 1958.
- (124) SOUZA, João Francisco de. *Uma pedagogia da revolução*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.
- (125) SUCHODOLSKI, Bogdan. *Teoría marxista de la educación*. México, Grijalbo, 1966.
- (126) TORRES, Carlos Alberto. *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.
- (127) \_\_\_\_\_. *Diálogo com Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979.
- (128) \_\_\_\_\_. (org.). *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1981.
- (129) TUNNERMANN, Carlos. *Nicarágua triunfa en la alfabetización. Documentos y Testimonios de la Cruzada Nacional de Alfabetización*. Ministerio de Educación, Departamento Ecuménico de Investigación. São José, Costa Rica, s. ed., 1981.
- (130) VANNUCCHI, Aldo (org.). *Paulo Freire ao vivo*. São Paulo, Loyola, 1983.
- (131) WEREBE, Maria José Garcia. "Inovação pela mudança nos objetivos, na orientação e nas técnicas da educação: a pedagogia de Paulo Freire". In: Walter E. Garcia (org.). *Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1980. p. 257-8.
- (132) WERTHEIN, Jorge (org.). *Educação de adultos na América Latina*. Campinas, SP, Papirus, 1985.

## PENSAMENTO E AÇÃO NO MAGISTÉRIO

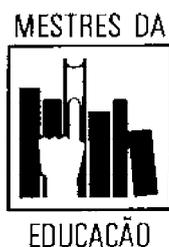
A série Pensamento e Ação no Magistério baseia-se numa concepção global da Educação e propõe-se a abordar de forma integrada a teoria e a prática educacionais. Os três selos abaixo — Fundamentos, Recursos Didáticos e Mestres da Educação — indicam a ênfase dada a cada um desses aspectos.



Livros que focalizam a fundamentação teórica indispensável à formação pedagógica dos professores de pré-escola, 1.º grau e demais licenciaturas, sem esquecer, contudo, os componentes metodológicos.



Temas voltados para a elaboração dos mais variados recursos auxiliares no processo de ensino-aprendizagem. Cada livro encerra a experiência concreta de educadores muito atuantes, com frequência só divulgada pela tradição oral.



Obras que dão uma visão histórica e filosófica da atuação de mestres que se dedicaram ou contribuíram para a Educação. Imprescindíveis a todos os educadores que, desejando transformar o futuro, precisam compreender o passado e o presente.

A série

## *Pensamento e Ação no Magistério*

reúne as contribuições teóricas e práticas necessárias a todos os educadores que desejam modificar seu fazer pedagógico no dia-a-dia em sala de aula.

A série é dirigida àqueles que buscam interagir com a criança e o adolescente, participando vivamente de seu desenvolvimento global.

### **Convite à leitura de PAULO FREIRE**

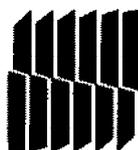
O pensamento pedagógico de Paulo Freire, educador reconhecido, respeitado e querido no Brasil e no mundo, é tratado aqui no contexto histórico e de vida do autor. O livro foi escrito como o próprio Paulo Freire o faria, utilizando um método, partindo de uma prática de vitórias e derrotas em que se aprende com a própria vida. O apoio em textos do autor pretende "deixar falar" Paulo Freire.

É o testemunho de uma vida dedicada à educação, principalmente em situações desfavoráveis, mostrando como se pode tirar proveito das adversidades, dos limites e aprender com eles.

A vida e a obra de um homem otimista e crítico como Paulo Freire deverá servir como estímulo para que prossigamos na tarefa coletiva de construção e reconstrução social, na qual o educador tem um papel decisivo.

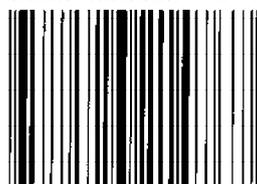
*Menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não poderia deixar de estar repleta de experiências de sombras.*

Paulo Freire



**editora scipione**

ISBN 852621476-4



9 788526 214767